



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA - PROFHISTÓRIA

Joice de Souza Avelina Costa

**SAMBAQUIS COMO PONTES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NOS ANOS
INICIAIS: EXPLORAR, ENTENDER E VALORIZAR O PATRIMÔNIO CULTURAL
DESDE A SALA DE AULA**

Florianópolis

2025

Joice de Souza Avelina Costa

**SAMBAQUIS COMO PONTES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NOS ANOS
INICIAIS: EXPLORAR, ENTENDER E VALORIZAR O PATRIMÔNIO CULTURAL
DESDE A SALA DE AULA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História - ProfHistória da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Ensino de História.

Orientador(a): Prof. Dr. Sandor Fernando Bringmann

-

Florianópolis

2025

Costa, Joice de Souza Avelina

SAMBAQUIS COMO PONTES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS: : EXPLORAR, ENTENDER E VALORIZAR O PATRIMÔNIO CULTURAL DESDE A SALA DE AULA /Joice de Souza Avelina Costa ; orientador, Sandor Fernando Bringmann, 2025.

229 p.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Ensino de História. 2. Sambaquis. 3. Ensino de História . 4. História Local . 5. Patrimônio Arqueológico. I. Bringmann, Sandor Fernando . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História. III. Título.

Joice de Souza Avelina Costa

Sambaquis como pontes para o Ensino de História nos Anos Iniciais:
Explorar, entender e valorizar o Patrimônio Cultural desde a sala de aula

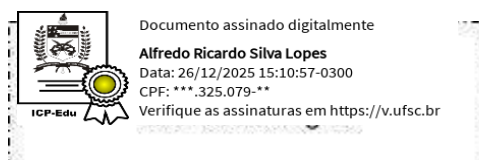
O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 19 de novembro de 2025, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Alfredo Ricardo Silva Lopes
Universidade Federal de Santa Catarina

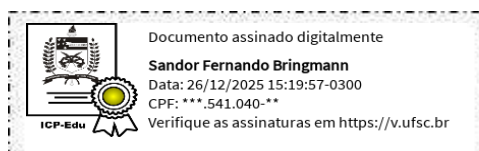
Prof.(a) Dr.(a) Bruna Cataneo Zamparetti
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof.(a) Dr.(a) Adriana Angelita Conceição
Universidade Federal de Santa Catarina - Suplente

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestra em Ensino de História (ProfHistória)



Coordenação do Programa de Pós-Graduação



Prof.(a) Dr.(a) Sandor Fernando Bringmann
Orientador(a)

Florianópolis, 2025.

Dedico este trabalho aos povos construtores de sambaquis. Dedico também à todas as mulheres que vieram antes de mim, em especial às minhas avós Olga e Almerinda, minha mãe Isabel, minha sogra Arlete, minhas tias Salete, Lorena e Maria Aparecida. Aos meus irmãos Josiane, Jonas e Josielle, sobrinhos Joaquim, Gustavo, Luísa e Lara, ao meu pai João Carlos e companheiro de vida Fabrício. Vocês são meu esteio e lugar de refúgio. É por nós, a educação é um ato de resistência!

AGRADECIMENTOS

Um sonho...foi assim que me senti nos últimos meses! Em nenhum momento me fatiguei ou pensei em desistir. A caminhada no Mestrado Profissional foi tão florida, encantadora e leve. Agradeço aos mestres que tive nessa caminhada, aos meus colegas que tornaram tudo mais leve, os cafés e almoços no restaurante universitário. As idas à livraria e biblioteca, as noites dividindo apartamento e as conversas nos intervalos. Apoio necessário, para quem viajava cento e vinte quilômetros de ida e volta para a capital encantadora do estado. Tudo foi tão lindo, passou tão rápido, eu sonhei tanto em cursar o mestrado, que fica um gostinho de quero mais. Já sinto falta de tudo que aprendi, das leituras, debates, diálogos, trabalhos, pesquisas e congressos.

Quero agradecer ao meu companheiro Fabrício que me apoiou desde as provas seletivas, até o primeiro dia de aula e foi meu apoio emocional. Gratidão à minha família que sempre sonhou o meu sonho e vibrou por todas as minhas conquistas, estiveram comigo até o final. Professor e Orientador Sandor Fernando, te agradeço pela paciência, dedicação, profissionalismo e delicadeza para me corrigir e orientar. Seus conhecimentos e fala sempre preocupada, mansa e firme me conduziram nesta caminhada. Professora Adriana Angelita, minha amiga, mentora, coordenadora e incentivadora. Seu convite para participar do projeto de Extensão Vozes Decoloniais na Escola, mudou a minha trajetória dentro do Mestrado Profissional em Ensino de História. Sua forma de ver o mundo e respeito aos povos tradicionais me ensinam todos os dias! Agradeço também a Secretaria Municipal de Educação de Laguna e todos os profissionais que participaram do Curso de Formação sobre os Sambaquis, em especial minha amiga Jamille Militão, parceira e grande entusiasta da educação pública.

Agradeço ao Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) por oportunizar o programa há mais de uma década, pensando nos professores que atuam no chão da sala de aula, valorizando nossos saberes e nos ensinando o caminho para aprimoramento pessoal e profissional. Gratidão ao CAPES e a UFSC.

Agradeço profundamente à minha banca examinadora, composta pelos professores Alfredo Ricardo, Bruna Zamparetti e Adriana Angelita, pela leitura atenta, pelas valiosas contribuições, sugestões enriquecedoras e pelo tempo

dedicado à avaliação deste trabalho. As orientações recebidas foram fundamentais para o aprimoramento da pesquisa e para o desenvolvimento deste estudo.

Gostaria de agradecer também a todos os professores e mestres que tive no caminho, que sempre acreditaram na educação e me fizeram acreditar que através do estudo eu poderia mudar a minha realidade. Estudar é um ato revolucionário e através da educação eu conquistei tudo que sempre sonhei. Dedico esta pesquisa a todos os estudantes que encontrei na minha caminhada, cada um com suas características me fizeram ser a profissional que me tornei.

Agradeço a Deus, à todas as divindades e aos meus ancestrais por terem me guiado e guardado durante essa caminhada.

“A história nunca diz adeus. A história diz:
até logo”. (GALEANO, 1998, p. 17).

RESUMO

A presente pesquisa analisa o potencial dos sambaquis de Laguna, em Santa Catarina, como ponte de aprendizado de História para crianças nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Consideramos ao longo do processo, a importância desses sítios arqueológicos como herança cultural e espaços de memória. O objetivo é compreender como os professores da rede municipal de Laguna/SC entendem, incorporam e dão novo significado aos saberes sobre os sambaquis em suas aulas, valorizando a história da região, o conhecimento das populações indígenas e a educação patrimonial. O trabalho utiliza uma metodologia qualitativa e colaborativa, focada na formação continuada de vinte professores. Foram realizadas reuniões presenciais e virtuais, workshops educativos, criação conjunta de recursos didáticos, um tour guiado aos sambaquis e a organização de uma mostra educativa com os projetos realizados. Os resultados indicam que a formação continuada estimula a apropriação consciente do patrimônio da região, aprofunda a compreensão histórica dos estudantes, reforça a identidade cultural e amplia a percepção sobre a presença e a luta dos povos ancestrais no nosso território. A pesquisa evidencia que o ensino sobre os sambaquis conecta o currículo escolar a ações interdisciplinares, unindo História, Cultura, Patrimônio Arqueológico e Educação Patrimonial, além de apoiar a implementação da Lei 11.645/2008. Conclui-se que os sambaquis funcionam como ponte entre o passado e o presente, permitindo a criação de narrativas diversas, descolonizadas e situadas. Estas reconhecem a variedade cultural, estimulam a proteção do patrimônio e fomentam a formação de cidadãos conscientes de sua história, território e memória comum.

Palavras-chave: Sambaquis; Ensino de História; Educação Patrimonial; História Local; Perspectiva Decolonial; Anos Iniciais.

ABSTRACT

This research analyzes the potential of the sambaquis of Laguna, Santa Catarina, as a bridge for learning history for children in the early years of elementary school. Throughout the process, we considered the importance of these archaeological sites as cultural heritage and spaces of collective memory. The objective is to understand how teachers in the municipal school system of Laguna, Santa Catarina, understand, incorporate, and give new meaning to knowledge about sambaquis in their classes, valuing the history of the region, knowledge of indigenous populations, and heritage education. The work uses a qualitative and collaborative methodology, focused on the ongoing training of twenty teachers. In-person and virtual meetings, educational workshops, joint creation of teaching resources, a guided tour of the sambaquis in the Lighthouse region, and the organization of an educational exhibition featuring the completed projects were held. The results indicate that continuing education encourages the conscious appropriation of the region's heritage, deepens students' historical understanding, reinforces cultural identity, and broadens awareness of the presence and struggle of ancestral peoples in our territory. The research shows that teaching about sambaquis connects the school curriculum to interdisciplinary activities, uniting History, Culture, Archaeological Heritage, and Heritage Education, in addition to supporting the implementation of Law 11.645/2008. The conclusion is that sambaquis function as a bridge between the past and the present, enabling the creation of diverse, decolonized, and situated narratives. These narratives recognize cultural diversity, encourage heritage protection, and foster the development of citizens aware of their history, territory, and shared memory.

Keywords: Sambaquis; History Teaching; Heritage Education; Local History; Decolonial Perspective; Early Years.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Escavações no Sambaqui da Cabeçuda I. Laguna. SC.	35
Figura 2 – Sambaqui Cabeçuda I em 1950	36
Figura 3 – Sambaqui Cabeçuda I em 1950	36
Figura 4 – Sambaqui Cabeçuda I nos dias atuais	36
Figura 5 - Sambaqui Santa Marta I em Laguna. Santa Catarina nos dias atuais	36
Figura 6 - Sambaqui Ipuã em Laguna. Santa Catarina.	37
Figura 7 - Ilustração representativa do modo de vida dos povos construtores de sambaquis	39
Figura 8 - Representação gráfica da confecção de artefatos em pedra polida em locais chamados oficinas líticas.	43
Figura 9 - Oficina lítica no Sítio Arqueológico Cabeçuda. Laguna. Santa Catarina	43
Figura 10 - Mapa de Laguna, Santa Catarina	48
Figura 11 - Sambaqui da Carniça (Campo Verde). Laguna. Santa Catarina	48
Figura 12-Laguna retratada pelo pintor francês Jean-Baptiste Debret	51
Figura 13 - Centro Histórico de Laguna, vista do alto do Morro da Glória.1930.	51
Figura 14 - Foto do Centro Histórico de Laguna. Anos 2000	51
Figura 15 - A região da Laguna de Santa Marta e seus sambaquis	53
Figura 16 - Esquema do enredo do jogo: escavação arqueológica, vivência sambaqueira e museu	90

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Linha do Tempo das Legislações sobre os Sambaquis.	32
Tabela 2 – Competências Gerais da BNCC que relacionam-se com o estudo dos sambaquis	72
Tabela 3 – Competências específicas da área de Ciências Humanas da Base Nacional Comum Curricular	72
Tabela 4 - Habilidades da BNCC que relacionam-se com o estudo dos sambaquis	73
Tabela 5 - Encontros realizados durante a formação continuada sobre os Sambaquis	91
Tabela 6 - Mapa das experiências docentes	102

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AP	Antes do presente
ANPUH	Associação Nacional de História
ARISE	Arqueologia Interativa e Simulações Eletrônicas.
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CNSA	Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos
CANVA	Plataforma online de design gráfico
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CED	Centro de Educação
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DNA	Ácido Desoxirribonucleico em inglês Deoxyribonucleic Acid
EEB	Escola de Educação Básica
ERER	Educação para as Relações Étnico-Raciais
GRUPEP	Grupo de Arqueologia Unisul
IAG	Inteligência Artificial Generativa
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ISBN	International Standard Book Number
MAE	Museu de Arqueologia e Etnologia
NMM	Nível Médio do Mar
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PROFISTÓRIA	Mestrado Profissional em Ensino de História
PROEXT-PG	Programa de Extensão da Educação Superior na Pós-Graduação
SC	Santa Catarina
QR Codes	- sigla para <i>Quick Response Code</i> , ou "código de resposta rápida"
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNISUL	Universidade do Sul de Santa Catarina
USP	Universidade de São Paulo

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Levantamento de dossiês Anpuh 2014-2024	69
Gráfico 2 – Análise de 42 revistas História & Ensino. 2014-2023	69
Gráfico 3 – Análise de 42 revistas História & Ensino. 2014-2023	75
Gráfico 4 - Idade dos educadores participantes do curso de formação	94
Gráfico 5 - Identificação Étnico-racial dos cursistas	94
Gráfico 6 - Formação dos cursistas em Pedagogia	95
Gráfico 7 - Tempo de atuação docente dos cursistas	96
Gráfico 8 - Especialização na área da Pedagogia	97
Gráfico 9 - Patrimônio Arqueológico nas aulas	97
Gráfico 10 - Os sambaquis nas aulas dos cursistas	97
Gráfico 11 - Visita de estudos aos sambaquis	98

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 SAMBAQUIS: PATRIMÔNIO HISTÓRICO, CULTURAL E ARQUEOLÓGICO	25
2.1 Os sambaquis, evidências materiais e o auxílio da Arqueologia	33
2.2 Definição, história e características dos Sambaquis	38
2.3 O contexto de Laguna e a presença dos sambaquis na história local	47
3 REFERENCIAL TEÓRICO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: UMA ANÁLISE SOBRE LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL	60
3.1 Como abordar os sambaquis a partir da Base Nacional Comum Curricular (Anos Iniciais)?	71
3.2 Como o Ensino de História se utiliza dos sambaquis nos Anos Iniciais: Educação Patrimonial como possibilidade	75
4 DIMENSÃO PROPOSITIVA: A REVISTA EDUCATIVA SOBRE OS SAMBAQUIS, A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES/AS E AS VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS	79
4.1 A Revista dos Sambaquis: uma Análise Propositiva	80
4.2 Dimensão Propositiva: Formação Continuada de Professores da Rede Municipal de Laguna - Curso de Extensão sobre os Sambaquis de Laguna nos Anos Iniciais	87
4.3 Reflexões sobre a prática docente e aprendizagem dos (as) estudantes dos Anos Iniciais, a partir do curso de formação e da revista educativa sobre os Sambaquis	93
4.4 Mapa das Experiências dos/as Professores/as participantes do curso de formação continuada sobre os Sambaquis - Povos Indígenas de longa duração	101
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	112
APÊNDICE A: Infográficos com as vivências pedagógicas dos/as professores/as	119
APÊNDICE B: Registros fotográfico de todo processo da formação continuada e revista pedagógica sobre os sambaquis	126
ANEXO A: REVISTA: Sambaquis no ensino de história	138
ANEXO B: Revista elaborada pelos estudantes do 5º ano da EEB Elizabeth Ulyssea Arantes, professora Kelly Alfonso	175
ANEXO C: Template dos relatos de experiências	200

1 INTRODUÇÃO

Um povo sem memória ancestral é um povo perdido no tempo e no espaço (Daniel Munduruku, 2003)

Desde a infância, a história está muito viva na minha vida. Na escola e nas conversas com meu pai, a curiosidade de entender o mundo e a reflexão sobre as mazelas, as desigualdades e a diversidade encontrada nas diferentes histórias que ele narrava, criava um cenário de incentivo e estímulo ao conhecimento. As provocações, indagações e percepções que meus pais tinham da vida, sempre nos fizeram refletir sobre o mundo à nossa volta, com a lente da curiosidade e da empatia. Sempre fomos muito dedicados à leitura e por isso, a criatividade era constante no nosso lar, do pouco, meu pai fazia muito e sem reclamar nos ensinou a ter sonhos e esperança. Embora ele e minha mãe tivessem estudado pouco no começo da sua vida, formaram uma família numerosa e sempre nos inspiraram a estudar, tinham a convicção que a educação poderia mudar a realidade dos seus quatro filhos.

Compreendo que sou privilegiada, pois a maioria da população enfrenta dificuldades de permanência na escola, mas minha família sempre estimulou e graças às políticas públicas, todos os quatro filhos do jovem casal que os criou com um salário mínimo, concluíram a graduação e hoje todos somos educadores. Pensando bem é uma forma de retribuir tudo o que a Educação fez por nós, ela desempenha um importante papel na formação da cidadania e na criação de identidades sociais e individuais, pois são nos ambientes educacionais formais ou não, que despertamos para entender o nosso lugar no mundo, podendo nos sentir parte de um todo onde cada indivíduo é único, independente de credo, etnia, cor etc., estamos todos de alguma forma conectados.

Como educadora, compreendo que o fazer pedagógico está repleto de desafios e a História possibilita irmos além das narrativas de eventos passados, sendo um instrumento para entender o que vivemos no presente e principalmente projetando futuros. Ao longo da história, tanto os currículos, quanto os conceitos e metodologias do ensino de História são atravessados por disputas políticas, econômicas e sociais que definem quais narrativas ganham centralidade e quais são silenciadas. Como afirma Moreira (Org., 2002), o currículo não é um conjunto neutro

de conteúdos, mas uma construção cultural e política marcada por escolhas seletivas orientadas por interesses hegemônicos. Assim, ele expressa tensões e conflitos que evidenciam sua condição histórica e socialmente situada.

Partindo desta reflexão, o ensino de História e a formação docente precisam ir além de ministrar conteúdos e conceito, essas práticas devem promover e resistir à homogeneização curricular, valorizando saberes locais, memórias subalternizadas e experiências históricas outras, articulando a formação acadêmica com a autonomia e conhecimentos dos sujeitos envolvidos no processo. Nas últimas décadas, novas perspectivas têm impulsionado debates que ampliam a necessidade de contemplar no currículo as vozes e experiências de povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos, afro-brasileiros e demais grupos historicamente invisibilizados.

Em nosso país, a construção da história nacional se deu à custa da invisibilização de memórias locais e de experiências não hegemônicas, sobretudo aquelas ligadas aos povos originários. Os povos construtores dos sambaquis, por exemplo, populações indígenas que ocuparam o litoral brasileiro há mais de sete mil anos, permanecem desconhecidos pela maioria da população e dificilmente aparecem nos currículos escolares. Na graduação em História, dependendo da universidade, são temas que sequer são abordados, no curso de Pedagogia então, onde temos apenas a disciplina de Metodologia do Ensino de História, não cabe tantas abordagens essenciais no pequeno espaço de tempo da formação inicial. Por isso, torna-se tão importante as formações continuadas e cursos de extensão que possibilitem as abordagens das leis 10.639/03 e 11.645/08 nas escolas e nos currículos.

A principal motivação para pesquisar sobre os sambaquis, remete a minhas experiências afetivas ainda como estudante da educação básica, tive uma professora de História brilhante que sempre valorizou nas suas aulas a história local, numa perspectiva que valoriza a diversidade, voltada às populações originárias e tradicionais. Com uma abordagem poética e criativa, a professora Adriana Valgas Guedes dos Santos apresentava conceitos históricos por meio de poemas, músicas e atividades práticas. Entre essas experiências, destaco a mascote “Maria Conchinha”, criada para trabalhar a Educação Patrimonial e que se tornou um símbolo importante na minha memória escolar.

Aos doze anos, visitei a aldeia mbyá-guarani do Morro dos Cavalos, em Palhoça/SC, vivência que plantou em mim a semente da valorização da história

indígena, dos sítios arqueológicos e do patrimônio cultural. Lembro das vezes que a professora Adriana participava de cursos e vinha com muitas ideias. A primeira vez que vi o material “A cor da cultura” foi nas suas mãos, na época, fitas cassetes e livros. Toda animada e empolgada, trazia para a sala de aula um universo de possibilidades. Inspirada pela professora Adriana, sempre busco deixar a lembrança por meio da afetividade em meus estudantes, tirando-os da sala de aula e apresentando espaços não formais de aprendizagem para construção coletiva de saberes.

Outra motivação para a pesquisa, remonta aos primeiros anos que atuei na educação básica como professora no 6º ano em 2015, numa escola rural, no interior de Laguna, onde muitos estudantes viviam em localidades rodeadas de sambaquis, porém, conversando com os mesmos sobre as histórias que ouviam em casa sobre os sítios arqueológicos, muitos desconheciam a história destes espaços, ou quando conheciam era de forma superficial, foi então que percebi a necessidade de organizar um trabalho que alcançasse esses ciclos de ensino das escolas municipais, oportunizando aos estudantes o estudo significativo do patrimônio arqueológico do município. Valorizando seus saberes e vivências nestes espaços, refletindo sobre a história e relação dos povos construtores de sambaquis com o meio em que muitos continuam inseridos.

O fato de me deparar com a fragilidade do ensino sobre os sambaquis nos Anos Iniciais foi decisivo para a escolha do tema da pesquisa, possibilitando que os estudantes reflitam sobre a preservação do patrimônio local, associando estes espaços ocupados pelas comunidades relacionando com a memória dos primeiros habitantes do litoral brasileiro. Por isso, abordar os sambaquis na educação básica, sobretudo nos Anos Iniciais é uma forma de resistir ao apagamento histórico, reconhecendo estes vestígios arqueológicos como marcos de identidade, território e ancestralidade.

Apresento os sambaquis de Laguna no centro das práticas pedagógicas, como forma de romper com a “história única” e com o modelo eurocêntrico de currículo, que reforça a falsa ideia de que os povos indígenas pertencem apenas a um passado distante. Como relatado por alguns professores que participaram do curso, eles iniciavam a história local com a chegada dos colonizadores. Quero mostrar que é necessário valorizar epistemologias historicamente deslegitimadas, como forma de reparação simbólica, dialogando com a perspectiva decolonial do

ensino de História, demonstrando que é possível outras formas de narrar o tempo e espaço, a partir do território vivido, vivenciado e da memória das comunidades.

Proponho na pesquisa, a abordagem desse tema nos Anos Iniciais, mais especificamente nas turmas de 4º e 5º anos, buscando valorizar os vestígios do passado, mas principalmente visibilizar narrativas silenciadas pelas estruturas coloniais do conhecimento. Como citado no título da pesquisa, os sambaquis tornam-se pontes para reconstruir memórias, afirmando identidades e promovendo um ensino de História que considera a pluralidade de tempos, sujeitos e territórios. A escola é um espaço formativo que desempenha papel central nessa construção e os professores da rede municipal tornam-se mediadores e multiplicadores dos saberes sobre os sambaquis, fazendo com que as crianças reconheçam os povos originários, sua presença, resistência e legado, articulando passado e presente.

Busco também na pesquisa, articular o ensino de História ao Patrimônio Cultural e os objetivos da Educação Patrimonial, dialogando sobre a historicização do patrimônio e sobre as políticas públicas de preservação no Brasil. A valorização do passado histórico — frequentemente considerada o principal objetivo dessa área — ganha novas dimensões, desde a crítica às formas tradicionais de produção da memória coletiva até a proposição de práticas culturais que visibilizem grupos e narrativas historicamente marginalizadas (SILVA; DELGADO, 2013, p. 74).

Todos os caminhos que percorri, pessoas que conheci na jornada me levaram a pensar na pesquisa e de que forma eu alcançaria o chão da escola. A minha trajetória desde a educação básica, passando pela graduação, atuação como educadora e o ingresso no Mestrado Profissional em Ensino de História da UFSC, em 2024, foram criando possibilidades para abordagem dos sambaquis.

Na disciplina de História Local, ministrada pelo professor Dr. Alfredo Ricardo Silva Lopes, elaborei um projeto de pesquisa como atividade avaliativa. A partir desse exercício, emergiu a proposta que viria a nortear esta dissertação: a criação de um curso de formação continuada para professores da rede municipal de Laguna sobre os sambaquis, articulando ensino de História, Educação Patrimonial e perspectivas decoloniais. O projeto foi aprimorado nas aulas de Seminário de Pesquisa com a professora Dra. Jane Bitencourt e tornou-se o tema da dissertação. Tudo foi se alinhando, as pessoas foram se chegando, me apoiando, incentivando e o trabalho final foi uma colcha de retalhos, feito por muitas mãos, com sensibilidade e afetividade.

O projeto ganhou força com o convite para participar do Projeto de Extensão “Vozes Decoloniais na Escola: Saberes Interculturais para a Transformação”, coordenado pela professora Dra. Adriana Angelita Conceição que também lecionou uma disciplina no ProfHistória (História do Ensino de História). Assim, nasceu o Curso de Extensão “Sambaquis de Laguna/SC como Possibilidade na Formação de Professores dos Anos Iniciais”, desenvolvido em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Laguna e com a participação de 18 professores em 2024 e 20 professores em 2025.

A formação incluía encontros teóricos, oficinas pedagógicas, a produção de materiais didáticos, uma visita orientada aos sambaquis do Farol de Santa Marta e, ao final, uma Mostra de práticas pedagógicas, como forma de culminância das atividades desenvolvidas ao longo dos nove meses de formação. Os encontros resultaram na revista educativa *Ensino de História e Interdisciplinaridade: Como Abordar os Sambaquis nos Anos Iniciais*, publicada com apoio da CAPES e Projeto Vozes Decoloniais na Escola, pelo Programa de Extensão da Educação Superior na Pós-Graduação- PROEXT-PG CAPES/SESU, com financiamento do edital n. 3/2024/PROPG/PROEX/PROEXT-PG 2024 – UFSC.

A parceria com a Secretaria de Educação foi essencial, pois uma semana por mês, os professores cumpriam a sua hora-atividade e neste período que o curso foi ofertado, a participação era computada como presença nas horas que deviam cumprir pelo município. A primeira parte do curso, foi realizada em 2024, nos meses de setembro a dezembro. Alguns professores continuaram na etapa 2 que ocorreu entre os meses de abril e julho de 2025, os que não concluíram a carga horária total, que foi de 20h e 40h, foi por motivo de encerramento do contrato ou mudança de vaga, já que a maioria são professores contratados em caráter temporário.

O IPHAN também foi um parceiro muito importante, tanto na formação com arqueólogos e demais especialistas, quanto no empréstimo de espaço para realização da formação. Usamos também o auditório da Universidade Estadual de Santa Catarina e a Casa Candemil, que serve como acervo municipal e é administrado pela Fundação Lagunense de Cultura, também nossa parceira na formação de professores. Portanto, foi um movimento que envolveu muitas pessoas, instituições e o resultado final foi um lindo projeto que movimentou as escolas do município de Laguna.

No final do projeto, como culminância, realizamos uma mostra das atividades desenvolvidas pelas/os professoras/es durante o curso de formação. Nossa mostra ocorreu no dia 21 de julho de 2025, na Udesc de Laguna, contando com a presença de arqueólogos do IPHAN, UNISUL (GRUPEP), Coordenadora do Projeto de Extensão Vozes Decoloniais na Escola (UFSC), Liderança Indígena da Aldeia TEKOA MARANGATU de Imaruí, Secretária de Educação e Esportes de Laguna, Presidenta da Câmara de Vereadores de Laguna e mais de 60 professores da rede municipal de ensino. O coral da Aldeia Tekoa Marangatu realizou a apresentação de quatro músicas no evento, momento muito especial na mostra que sensibilizou a todos os presentes. Seis professores cursistas socializam suas experiências pedagógicas e encerramos com uma roda de conversa com os especialistas presentes. Nesta data, realizamos também o lançamento da Revista Sambaquis de Laguna, o material foi produzido ao longo do curso de extensão e contou com recurso CAPES para impressão de 200 cópias, sendo que no dia, foram doados 100 exemplares para a Prefeitura Municipal de Laguna. Ao longo da pesquisa, apresentaremos relatos e fotos da formação e dos resultados das práticas docentes.

A pesquisa, portanto, investiga como os sambaquis de Laguna/SC, enquanto sítios arqueológicos e lugares de memória, podem ser mobilizados como fontes para o ensino de História nos Anos Iniciais. O problema que orienta a investigação é: **como trabalhar a história local e indígena a partir dos sambaquis, de forma crítica, contribuindo para a formação da consciência histórica das crianças?**

A questão parte da constatação de que, embora os sambaquis estejam fisicamente presentes no território de Laguna/SC e representem vestígios significativos de ocupações humanas milenares, a escola ainda os trata de forma marginal, pouco integrada ao currículo de História e sem uma abordagem decolonial. Neste sentido, a pesquisa busca tensionar a invisibilização dos povos originários e refletir sobre o papel do ensino de História na valorização dos patrimônios locais e na formação crítica das infâncias.

Os sambaquis oferecem uma oportunidade de integrar o ensino de história local ao currículo escolar, fortalecendo a identidade cultural dos/as estudantes e promovendo uma educação contextualizada. Além disso, esse trabalho contribui para o aprimoramento da Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER), evidenciando a importância dos povos originários na construção da nossa história.

Ao longo do segundo semestre de 2024, realizamos três encontros formativos, nos quais surgiram diversas ideias e projetos enriquecedores que foram desenvolvidos com os/as estudantes da rede municipal, envolvendo práticas a partir do Ensino de História, voltada para a Interdisciplinaridade. Em 2025, a formação continuada atendeu 20 professores/as e coordenadores escolares. Muitos professores dos Anos Iniciais e de disciplinas específicas, como História e Geografia, não tiveram formação sobre sambaquis, Educação Patrimonial, Arqueologia ou Patrimônio Arqueológico na graduação e nem na formação continuada. Portanto, não trata-se de uma falta de interesse, mas a não abordagem nos currículos nos afastam desta parte da história.

Viver ao lado dos sambaquis é, por si só, uma forma de relação com o passado, com o território e com o patrimônio. Não se trata, portanto, de ausência de conhecimento por parte dos moradores e estudantes (comunidade em geral), mas da invisibilização ou deslegitimação dos saberes locais, que não cabem nas categorias formais da ciência tradicional. Quando professores/as de Laguna trabalham com os sambaquis em suas práticas, ainda que de forma intuitiva, promovem uma pedagogia territorializada, enraizada em vivências que atravessam gerações.

Valorizar as percepções locais e comunitárias, como propomos nesta pesquisa, não é negar a importância da ciência ou da arqueologia acadêmica, mas reconhecer que há múltiplas formas de conhecer e interpretar os sambaquis, e que essas formas não se excluem — elas podem e devem dialogar. O desafio, portanto, não é ensinar sobre os sambaquis como se fossem algo distante, mas reconhecer que o conhecimento já existe — nas memórias, nas histórias orais, nas experiências de infância e nos modos de habitar o território — e dar a ele o devido lugar no processo educativo.

A metodologia deste projeto adota uma abordagem qualitativa, baseada em metodologias participativas. Essa escolha foi pensada para entender como os/as professores/as dos Anos Iniciais percebem e integram o ensino de História, Sambaquis e Patrimônio Arqueológico em suas práticas pedagógicas. Essa perspectiva nos permite explorar as percepções dos/das docentes sobre a importância desses temas, sua relação com o currículo escolar e as interpretações culturais e históricas que atribuem aos sambaquis, valorizando as visões locais e comunitárias. Para apoiar a revisão e a clareza da redação, esta dissertação fez uso

de ferramentas de inteligência artificial generativa (IAG) como recurso auxiliar. Essas ferramentas contribuíram na correção gramatical, organização de ideias e sugestões de melhoria textual, sendo todas as decisões finais, interpretações e análises de responsabilidade exclusiva da autora.

Partimos de uma pesquisa inicial sobre a percepção dos educadores sobre os sambaquis (formulário no google forms) e de forma os sítios arqueológicos são ou não trabalhados nas turmas de 4º e 5º anos. Ao longo do processo, os professores foram fazendo relatos orais e dialogando sobre o processo em sala de aula, onde eu ia registrando todas as experiências. Um template como forma de finalização do curso foi enviado aos participantes e estes dados e relatos fazem parte da parte final da dissertação e apêndices.

Dentro da metodologia da pesquisa e descrita no capítulo 2, analisei as produções de duas revistas científicas na última década. Na Revista História Hoje: Revista de História e Ensino – Anpuh Dossiês, foram consultadas as palavras-chave e título de mais de duzentos artigos entre 2014 e 2023. Pesquisei no banco de dados das dissertações do ProfHistória na primeira década (2014 a 2024) as temáticas indígenas estudadas através dos títulos e palavras-chave também, este levantamento do estado da arte foi importante para o encaminhamento da pesquisa.

A pesquisa visa promover novos olhares pedagógicos, possibilitando novas narrativas. A abordagem participativa tem como objetivo incentivar práticas educativas que reconheçam o patrimônio cultural como um elemento central na construção da identidade local. Além disso, pretendemos refletir sobre as atividades docentes que surgem durante a formação. Através da educação patrimonial, busco despertar para um compromisso com a preservação e a ressignificação dos sambaquis, tornando os/as educadores/as e estudantes em agentes ativos na valorização da história e memória de suas comunidades.

A dimensão propositiva desta pesquisa se concretizou com o curso de extensão/formação dos professores da rede municipal de Laguna/SC e também na elaboração da revista didática voltada para o ensino sobre os sambaquis nos Anos Iniciais, elaborada a partir das experiências desenvolvidas ao longo da formação. Esse material busca articular fundamentos teóricos, práticas pedagógicas e sugestões de atividades, de modo a contribuir com a implementação da Lei 11.645/08 e a valorização da história indígena no currículo local.

Esta dissertação está organizada em três capítulos, cada um abordando aspectos essenciais para o desenvolvimento da pesquisa. A introdução apresenta o tema, sua relevância e sua conexão com a experiência pessoal da pesquisadora, além de delinear a estrutura geral do trabalho.

O primeiro capítulo, chamado "Sambaquis: Patrimônio Cultural e Arqueológico", mergulha no conceito, na história e nas características dos sambaquis, ressaltando seu valor como fontes históricas e arqueológicas. Ele também examina o contexto específico da cidade de Laguna, destacando a importância dos sambaquis na narrativa local. Além disso, discute a Educação Patrimonial nos Anos Iniciais, abordando tanto os fundamentos teóricos quanto pedagógicos que sustentam essa abordagem.

No segundo capítulo, a conversa gira em torno do Ensino de História e os sambaquis, apresentando uma breve análise sobre as pesquisas acadêmicas realizadas na área, refletindo também sobre a abordagem dos sambaquis a partir da Base Nacional Comum Curricular e suas possibilidades à luz do currículo base do território catarinense, apresentando como o Ensino de História se utiliza dos sambaquis nos Anos Iniciais e a Educação Patrimonial como possibilidade.

No terceiro capítulo, abordaremos a Formação de Professores/as e como isso se relaciona com o ensino sobre os sambaquis. Há uma reflexão sobre a revista educativa e o curso de formação continuada, enfatizando a necessidade de sensibilização para o patrimônio cultural e arqueológico da região. Apresentaremos um diagnóstico inicial das percepções dos(as) professores(as) da rede municipal de Laguna sobre os sambaquis, as atividades realizadas durante a pesquisa e os desafios e estratégias encontrados ao ensinar história com foco no patrimônio arqueológico. São compartilhadas as experiências, assim como as possibilidades futuras para integrar os sambaquis no ensino. A revista desenvolvida encontra-se no anexo da pesquisa e o mapa das experiências dos professores está no apêndice. O curso de formação continuada é a dimensão propositiva da pesquisa e a revista educativa é algo a mais, pensado ao longo do processo.

As considerações finais oferecem reflexões sobre os resultados obtidos e a contribuição da pesquisa para o campo da educação patrimonial e do ensino de história nos Anos Iniciais. Também são apresentadas recomendações para atividades pedagógicas que valorizem o patrimônio cultural. Ensinar sobre sambaquis permite que as crianças desenvolvam uma compreensão mais respeitosa

do passado, cultivando um compromisso com a preservação da história, valorização do patrimônio arqueológico e da cultura local. Boa leitura!

2 SAMBAQUIS: PATRIMÔNIO HISTÓRICO, CULTURAL E ARQUEOLÓGICO

Dedico este livro a duas criancinhas entre dois e três anos que morreram, faz 2.800 anos, no litoral sul de Santa Catarina, no lugar que hoje chamamos de Sambaqui Jabuticabeira II, município de Jaguaruna. Elas devem ter morrido no mesmo dia, pois foram enterradas na mesma sepultura, abraçadinhas. Também deviam ser crianças muito amadas, pois foram enterradas com os enfeites que deviam torná-las muito lindas. É provável que usassem enfeites de pena, ou de palha, ou outros, mas com os que sobreviveram a um tempo tão longo foram seus colarzinhos de contas, feitos de concha. Eu as vi em julho de 2003, quando sua sepultura foi aberta pela equipe da arqueóloga Madu Gaspar, fotografei-as, e as tenho no meu coração até hoje (KLUEGER, 2011. p. 1).

A escritora e historiadora Urda Alice Klueger é uma das escritoras que me inspiraram na literatura durante a adolescência. O livro mais marcante da autora, “Verde Vale” foi um bálsamo e me inspirou a amar a história. Além dos livros que narram a colonização europeia na região do Vale do Itajaí, Urda dedicou mais de uma década de sua trajetória ao estudo e à valorização dos sambaquis, trazendo narrativas sensíveis e humanizadas sobre os povos sambaquieiros que habitaram o litoral catarinense há milhares de anos. Seu entusiasmo pelo tema transparece em obras como “O Povo das Conchas” e o romance “Sambaqui”, onde ela constroi relatos que unem pesquisa histórica, arqueologia e literatura, dando vida às histórias silenciadas desses povos ancestrais. A escritora narra de forma doce e envolvente um cenário fictício, mas baseado em muitos estudos e pesquisas da arqueóloga e pesquisadora Madu Gaspar.

Em 2003, durante uma visita às escavações no Sambaqui Jabuticabeira II, em Jaguaruna, Urda se deparou com uma cena que a marcou profundamente: o sepultamento de duas crianças abraçadas, enterradas há 2.800 anos com adornos feitos com muito cuidado. Esse momento inspirou o trecho que abre este capítulo e mostra a sensibilidade com que a autora vê os sambaquis, não apenas como vestígios arqueológicos, mas como lugares de memória e afetividade dos povos indígenas de longa duração. Tive a chance de conhecer pessoalmente Urda Klueger no início de 2025, conversamos sobre sua paixão pelos sambaquis, sua motivação para escrever sobre o tema e sua defesa incansável pela preservação desses sítios históricos. Suas obras são uma contribuição significativa sobre os sambaquis, despertando a consciência sobre a importância e a fragilidade desse patrimônio cultural. O olhar atento da Urda folheando a revista elaborada durante o projeto de extensão “Vozes Decoloniais na Escola” que faz parte da dimensão propositiva

desta dissertação, ficará para sempre marcado em minha memória, conversar com alguém que tem o mesmo entusiasmo sobre o tema de pesquisa me motivou a continuar pesquisando e sendo mediadora da busca pela valorização do patrimônio cultural e arqueológico.

Em sua obra *Sambaqui: Arqueologia do Litoral Brasileiro*, Madu Gaspar (2000) destaca a importância dos sambaquis como monumentos funerários e culturais, construídos ao longo de milênios pelas populações do litoral brasileiro. A autora enfatiza que esses sítios arqueológicos não são meros depósitos de conchas, mas sim estruturas que refletem práticas sociais, rituais e simbólicas complexas. Gaspar observa que, ao contrário do que se pensava anteriormente, os sambaquis não são apenas resíduos alimentares, resquícios da vida cotidiana, mas locais de significado profundo, onde se manifestam relações sociais, culturais e espirituais das comunidades que os ergueram.

A obra de Gaspar contribui significativamente para a compreensão dos sambaquis como patrimônio cultural, oferecendo uma perspectiva que vai além da análise material, incorporando aspectos simbólicos e sociais. Esse entendimento é fundamental para a implementação de práticas de Educação Patrimonial que promovam o reconhecimento e a valorização desses sítios, não apenas como vestígios do passado, mas como elementos vivos da identidade e memória coletiva das comunidades contemporâneas.

Ao estudar os sambaquis como expressão de uma cultura indígena de longa duração, é essencial reconhecer seu caráter de patrimônio arqueológico carregado de significado social. Madu Gaspar (2000, p. 79) destaca: “A vida cotidiana e a história dos povos sambaquieiros finalmente receberam uma síntese de divulgação devotada a ‘entender os processos de manutenção de um longo sistema sociocultural’”. Dessa forma, os sambaquis devem ser entendidos não apenas como monumentos arqueológicos, mas como expressões de comunidades vivas cujas formas de memorar, habitar e interpretar o território passaram por processos de contínua transformação, sem perderem sua identidade coletiva.

A ideia de patrimônio cultural gira em torno da importância dada a elementos, sejam eles palpáveis ou abstratos, que simbolizam a identidade, a lembrança e a trajetória histórica de diversos grupos da sociedade. Conforme Dominique Poulot (2009), o patrimônio cultural não é uma coleção imutável de itens antigos, mas sim uma criação social em constante mudança que espelha os eventos históricos e as

representações simbólicas experimentadas pelas comunidades ao longo do tempo. O autor ressalta que os "bens culturais" personificam os resultados mais notáveis da cultura humana na formação de um território, cujos significados são gradualmente integrados e disseminados por todos. Essa apropriação coletiva — seja por especialistas ou entusiastas — ajuda a fortalecer o sentimento cultural de afiliação e individualidade. Poulot também sugere que, com o passar do tempo, as linhas divisórias entre monumento e objeto, entre arte refinada e arte popular, tendem a se desfazer. Ele defende uma visão da patrimonialização como uma força simbólica que desperta sentimentos de memória e laços em comum, indo além da simples crença cega em critérios estéticos ou puramente acadêmicos.

Segundo Poulot (2009, p. 7), o patrimônio de uma sociedade é também o do conhecimento popular e da visão geral, e consiste em "revitalizar um patrimônio já existente". Ele observa que a abordagem dos doutrinadores difere do princípio revolucionário de redescobrir as riquezas nacionais que haviam sido deturpadas ou saqueadas, e cita Guizot ao enfatizar que "o passado, tão menosprezado e abandonado, tornou-se alvo de uma adoração fervorosa". Poulot também salienta que, para Guizot, esses esforços são em vão, pois "as massas são guiadas por ideias e emoções básicas" (POULOT, 2009, p. 7).

Pensar os sambaquis como patrimônio cultural é também reconhecer que eles não são apenas vestígios arqueológicos do passado, mas lugares cheios de sentido, que ajudam a contar histórias que, por muito tempo, foram silenciadas. De acordo com Dominique Poulot (2009), o patrimônio cultural não é algo natural ou imutável, mas sim uma construção social que expressa valores simbólicos atribuídos por determinados grupos. Para o autor, o patrimônio nasce daquilo que se deseja transmitir às gerações futuras, e essa seleção está sempre atravessada por disputas e tensões sociais. Poulot (2009) ainda explica que, historicamente, o patrimônio foi associado a monumentos grandiosos e à memória das elites. No entanto, há um movimento de ampliação dessa noção para incluir elementos do cotidiano, da cultura popular e das memórias coletivas. Nesse sentido, quando os sambaquis são inseridos no debate educacional como patrimônio, tornam-se mais do que evidências arqueológicas: passam a ser também espaços de pertencimento, identidade e aprendizagem. Ao reconhecer o valor desses sítios arqueológicos, abre-se espaço para uma nova forma de pensar a história local, que valoriza os saberes dos povos originários e suas contribuições para a construção do território.

Como destaca o autor, "o passado tão desdenhado e abandonado se tornou objeto de um culto idólatra" (POULOT, 2009, p. 7), evidenciando a forma como determinados períodos ou manifestações culturais podem ser reinterpretados de acordo com as necessidades de cada tempo. Portanto, abordar os sambaquis em sala de aula é também um ato político, uma forma de resgatar e dar visibilidade às experiências históricas indígenas, frequentemente apagadas da narrativa oficial. É um convite à valorização do território em que se vive e à construção de uma consciência crítica sobre o que, afinal, merece ser lembrado e preservado.

Ao refletir sobre o que entendemos por patrimônio cultural, é necessário compreendê-lo como uma construção social e histórica, e não como algo natural ou dado. "El patrimonio cultural es una invención y una construcción social" (PRATS, 1998, p. 63). Para Prats (1998), o patrimônio cultural não existe de forma objetiva, mas é resultado de um processo de seleção, legitimação e ativação simbólica operado por determinados grupos sociais em contextos específicos. Como ele destaca, o patrimônio "é uma invenção e uma construção social", e sua autoridade depende de discursos que o consagram como digno de ser preservado.

Não se trata apenas de objetos antigos ou monumentos materiais, mas de sentidos atribuídos a determinados bens — sejam eles tangíveis ou intangíveis — que passam a representar coletivamente identidades, memórias e valores culturais. Assim, os sambaquis, quando inseridos no campo do ensino e valorizados como parte do patrimônio local, ultrapassam a condição de vestígios arqueológicos e se tornam elementos ativos na construção da identidade coletiva, especialmente quando reconhecidos por educadores/as e estudantes como parte viva da história do território que estão inseridos.

A promulgação da Lei nº 3.924, de 1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos, surgiu em um momento crítico da história da arqueologia brasileira, especialmente diante do processo acelerado de destruição dos sambaquis que ocorriam no litoral sul do Brasil, incluindo a região de Laguna. Como enfatizam Funari e Pelegrini (2009), o contexto da criação dessa legislação está intimamente ligado à necessidade de conter os impactos da exploração predatória sobre sítios arqueológicos, que vinham sendo destruídos por interesses econômicos, principalmente com a retirada dos sambaquis para ser usado na construção civil. "A legislação surgiu como resposta à destruição sistemática de

sítios arqueológicos, sobretudo sambaquis, utilizados como fonte de cascalho para obras de engenharia” (FUNARI; PELEGRINI, 2009, p. 16).

Os autores apontam que o Estado brasileiro só passou a se mobilizar para proteger efetivamente esses patrimônios diante da denúncia de pesquisadores e da perda quase irreversível de informações valiosas sobre os povos originários que habitaram o território por milhares de anos. Assim, a lei surge como uma tentativa de frear o avanço da destruição, reconhecendo os sambaquis não apenas como formações geológicas, mas como monumentos culturais e históricos, que carregam vestígios das práticas, saberes e modos de vida das populações sambaquieiras. No caso de Laguna, onde estão concentrados alguns dos maiores e mais antigos sambaquis do mundo, essa proteção legal se torna ainda mais relevante. No entanto, é importante refletir que, embora a legislação represente um avanço, sua efetividade depende de ações contínuas de valorização, fiscalização, educação patrimonial e envolvimento das comunidades locais.

No Brasil, o patrimônio cultural foi consagrado pela Constituição Federal de 1988, abrange bens arqueológicos que trazem marcas de modos de vida e adaptações humanas em diversos contextos históricos. Entre esses bens, os sambaquis se destacam, sendo sítios arqueológicos construídos por povos pré-coloniais ao longo do litoral brasileiro. Este capítulo apresenta os sambaquis como uma parte fundamental do patrimônio cultural e arqueológico do Brasil, ressaltando sua importância histórica, suas características estruturais e os desafios que enfrentam para sua preservação e valorização, além de reconhecer as contribuições dos povos sambaquieiros na formação do território e da sociedade brasileira.

A cultura é um processo de adaptação ao meio ambiente, que é imaginado e controlado pelo ser humano, sendo mais ágil e flexível do que a adaptação genética, e ainda tem a vantagem de ser facilmente transmitida (CUCHE, 1999, p. 10 apud DANTAS, 2015, p. 31). As expressões ou manifestações culturais surgem da necessidade do homem de se adaptar ao meio ambiente para garantir sua sobrevivência e promover seu desenvolvimento econômico e social: isso inclui comidas, estilos de vestir, objetos e formas de trabalho, maneiras de construir suas casas, sistemas de crenças e religiões, entre outros (CITTADIN, 2020, p. 9). Essas estratégias de adaptação e sobrevivência são testadas, acumuladas, transmitidas e reproduzidas ao longo das gerações, formando um acervo de conhecimentos e

experiências de um grupo, que reflete seu modo único de existir, compreender e transformar a realidade, e que compõe o que chamamos de “patrimônio cultural”.

Conforme Dantas, nos diz:

A noção de patrimônio surge quando o indivíduo ou grupo de indivíduos reconhece como seu um objeto ou grupo de objetos. Essa concepção traz embutida a ideia de apropriação pelos indivíduos, e sugere que ele possui valor, apreço individual ou social atribuído aos bens de uma circunstância histórica e segundo o quadro de referências e representações. Portanto, o patrimônio cultural é uma construção social (constructo), que depende daquilo que um determinado grupo humano, em dado momento, considera digno de ser legado às gerações futuras (DANTAS, 2015, p.31).

O patrimônio cultural forma-se a partir de referências culturais que estão muito presentes na história de um grupo e que foram transmitidas entre várias gerações. Ou seja, são referências que ligam as pessoas aos seus pais, aos seus avós e àqueles que viveram muito tempo antes delas. São as referências que se quer transmitir às próximas gerações (CITTADIN, 2020, p. 12).

O Patrimônio Cultural Brasileiro é definido pela Constituição Federal Brasileira de 1988, da seguinte forma:

Art. 216 – Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à maioria dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: (...); Parágrafo V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988).

O reconhecimento do patrimônio cultural brasileiro, conforme estabelecido pela Constituição Federal de 1988, ressalta a importância de preservar tanto os bens materiais quanto os imateriais que representam a identidade e a memória dos diversos grupos que formam a sociedade brasileira. Dentro desse contexto, o patrimônio arqueológico se destaca por sua capacidade de conectar o presente ao passado, oferecendo evidências sobre as formas de vida, crenças e interações humanas que moldaram e continuam a moldar o território nacional.

Assim, como apontam Hora e Porto (2000), a Constituição Brasileira garante ao patrimônio arqueológico, entre outros, a categoria de patrimônio cultural que deve ser protegido institucionalmente. Essa proteção, assegurada pela Constituição, reflete o compromisso do Brasil em preservar esse legado, que inclui os sambaquis. Esses não são apenas vestígios arqueológicos de povos pré-coloniais, mas também marcos essenciais para entendermos a formação social e cultural do país. Essa importância é reforçada pelo fato de o Brasil ser signatário de várias resoluções de

convenções internacionais que visam atualizar conceitos, normas e práticas relacionadas ao gerenciamento do patrimônio cultural, como a Carta de Atenas, de 1931; a Conferência da UNESCO em Nova Déli, de 1956; a Carta de Veneza, de 1964; as Normas de Quito, de 1968; a 15ª Sessão da UNESCO em Paris, de 1968; a Carta de Nairobi, de 1976; e a Carta de Burra, de 1980, entre outras (PORTAL EDUCAÇÃO, 2024).

Conforme já foi destacado, antes da promulgação da Constituição de 1988, a Lei nº 3.924, sancionada em 26 de julho de 1961, foi criada com o propósito de salvaguardar os sambaquis e o patrimônio arqueológico do Brasil. Esta legislação é crucial para harmonizar o crescimento econômico com a conservação dos bens arqueológicos no país. O artigo 3º estabelece que “em todo o território brasileiro, é vedado o aproveitamento econômico, a destruição ou a modificação, para qualquer finalidade, das jazidas arqueológicas ou pré-históricas conhecidas como sambaquis, casqueiros, concheiros, birbigueiras ou sernambis [...]”. A inclusão desses elementos no conceito mais abrangente de patrimônio cultural enfatiza a necessidade de sua conservação e valorização, tanto em âmbito nacional quanto internacional, reconhecendo-os como partes essenciais na construção da memória coletiva e da identidade histórica.

Os bens arqueológicos são propriedades públicas pertencentes à União Federal, que não podem ser vendidos ou perdidos ao longo do tempo. A legislação estabelece um sistema de gestão compartilhada entre as diferentes esferas da Federação, arqueólogos, investidores e instituições responsáveis pela guarda desses itens, com o intuito de promover seu conhecimento, divulgação e conservação. Ao incluirmos esses bens na noção de patrimônio cultural, reafirmamos o compromisso de salvaguardar e transmitir esse legado às futuras gerações e à sociedade como um todo, fortalecendo uma memória coletiva que enriquece a identidade e a diversidade cultural do Brasil.

As estratégias de conservação do patrimônio arqueológico podem ser abordadas sob duas perspectivas distintas, porém interconectadas: a legal e a educacional/informativa. A perspectiva legal requer uma variedade de instrumentos normativos que devem seguir as orientações estabelecidas pela Constituição Federal de 1988, incluindo leis, decretos, portarias, resoluções e outras normas. Já as iniciativas com foco educacional/informativo visam implementar processos e ferramentas que promovam a divulgação de informações sobre o patrimônio nas

comunidades envolvidas, além de favorecer a formação de uma consciência de preservação relacionada às questões de memória (LE GOFF, 2003) e identidade coletiva (HALL, 2002).

A compreensão da proteção e regulamentação dos sambaquis no Brasil exige situá-los no contexto das políticas e legislações que orientam sua preservação. Segundo Madu Gaspar (2000, p. 79), o estudo desses sítios permite “entender os processos de manutenção de um longo sistema sociocultural”, evidenciando sua relevância histórica, cultural e ambiental.

A tabela a seguir apresenta as principais legislações nacionais e internacionais relacionadas aos sambaquis, indicando anos de promulgação, órgãos responsáveis e objetivos de cada norma, oferecendo um panorama que sustenta práticas pedagógicas e políticas públicas voltadas à valorização desse patrimônio.

Tabela 1: Linha do Tempo das Legislações sobre os Sambaquis.

Ano	Documento	Descrição resumida
1937	Decreto-Lei nº 25	Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Impede construções que prejudiquem a visibilidade de bens tombados.
1946	Decreto-Lei nº 9.760	Dispõe sobre os bens imóveis da União, estabelecendo 33m de terrenos de marinha a partir da costa.
1961	Lei nº 3.924	Dispõe sobre a proteção dos monumentos arqueológicos e pré-históricos. Proíbe destruição, mutilação e aproveitamento econômico.
1967	Normas de Quito	Recomendam a preservação e valorização do patrimônio por meio do turismo e medidas de conservação.
1986	Resolução Conama nº 001	Define diretrizes para Relatório de Impacto Ambiental, incluindo a proteção de sítios e monumentos arqueológicos.
1986	Lei nº 7.542	Regula pesquisas, exploração e remoção de bens submersos em águas nacionais e terrenos de marinha.
1988	Lei nº 7.661	Institui o Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro, priorizando a conservação de sítios arqueológicos e culturais.
1988	Portaria nº 7 (IPHAN)	Regulamenta a realização de pesquisas arqueológicas no Brasil.
1990	Carta de Lausanne	Carta internacional para proteção e gestão do patrimônio arqueológico. Defende a conservação <i>in situ</i> .
2009	Lei nº 11.904	Institui o Estatuto de Museus. Garante conservação, segurança, acessibilidade e bem-estar em instituições museológicas.
2002	Portaria nº 230 (IPHAN)	Estabelece normas para licenciamento ambiental em áreas arqueológicas.
2009	Decreto nº	Fortaleceu a gestão arqueológica com a criação do Centro Nacional de

A gestão responsável e a preservação desses bens, conforme garantido pela legislação e pelos compromissos internacionais, reafirmam o papel do patrimônio arqueológico como um recurso importante para a educação, a ciência e o fortalecimento do vínculo entre passado e presente. Dessa forma, a reflexão sobre a educação patrimonial, que será detalhada no capítulo seguinte desta dissertação, torna-se indispensável para compreender a função social do patrimônio arqueológico.

2.1 Os sambaquis, evidências materiais e o auxílio da Arqueologia

Durante muitos anos, os estudos sobre o patrimônio cultural e arqueológico dos povos pré-coloniais foram invisibilizados e/ou ignorados, devido ao preconceito em relação à história das populações indígenas que ocupavam o território brasileiro. Segundo Cardoso (2016), “existem vestígios de ocupação pré-colonial ao longo de todo o território brasileiro, o que dá uma dimensão de toda a vastidão do que pode ser encontrado”. Ao longo de sete mil anos, essas populações espalhadas pelo litoral e interior do país, moldaram as paisagens e construíram verdadeiros monumentos que nos ajudam a desvendar a forma de vida dos primeiros habitantes do nosso país. Conforme nos indica Cardoso (2016), para compreendermos sobre essas populações, são necessárias pesquisas que estudem a “identidade territorial, genética e cultural dos primeiros seres humanos que se instalaram em solo brasileiro”. Para compreender o modo de vida dos primeiros habitantes do Brasil, utilizamos da arqueologia e de todas as ferramentas que a mesma oportuniza e nos revela.

Para Funari (2003, p.15), a arqueologia trata diretamente de todos os materiais produzidos ou apropriados pelas sociedades humanas. Segundo Demathé (2014, p.20), a arqueologia é definida como a ciência que estuda o passado da sociedade humana através da cultura material, ou seja, pelos vestígios por ela deixado, tendo como objeto de estudo as sociedades humanas, que por sua vez, tem por objetivo compreender essas sociedades através da cultura material, seja em períodos pré-coloniais, coloniais ou pós coloniais.

A arqueologia, ciência que estuda o passado através de vestígios, sejam eles diretos ou indiretos, fornece informações sobre as formas de viver dos

povos que não se utilizavam da escrita para postergar seu aparato cultural. As prospecções e escavações podem revelar como se originou e qual foi a evolução cultural dos povos que habitaram determinadas regiões, além de fornecer elementos para o entendimento da relação daquele povo com o seu ambiente (CARDOSO, 2016, p. 15).

A contribuição dos estudos arqueológicos vai além da compreensão das práticas cotidianas e dos aspectos materiais das populações pré-coloniais, possibilita também a ressignificação do patrimônio cultural enquanto instrumento de valorização identitária e educativa.

Arqueologia vem do grego *Archaios* (antigo) e *logos* (estudo). É uma ciência que busca construir as relações sociais e culturais dos diversos grupos humanos que viveram no passado a partir de sua cultura material. Ou seja, o objeto de estudo das (dos) arqueólogas (os) são os vestígios produzidos por diferentes grupos, podendo ser pontas de flechas, fragmentos de utensílios domésticos, edificações, pirâmides, sambaquis, arte rupestre, remanescentes esqueléticos humanos e de animais, entre outros. Atualmente entende-se que a Arqueologia não necessariamente estuda apenas grupos humanos do passado, mas pode também estudar grupos humanos muito mais recentes, até mesmo contemporâneos, a partir de sua cultura material (MENDES, 2019, p. 11).

Sítios arqueológicos são os locais que apresentam vestígios materiais deixados pelos seres humanos no passado. São considerados bens patrimoniais da União, protegidos pela Lei nº 3.924 de 1961. Os sítios são espaços integrados onde se encontram as evidências de diversas práticas, sejam elas econômicas, sociais, políticas ou religiosas (CARDOSO, 2011, p.10). A pesquisa arqueológica desenvolvida no Brasil pode ser feita num contexto pré-colonial (período que antecede a chegada dos europeus) ou histórico (que se inicia com a vinda dos europeus a partir de 1500). O local em que o sítio arqueológico está inserido pode ser um ambiente terrestre (casas subterrâneas, sambaquis, edificações históricas, entre outros) ou subaquático (navalhos e demais sítios arqueológicos que foram submersos devido às variações de nível do mar) (CARDOSO, 2016, p. 10).

Figura 1: Escavações no Sambaqui da Cabeçuda

I. Laguna. SC.



Fonte: Ronaldo Amboni, 2012.

Escavações no Sambaqui Cabeçuda I, Laguna/SC, conduzidas pela arqueóloga Deisi E. S. de Farias. Na imagem, observa-se o trabalho de remoção e registro estratigráfico dos sedimentos, etapa fundamental para identificar artefatos e compreender a formação do sítio (SCHEEL-YBERT et al., 2020). Foi no Sambaqui de Cabeçuda I, durante as escavações de Castro Faria em 1950 e 1951, que se coletou uma das maiores coleções arqueológicas de remanescentes pré-históricos litorâneos do Brasil. Nele, foram escavados 162 esqueletos adultos e 83 jovens, com datação em torno de 4120 AP, que foram levados ao Museu Nacional do Rio de Janeiro (CARVALHO, et al, 2011).

Alguns anos depois, em 1960, o Padre Rohr chegou em Laguna para estudar os sítios do município e da região. Sobre o Sambaqui Cabeçuda I, Rohr destacou sua monumentalidade, importância científica arqueológica e o impacto sofrido por este sambaqui, “O sambaqui inicialmente deveria possuir uns quatrocentos metros de comprimento, por trinta de altura. Atualmente, além da base, existe dele ainda um ponto elevado de uns dez a quinze metros de superfície” (ROHR, 1962, apud ZAMPARETTI, 2014).

O Sambaqui Cabeçuda I foi alterado algumas vezes, primeiramente pela construção da ponte férrea e o terminal, após, explorado por indústrias caieiras. Na década de 1940, serviu de aterro para a nova ponte de ferro e depois foi utilizado para a construção da BR-101. Em 1961, a extração de conchas para produção de cal passou a ser crime. Outro fator de alteração foi a expansão urbana do bairro Cabeçuda, atingindo parte do sítio arqueológico. E em 2012, com a duplicação da BR-101 e construção da Ponte Anita Garibaldi, quando um dos pilares, e fundação, da ponte invadiram parte importante do Sambaqui, uma área de sepultamento (ZAMPARETTI, 2014).

Figura 2: Sambaqui Cabeçuda I em 1950



Figura 3: Sambaqui Cabeçuda I em 1950



Fonte: Centro de Memória Cnpq, 2009.

Figura 4: Sambaqui Cabeçuda nos dias atuais



Fonte: Rita Scheel-Ybert, 2012.

Os sambaquis, como expressões monumentais da interação entre seres humanos e seu meio ambiente, exemplificam a riqueza simbólica e social dessas culturas. Além de testemunharem modos de vida que dialogavam diretamente com os recursos naturais disponíveis, esses sítios arqueológicos desafiam narrativas coloniais que minimizam ou ignoram a complexidade dos povos originários. Nesse contexto, a arqueologia desempenha um papel essencial ao contribuir para desconstruir preconceitos históricos e incentivar a construção de uma memória coletiva que valorize a diversidade cultural do Brasil e sua herança ancestral. Os povos construtores de sambaquis viviam em sociedade, produziam ferramentas para a pesca e a caça, e desenvolviam atividades de maneira coletiva.

Figura 5: Sambaqui Santa Marta I. Laguna. Santa Catarina.



Fonte: Ronaldo Amboni, 2015.

Na imagem acima, vista geral do Sambaqui Santa Marta I, localizado no município de Laguna, Santa Catarina. No Brasil, durante muito tempo não houve preocupação em proteger o patrimônio arqueológico aqui existente, devido a isso muitos sambaquis foram destruídos antes mesmo que se pudessem realizar estudos sobre eles. A crescente urbanização do país foi a principal causadora da degradação do patrimônio arqueológico nacional. Cidades foram construídas sobre sítios arqueológicos, não só sambaquis, mas também em locais que foram habitados por outros povos pré-coloniais (CARDOSO, 2016, p.35). A valorização do patrimônio

arqueológico dos povos pré-coloniais é fundamental para reconstruir narrativas históricas que foram marginalizadas ou distorcidas ao longo do tempo.

Em relação aos sambaquis, o primeiro a estudá-los em território brasileiro foi Karl Rath, iniciando suas pesquisas no ano de 1871, chegando a apresentar um estudo ao imperador do Brasil D. Pedro II em 1876, o que levou o imperador a visitar algumas escavações de sambaquis no estado do Rio de Janeiro. Porém os primeiros estudos sistemáticos com caráter de exploração e pesquisa arqueológica sobre os sambaquis do Brasil foram realizados no final do século XIX por Von den Steinen em Santa Catarina e por Emílio Goeldi (que hoje dá nome ao Museu do Pará) em sítios no estado do Amapá (PROUS, 2007).

Os sambaquis, são evidências concretas da organização cultural dessas populações, revelando práticas de subsistência, organização social e rituais funerários que refletem sua relação intrínseca com o meio ambiente. Estes sítios arqueológicos, formados ao longo de séculos pela acumulação de restos de moluscos, ossos e outros materiais, não apenas desafiam visões reducionistas sobre os povos indígenas pré-coloniais, mas também evidenciam sua capacidade de adaptação e transformação da paisagem.

Figura 6: Sambaqui Ipuã, Laguna. Santa Catarina.



Fonte: GRUPEP/Unisul, 2012.

Vista geral do Sambaqui Ipuã, localizado na Praia do Ipuã, município de Laguna (SC). O município de Laguna possui 22 sambaquis registrados no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) (GUIMARÃES; ZAMPARETTI; FARIAS; ANJOS, 2021).

Estudar os sambaquis vai muito além da arqueologia tradicional, tornando-se um instrumento importante para o ensino de História, capaz de despertar nos estudantes uma consciência histórica crítica, plural e atenta à diversidade cultural e às tensões que atravessam a formação do território brasileiro.

Quando trabalhados em sala de aula a partir de uma perspectiva decolonial, os sambaquis não apenas promovem o diálogo entre diferentes culturas, mas também desafiam as narrativas oficiais hegemônicas, abrindo caminhos para reconstruir a identidade nacional a partir das experiências historicamente silenciadas e marginalizadas dos povos originários.

2.2 Definição, história e características dos Sambaquis

Os sambaquis, sítios arqueológicos, são construções que representam a presença de culturas pré-coloniais, em especial as práticas sociais e rituais dos povos sambaquieiros. São encontrados em toda faixa litorânea brasileira, desde o Pará até o Rio Grande do Sul, e têm suas datações em torno de 7.000 anos AP¹ a 2.000 anos AP, persistindo, portanto, por um período de 5.000 anos no litoral do Brasil. Estes utilizavam as conchas e restos faunísticos para criar moradias e monumentos, locais que também serviam a práticas funerárias e cerimoniais (TENÓRIO, 1999, p. 160; ALVES, 2017). Segundo Costa (1938), há presença de Sambaquis em Portugal, Inglaterra, França e Egito, mas é na América o maior registro, sendo encontrados em diversos pontos dos Estados Unidos, Peru, Terra do Fogo, Chile e Brasil (COSTA, 1938 apud BRITO; OLIVEIRA).

A palavra Sambaqui é de origem Tupi que significa amontoado de conchas (Tamba = conchas e ki = amontoado). São assim conhecidos porque os indígenas que habitavam o litoral na época da chegada dos europeus falavam a língua Tupi e foram os primeiros a ter contato com os estrangeiros (MENDES, 2016, p. 33). Os sambaquis são monumentos que se caracterizam como elevações formadas por montes de conchas chegando a atingir até 30 metros de altura e centenas de metros de comprimento.

Como sugere Tenório,

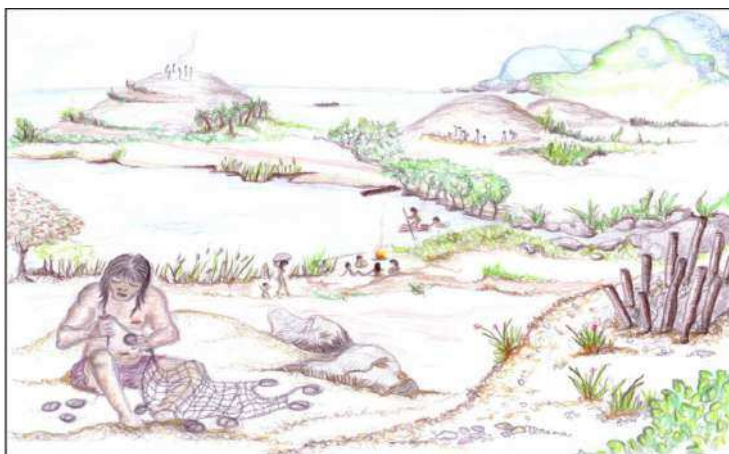
Os sambaquieiros foram o grupo que deixou a maior quantidade e diversidade de testemunhos de sua permanência no território brasileiro. [...] Os materiais estão bem preservados porque, diferente de alguns grupos que estavam sempre mudando de um lugar para outro ou limpando sistematicamente o local de moradias, os sambaquieiros habitavam durante muito tempo o mesmo local e tinham o hábito de acumular os restos faunísticos (TENÓRIO, 1999, p. 160).

¹ AP - Antes do presente.

Segundo Alves (2017), os sambaquis são sítios arqueológicos construídos com material conchífero, de complexa estratigrafia², formada por contínuas deposições de conchas e material faunístico como restos de peixes, moluscos, aves e mamíferos, atestando uma gama de atividades sociais diversificadas. Os sambaquieiros constituíram um complexo de culturas muito mais longo que outros estudados e apresentados como impérios.

Eles viviam como pescadores, coletores-caçadores, próximos a grandes corpos d'água e não eram nômades. Como cada grupo contava com centenas de indivíduos, as pessoas dividiam entre si os trabalhos diários de pesca, coleta de vegetais, caça de pequenos mamíferos, produção de redes, cestaria, adornos, pequenas embarcações, moedores para tubérculos, pontas de lança ou estatuetas e machados de pedra polida. Enquanto uns lideravam rituais, outros apanhavam lenha, faziam comida ou preparavam sepultamentos.

Figura 7: Ilustração representativa do modo de vida dos sambaquieiros



Fonte: GENOMA, USP, s.d.

Os sambaquieiros, como sugere a imagem acima, conheciam muito bem o seu território, dominando-o, sendo capazes de construir locais secos, embora próximos a grandes massas de água e deixar como legado os monumentos que hoje são visualizados, alguns com destaque por sua grande elevação na paisagem (MENDES, 2016, p.39). As pesquisas recentemente realizadas em território brasileiro têm levado em consideração a interpretação da paisagem para se buscar a compreensão destas culturas litorâneas, seja apenas pelo local de escolha para

² A “estratigrafia” (do latim stratum e do grego graphia) é o ramo da geologia que estuda os estratos ou camadas de rochas, buscando determinar os processos e eventos que as formaram. A estratigrafia dos sambaquis é a observação das camadas que formam esses sítios arqueológicos, sendo um método eficiente para reconstruir a história dos povos que ali viveram.

seu estabelecimento, seja pela interferência que estes povos causaram, deixando suas impressões simbólicas sobre estas paisagens.

Sobre a alimentação dos sambaquieiros, estudos mostram que, devido à grande presença de conchas nesse tipo de sítio arqueológico, por muito tempo acreditou-se que os sambaquieiros comiam principalmente moluscos. Porém, com o avanço das pesquisas sobre a fauna arqueológica (chamada zooarqueologia), percebeu-se que os peixes eram as principais fontes alimentares deste grupo, podendo incluir peixes como tubarões e raias.

Ainda, completando sobre o tema, Mendes (2019) nos diz:

A alimentação era complementada com a coleta e a pesca de outros animais, incluindo os moluscos e os crustáceos. Além disso, os sambaquieiros também caçavam animais terrestres como porcos-do-mato, capivaras, tamanduás, roedores e veados. Nos sambaquis também são encontrados vestígios de mamíferos marinhos como golfinhos, baleias e lobos marinhos, que poderiam ser caçados e ou adquiridos por meio do aproveitamento de encalhes. Além da fauna, os sambaquieiros também coletavam frutos típicos da Restinga e da Mata Atlântica, tais como jabuticaba, araçá, pitanga, butiá e caju. Análises de vestígios encontrados nos dentes dos esqueletos humanos indicam também o consumo de carboidratos provenientes de raízes e tubérculos, como os carás, inhames e batata doce (CARDOSO, 2019, p. 15).

Estes povos desenvolveram tecnologias náuticas e isso é afirmado a partir de três evidências: aspectos bio arqueológicos destas populações; o fato de terem sido encontrados artefatos náuticos em pesquisas realizadas em países da América do Sul, contemporâneos aos sambaquis brasileiros; e evidências de que os sambaquieiros utilizavam/produziam canoas (CALIPPO, 2011, p. 32). Outros fatores que dão subsídios para afirmar que os sambaquieiros possuíam tecnologias náuticas são ossadas exumadas, as quais foram encontradas com pequenos tumores localizados na região auricular (exostoses)³, o que indica imersões constantes em águas salgadas e frias, demonstrando que os sambaquieiros podem inclusive terem dominado técnicas de mergulho para obtenção de elementos de sua dieta (CALIPPO, 2011, p. 31).

Ossadas encontradas dão informações de que provavelmente eles remavam em pé nas canoas quando saíam para a atividade de pesca, esta hipótese é colocada devido a alterações observadas em ossos de membros inferiores, indicativo de tal esforço físico. Os estudos sobre violência indicam que entre os

³ As exostoses auriculares são tumores ósseos benignos que se desenvolvem no conduto auditivo externo, geralmente associadas à exposição repetida à água fria. Embora muitas vezes assintomáticas, podem causar dor, infecção ou obstrução parcial do canal auditivo, levando à redução da audição (BOYADJIAN; EGGERS, 2003).

povos sambaquieiros havia uma frequência baixa de embate, o que sugere que esses grupos em geral não resolviam seus problemas através de conflitos corporais (MENDES, 2019, p. 18). “Não conhecemos a linguagem que estes grupos utilizavam, pois não existem descendentes contemporâneos dos sambaquieiros, porém uma pesquisa recente de paleogenética, que sugere a relação entre sambaquieiros (datados de cerca de 2 mil anos antes do presente) e Kaingangs” (CALIPPO, 2011, p.31).

Pesquisas relacionadas às questões de gênero, feitas a partir da análise de acompanhamentos funerários e também de algumas alterações dos ossos que podem ser usadas para inferir atividades cotidianas como remar e arremessar, por exemplo, apontam para uma sociedade que possuía um comportamento cooperativo sem atividades definidas de maneira rígida para mulheres e homens, jovens, adultos e idosos. O trabalho do dia a dia como pescar, coletar, caçar, produzir artefatos, construir, seria então dividido entre os membros da sociedade de forma colaborativa (CALIPPO, 2019, p.19).

Os sambaquis não representavam lugares de moradia, mas representavam monumentos ligados à memória, eventos sociais e demarcação territorial. Grande parte deles são locais onde foram sepultados os mortos. A construção de muitos sambaquis foi feita ao longo de muito tempo, alguns apresentam milhares de anos de ocupação, sendo utilizados por diversas gerações. São diversas camadas de conchas sobrepostas, em meio as quais, e às vezes alternadas a elas, são encontrados restos de fogueiras, vestígios de esqueletos de animais (principalmente peixes) e ferramentas líticas (feitas em pedra). Alguns arqueólogos defendem a ideia de que os sambaquis funerários (ou sambaquis cemitérios) são construídos pela deposição de sucessivos sepultamentos humanos e da sobreposição de conchas e outros materiais colocadas sobre eles, associado também a realização de eventos coletivos associados ao funeral, chamados na literatura científica de “banquetes funerários” ou “festins” (MENDES, *et al*, 2024).

Os sambaquieiros possivelmente viviam com “os pés na água”, tendo em vista que os locais pelos quais eles transitavam eram geralmente áreas alagadiças, suscetíveis às variações de nível do mar. Seriam representantes do que alguns pesquisadores têm chamado de culturas marítimas. Alguns autores acreditam ainda que os próprios sambaquis eram altos e construídos em áreas específicas para proteger as pessoas dos períodos de cheia. Outra hipótese é de que haveria a

construção de palafitas, onde ocorreriam atividades cotidianas e também onde poderiam estar localizadas as áreas de moradia (MENDES *et al*, 2024).

Os sambaquieiros eram capazes de adentrar ao mar utilizando pequenas embarcações também pelo motivo de algumas ilhas que eles ocupavam estarem distantes da costa, mesmo levando-se em conta as antigas variações do nível do mar. Como estavam em pequenas migrações rotineiras com idas e vindas entre pontos diferentes dentro do continente e as ilhas que ocupavam, os sambaquieiros só poderiam ter trilhado tais caminhos utilizando-se de embarcações. Outro aspecto interessante da cultura sambaquieira, principalmente os que ocuparam as regiões sudeste e sul do Brasil, é o fato de terem elaborado “esculturas em pedra e osso que representam figuras humanas, animais aquáticos, aves, e uma espécie de rodas denteadas e engrenagens” (MENDES, *et al*, 2024).

As técnicas utilizadas pelos sambaquieiros em sua indústria lítica demandavam uma matéria-prima que existia próxima aos locais que habitavam, de onde retiravam o produto bruto, portanto dificilmente havia falta dele para a elaboração dos artefatos que desejavam produzir. Eles foram eficazes na elaboração de artefatos nos quais se destacam o volume e a morfologia dos mesmos, além de utilizarem matéria-prima que lhes permitia dar dureza e consistência aos seus artefatos. Isso possibilitou que fossem encontrados muitos artefatos bem conservados. As diversas técnicas foram utilizadas por estes grupos ao longo de muito tempo, e eram passadas de geração para geração, como herança cultural, sendo ensinadas pelos mais velhos aos mais jovens (MENDES, *et al*, 2024).

As ferramentas e objetos feitos em rocha, eram elaborados a partir de técnicas de lascamento, picoteamento e polimento e são os que apresentam maior preservação nos contextos arqueológicos. Os locais escolhidos especificamente para elaboração de materiais líticos são chamados oficinas líticas. Atualmente é comum encontrarmos oficinas líticas em costões rochosos próximos aos sambaquis que apresentam marcas negativas de onde eram confeccionadas e retocadas as ferramentas, chamamos tais marcas de polidores, amoladores e afiadores. As principais ferramentas em pedra encontradas em sambaquis e que caracterizam as atividades desenvolvidas por estes grupos são: mãos de pilão, pesos de rede, lâminas de machado, raspadores e quebra-coquinhos (MENDES, 2019, p.19).

Figura 8: Representação gráfica da confecção de artefatos em pedra polida em locais chamados oficinas líticas.



Fonte: ARISE, Usp, s.d.

Possuíam muita habilidade com objetos de pedra, usando as oficinas líticas, geralmente próximas à água, conforme sugere a imagem acima.

Figura 9: Oficina lítica no Sítio Arqueológico Cabeçuda. Laguna. Santa Catarina



Fonte: Ronaldo Amboni. 2012.

Para explicar melhor a foto acima, precisamos falar um pouco sobre o sítio arqueológico Sambaqui Cabeçuda I, localizado no bairro de Cabeçuda, em Laguna/SC. É um dos mais monumentais do litoral catarinense, tendo alcançado originalmente cerca de 195 metros de comprimento, 140 metros de largura e aproximadamente 16 metros de altura (SCHEEL-YBERT et al., 2020). Com datações que variam entre 4.120 e 1.800 anos AP, o sítio apresenta não apenas grandes camadas de conchas e vestígios orgânicos, mas também evidências de áreas específicas utilizadas como oficinas líticas. Nessas áreas, identificam-se marcas circulares polidas sobre rochas de suporte, resultado do atrito repetitivo de

ferramentas de pedra com água e areia durante o processo de polimento (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA, 2025).

O Sambaqui Cabeçuda I é considerado o primeiro sítio arqueológico litorâneo de grandes dimensões sistematicamente escavado, com trabalhos realizados por Luiz de Castro Faria na década de 1950, diante da iminência de destruição (CARVALHO et al., 2011, p. 389, apud ZAMPARETTI, 2014, p. 32). Em seus relatórios de visita a sítios arqueológicos em 1950, Castro Faria destacava a situação de destruição do Sambaqui Cabeçuda I, que, a seu ver, possuía apenas 1/10 de seu tamanho original. Em 1951, encaminhou ao Presidente do Conselho Nacional de Pesquisas seu primeiro pedido de bolsa de estudos para o desenvolvimento do projeto sobre os sambaquis de Santa Catarina, com foco principal no Sambaqui de Cabeçuda. Em relatório de 1954, apontou novamente a continuidade da destruição do sítio, considerando-o inviável para estudos estratigráficos (LIMA, 2009, apud ZAMPARETTI, 2014, p. 32).

A indústria lítica encontrada em Cabeçuda I é diversificada, composta por artefatos confeccionados principalmente em quartzo, diabásio e outras rochas disponíveis no entorno, elaborados por técnicas de lascamento, retoque e polimento. Esses instrumentos eram empregados em diferentes atividades cotidianas, como cortar, raspar, perfurar, moer e preparar alimentos. Pesquisas recentes registraram, inclusive, a presença de uma ponta lítica bifacial pedunculada, associada a grupos caçadores-coletores do interior, evidenciando contatos e trocas culturais (MORENO; MINGATOS; OKUMURA, 2023).

Da “caixa de ferramentas” dos sambaquieiros também é comum encontrar no registro arqueológico pontas de projétil, anzóis e pingentes feitos em ossos, dentes e chifres de animais que foram polidos e perfurados para confecção destes objetos. A partir do trabalho da madeira eram elaboradas estacas, embarcações, fogueiras, cabos para machados e projéteis (como lanças), cestas, esteiras, cordeis e possivelmente também eram feitas palafitas e estruturas cobertas para moradia (MENDES, 2019, p. 20).

A pesca e o artesanato têm uma história milenar em Laguna, em parte escrita nos sambaquis, onde se encontram utensílios e adornos feitos com pedras, conchas, espinhos, junto com outras relíquias arqueológicas. Essa ligação histórica entre os habitantes do local e o mar continuam até os dias de hoje, sendo expressa na atividade pesqueira artesanal que acontece nas áreas das lagoas ou em alto mar.

Da pesca derivam diversas atividades e artefatos, sejam materiais, como os utensílios de trabalho e uso doméstico, como imateriais, que são práticas e ensinamentos passados de geração para geração (CITTADIN, 2020, p. 15).

Os sambaquieiros dominavam também as técnicas de elaboração de cestos, esteiras, cordeis, amarrações e laços. Utilizavam fibras vegetais, como os cipós, e com eles elaboravam artefatos que eram usados para contenção de estruturas, armadilhas e redes para pesca, embarcações, armazenamento de alimentos e amarração de objetos (como machados e lanças). Raramente estes objetos, e partes de objetos, de madeira e fibras, são encontrados, pois são materiais orgânicos e dificilmente se preservam nesse tipo de contexto arqueológico. No entanto, em alguns casos excepcionais, encontram-se preservados na base de sambaquis que estão permanentemente encharcadas pela água de mangues e rios adjacentes, como no caso do sambaqui Cubatão I, em Joinville - SC, foram encontrados vestígios de estacas, cestos, amarrações e cordas, entre outros (MENDES, 2019, p.20).

Os povos sambaquieiros já tinham preocupação com os seus entes queridos, realizavam todo um processo ritualístico e inclusive alguns sítios arqueológicos da região eram locais com muitos sepultamentos. Alguns sítios são considerados como sendo cemitérios ou como tendo sua construção intimamente ligada aos sepultamentos (GASPAR, 2000). Segundo Mendes, (2019) as (os) arqueólogas (os) interpretam os locais funerários a partir do contexto encontrado durante a escavação. Esses contextos podem revelar diversas informações, por exemplo:

- Diferentes formas de depositar o corpo: decúbito ventral (barriga no chão), decúbito dorsal (costas no chão), corpo estendido, corpo fletido, etc;
- Artefatos que acompanham o corpo elaborados a partir de material faunístico como adorno em conchas, dente de tubarões, ossos de mamíferos e aves;
- Artefatos que acompanham o corpo elaborados em material lítico como as interessantes esculturas em pedra (zoólito), lâminas de machado, quebra-coquinho;
- Existência ou não de pigmento vermelho produzido a partir do ocre (mineral) que era espalhado sobre o corpo;
- Estacas feitas de madeira dispostas ao redor do corpo - atualmente encontra-se apenas as suas marcas, como negativos no terreno, mas as pesquisas do sedimento dos locais em que estavam as estacas indicam o uso de madeira pela presença de vestígios queimados (carvões) e ou outros microscópicos (fitólitos);
- Mortalha, provavelmente confeccionada a partir de material vegetal, não pode ser diretamente observada em campo. As (os) bioarqueólogas (os) são as (os) especialistas que podem inferir a presença desse elemento a partir da análise da posição em que os ossos do esqueleto se encontram. Além disso, geoarqueólogas (os) e bioarqueólogas (os) podem analisar

micro-vestígios (fitólitos) presentes no sedimento da sepultura para identificar a presença de elementos vegetais no sedimento da sepultura;
 • Indicativos sobre o sexo do indivíduo;
 • Indicativos sobre a idade do indivíduo na época da sua morte (MENDES, 2019, p. 17).

Apesar das pesquisas revelarem diversos aspectos das práticas funerárias dessas sociedades não podemos saber sobre diversos outros aspectos envolvidos em um cerimonial funerário, sobretudo os que não deixaram registro material, como cantos e danças (MENDES, 2019).

Segundo Berredo e Bianchini (2020), a morte para os sambaquieiros se tratava de cerimônia com alta visibilidade e o ritual funerário implicava a realização de diversas atividades envolvendo o grupo de pescadores-coletores e tendo o cadáver a posição central. Os condutores do rito atualizavam o programa funerário realizando atividades iniciais de escolha, seleção e preparação dos materiais para serem depositados com a intenção de formatar a cena fúnebre. Nestas feições, vestígios como marcas de estaca, artefatos líticos e especialmente restos de alimentos apontam para a prática de oferendas alimentícias rituais aos mortos e de festins fúnebres (KLOCKER, 2012).

Gaspar (2004) considera que os festins⁴ tenham sido cerimônias centrais na vida dos sambaquieiros. Entretanto, estas cerimônias sempre foram associadas ao consumo de alimentos de origem marinha, especialmente peixes, inferido a partir da presença abundante de restos de fauna. A presença de alimentos durante os rituais fúnebres também demonstra a importância dada a estes rituais. A preparação dos corpos pode ter envolvido uma série de passos, incluindo a deposição secundária de alguns indivíduos, assim como o uso de pigmentos de origem mineral – ocre (OKUMURA, 2008). Artefatos depositados junto aos corpos, como zoólitos, têm sido interpretados como oferendas mortuárias. Outros elementos cujo papel de oferenda é menos óbvio seriam os restos de alimentos encontrados em associação às áreas funerárias de alguns sítios (KLOCKER, 2012).

Sambaquis de tão grande porte demonstram a coesão dos grupos que ocuparam aquelas paisagens e a relação harmônica que eles foram capazes de estabelecer com os seus ambientes de vivência. Séculos de repetição de rituais, com destaque para os rituais fúnebres, além de demonstrarem toda a organização

⁴ *Festim*: cerimônia ritual coletiva, geralmente acompanhada de banquetes e práticas simbólicas, que entre os sambaquieiros envolvia o consumo de alimentos, sobretudo marinhos, associado a momentos de celebração ou rituais fúnebres.

social a que chegaram, definem a memória social desta sociedade. Outro objetivo da construção dos sambaquis era reforçar a identidade dos grupos que os construíram, utilizando a paisagem culturalmente modificada por eles, para perpetuar sua memória coletiva (CARDOSO, 2016). A construção dos sambaquis era multifacetada, envolvia a vida cotidiana, práticas ritualísticas, organização e marcadores territoriais, portanto, havia uma intencionalidade. A combinação dessas funções nos mostram o reflexo da vida dessas populações litorâneas, com registros de hábitos alimentares, modos de vida, rituais funerários e práticas sociais.

2.3 O contexto de Laguna e a presença dos sambaquis na história local

O litoral brasileiro está pontilhado por sítios arqueológicos cuja matriz é formada principalmente por conchas e restos de peixe, os sambaquis (PROUS, 1992 apud KNEIP, 2018, p.27 et al.). Os sambaquis são encontrados em todo litoral brasileiro e alteram a paisagem local, enriquecendo e demonstrando o modo de vida dos povos originários pré-coloniais. Na faixa litorânea que compreende a cidade de Laguna e seus arredores — área situada no sul de Santa Catarina, entre a costa atlântica e o complexo lagunar — localiza-se uma das maiores concentrações de sambaquis do mundo. Essa região, marcada por ecossistemas ricos e variados, como manguezais, lagoas e restingas, preserva importantes vestígios materiais dos primeiros povos que habitaram o litoral brasileiro.

Embora seja possível encontrar sambaquis em todo o litoral do Brasil, especialmente nas regiões Sul e Sudeste, é na região de Laguna que se destacam os exemplares mais antigos e volumosos já identificados no sul do país, o que confere à área um papel de destaque na arqueologia nacional e na preservação do patrimônio cultural pré-colonial.

Figura 10: Mapa de Laguna, Santa Catarina.



Fonte: Wikipedia, 2024.

Normalmente, estes sítios possuem formas arredondadas – como se fossem simples morros – de tamanhos variados, alguns com aproximadamente 30 (trinta) metros de altura, como é o caso do Sambaqui da Carniça, na localidade de Campos Verdes, Laguna. (CITTADIN, 2020, p. 18). Os sambaquis do Farol de Santa Marta, Galheta, Carniça, Ipuã, Cabeçuda, Peralta e Passagem da Barra são os mais importantes no município de Laguna. Existem mais de 100 sambaquis identificados entre Laguna e Jaguaruna.

Figura 11: Sambaqui da Carniça (Campo Verde). Laguna. Santa Catarina.



Fonte: Arquivo Padre Schmitz, 1953.

A fotografia histórica retrata o Sambaqui da Carniça, localizado na comunidade de Campo Verde, em Laguna/SC. Registrada em 1953, esta imagem do arquivo do Padre Schmitz oferece um importante registro visual de um dos sítios arqueológicos mais expressivos da região. Na imagem podemos observar a extensão e a estrutura característica deste tipo de monumento cultural, além de evidenciar o contexto natural onde o sambaqui está inserido. Esse registro histórico é fundamental para o entendimento das práticas arqueológicas da época e para a valorização do patrimônio cultural, contribuindo para a memória coletiva e o estudo da história local.

Na região de Campo Verde, bairro de Laguna, encontramos construções de caieiras, espaços para queima de conchas para abastecer a construção civil com cal, este fato justifica o processo de destruição dos sítios arqueológicos que eram enormes. Durante décadas e décadas não houve preocupação na preservação destes espaços. Até a década de 1960 os Sambaquis foram bastante explorados, suas conchas serviam de matéria prima para produção de cal, pavimentação e aterro das estradas (ZAMPARETTI, 2014).

Desde o Brasil colônia, as conchas dos Sambaquis eram utilizadas nas indústrias caieiras ou mesmo para construção das casas de vilas próximas, com o cal. As conchas ainda serviam para compactação das estradas, como ocorreu em Florianópolis, Garuva, Imbituba, Laguna e Jaguaruna. Da mesma utilização, foi construída a antiga estrada da Base Aérea de Florianópolis e a pista do Aeroporto de Joinville. Um grande patrimônio arqueológico que foi desperdiçado e destruído (GASPAR, 2000).

“Constatamos que a Prefeitura Municipal de Laguna, havia compactado quatro quilômetros da estrada do Farol de Santa Maria com conchas de sambaquis. Em Jaguaruna, surpreendemos dois indivíduos, ocupados em peneirar conchas do sambaqui da Garoupaba. Nos sambaquis da Carniça II, em Laguna; do Siqueiro e da Samambaia, em Imaruí, as obras de demolição estavam prosseguindo. (...). Extensos trechos de estradas municipais, haviam sido, recentemente, compactadas com material retirado dos sambaquis” (ROHR, 1974 apud COMERLATO, 2014, p. 18).

Pesquisas mostraram que é em Laguna que existia o maior Sambaqui em altura do Brasil, o Sambaqui da Carniça, que foi destruído pela mineração para produção de cal (ZAMPARETTI, 2014). No início da colonização do Brasil, o território onde seria instalada Laguna constituía a parte mais meridional do Brasil, na Capitania de Santana. Neste local passa a linha imaginária criada no tratado de Tordesilhas em 1494, separando as terras de Portugal à leste e Espanha à oeste. Por este motivo, Laguna tornou-se um importante referencial geográfico e de demarcação territorial para Portugal (CABRAL, 1970). A cidade é a terceira mais antiga de Santa Catarina, fundada em 1676.

O município tem sua fundação oficial datada em 20 de janeiro de 1720. Alguns pesquisadores apontam que a data de fundação ainda é uma interrogação. Variando entre 1676 e 1684. Nesse período, o vicentista Domingos de Brito Peixoto, rico fazendeiro da Baixada Santista, e seus dois filhos, Francisco de Brito Peixoto e Sebastião de Brito Guerra, chegaram a Laguna, onde se confrontaram com os grupos indígenas da região (DALL'ALBA, 1979, p. 13).

Cittadin (2010, p. 82) comenta sobre o histórico de ocupação do município:

A escolha para implantação de Santo Antônio dos Anjos da Laguna [antiga denominação do município de Laguna] baseou-se na existência de um porto natural abrigado dos ventos fortes e águas turbulentas, circundado por uma faixa de terra plana, com solo firme que permitisse a edificação de uma vila, além do abastecimento de água de boa qualidade, e por sua estratégica posição geográfica, sobre a imaginária linha do Tratado de Tordesilhas, garantindo os limites ao sul do território português (CITTADIN, 2010, p. 82).

Apesar de ser área conhecida por viagens de exploração em busca de minas de ouro e prata e caça de indígenas, bem como pelos jesuítas a procura de locais para estabelecer suas missões (SANTOS, 1991), de acordo com Cabral (1939) é a partir de 1658 que teve início às expedições de bandeirantes a fim de efetivar a ocupação do litoral da Capitania de Santana, buscando assegurar o domínio português do território.

A região onde Laguna se encontra tem uma situação geográfica excepcional por se constituir em um atracadouro natural, por ser ponto de inflexão de correntes marinhas e ventos, o que, segundo Lucena (1998), atraiu as empresas europeias de navegação. O povoado foi fixado dentro da Barra da Lagoa de Santo Antônio, de acordo com a tradição portuguesa, protegido por uma elevação que enlaça a pequena planície onde hoje se situa a cidade, o fácil e abundante abastecimento de água de boa qualidade. Esta implantação favorável, ao longo da história, haveria de preservá-la de qualquer inimigo que viesse por mar, como na invasão espanhola de 1777, quando Laguna foi salva pelos ventos contrários, impedindo que as naus de Castela transpusesse a barra (HUK, 2009).

Laguna serviu como posto avançado da coroa portuguesa, como base de operações militares e pousada de bandeirantes, utilizada como ponto estratégico de apoio para o desbravamento da região sul e com o objetivo de defesa do território lusitano. Na época foi definida como último porto meridional seguro, que apresentava garantia de abrigo à navegação costeira. Também foi fundamental como local de resistência nos conflitos existentes, entre Portugal e Espanha, pela posse do território não explorado (JARAMILLO, 2016, p. 29).

A cidade, pela sua importância como base militar e pólo de colonização, ainda manteria contatos mais frequentes com a metrópole em relação às demais vilas - Desterro, atual Florianópolis (Vila de Nossa Senhora do Desterro) e São Francisco (Vila de São Francisco do Sul). Além do mais, partiram desta vila diversas bandeiras que efetuaram o reconhecimento do território e a povoação da nova colônia de Rio Grande. Por isso, o comércio se desenvolvia mais rapidamente, aproveitando a produção pesqueira para comercialização e antes de 1709 já abastecia estas cidades de carne salgada (GALVÃO, 1884 apud JARAMILLO, 2016, p. 29).

A cidade possui mais de vinte e dois sítios arqueológicos, alguns construídos há mais de seis mil anos. Os sambaquis e oficinas líticas emolduram as paisagens

da cidade. De um lado, é contornada pelas lagoas Santo Antônio dos Anjos, Camacho e Imaruí (Complexo Lagunar) e do outro lado é banhada pelo Oceano Atlântico.

Figura 12: Laguna retratada pelo pintor francês Jean-Baptiste Debret, c. 1824-1828



Fonte: (Debret e o Brasil: obra completa – 1816 – 1831, Capivara, 2008).

Figura 13: Centro Histórico de Laguna, vista do alto do Morro da Glória.

Ano: 1930



Fonte: Coleção de postais Fabiano Teixeira dos Santos.

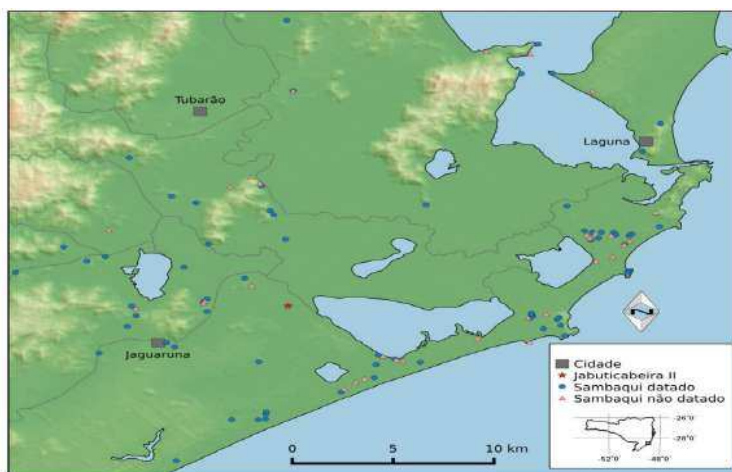
Figura 14: Foto do Centro Histórico de Laguna. Anos 2000.



Fonte: Iphan SC. 2000.

A cidade, rodeada de águas, possui uma diversidade marinha que serve de base para alimentar as populações que aqui viviam e vivem, além de oferecer materiais para a construção dos sambaquis. Sempre comparamos nas aulas de História que cada povo usa os recursos que existem no local para adaptar suas construções, práticas, templos etc. Por exemplo, no Egito Antigo⁵, as pirâmides eram construídas com pedras (trazidas pelo rio Nilo), na Mesopotâmia usavam argila para construir os Zigurates, aqui no Brasil, as populações litorâneas (sambaquieiros) usavam a matéria prima disponível para construir moradias, cobertas com fibras naturais ou usavam os concheiros para construir seus monumentos, os sambaquis usados como locais de sepultamento, convivências, festividades, rituais etc.

Figura 15: - A região da Laguna de Santa Marta e seus sambaquis, no litoral sul catarinense.



Fonte: Assunção & De Blassis, 2007.

Vários estudos foram realizados nos sambaquis dessa região, aqui designada laguna de Santa Marta, enfocando os padrões de ocupação da área e os processos de formação dos concheiros (DEBLASIS & GASPARG, 2009 apud KNEIP, 2018, p.28 et al.). O levantamento intensivo de sítios, incluindo a datação da maior parte deles, mostra grande longevidade e estabilidade na ocupação sambaquieira da região (DEBLASIS et al., 1998; 2007).

O modo de vida sambaquieiro está intimamente ligado ao ambiente de lagamar, do qual os sambaquis parecem nunca se afastar. Estudos zoo arqueológicos e isotópicos deixam pouca dúvida acerca da importância dos recursos aquáticos na subsistência dos grupos sambaquieiros (FIGUTI, 1992; KLOKLER, 2008; COLONESE et al., 2014, apud KNEIP, 2018, p.28 et al).

⁵ Trecho elaborado pela autora, com base em conhecimentos arqueológicos e históricos gerais.

Os sambaquis aparecem no registro arqueológico da região desde aproximadamente 7.500 anos a.P, quando o Nível Médio do Mar (NMM), em ascensão, atingiu o atual zero pela primeira vez no Holoceno. O NMM máximo, com aproximadamente 2,5 m acima do atual, foi alcançado por volta de 5.000 anos a.P e dessa época até o presente recuou gradualmente até o nível atual (ANGULO et al, 1999). Ao longo desse período a região passou por um processo dinâmico de remodelagem costeira. De baía aberta, mas bem protegida por um alinhamento de ilhotas e cordões arenosos, foi-se transformando paulatinamente no sistema lagunar atual, quase fechado. A ocupação sambaqueira está presente ao longo de todo esse extenso período (7.500 até 900 anos a.P), e as datações disponíveis revelam que se trata de uma ocupação ininterrupta ao longo da lenta e constante reconfiguração do ambiente lagunar durante esse período (KNEIP, 2004; DEBLASIS et al., 2007; GIANNINI et al., 2010).

Estudos indicam que há 3000 antes do presente o nível relativo do mar estava mais elevado em relação ao nível atual, compondo um complexo sistema de lagoas em conexão com o oceano. Assim, o ambiente encontrado era de lagoa, mangue, restinga, floresta (Mata Atlântica) e uma intensa ocupação por grupos sambaquieiros ocorrendo de maneira simultânea. Tal lagoa apresentaria uma grande diversidade e riqueza de espécies de fauna e estaria em conexão com o mar através de canais, justificando a entrada de espécies como a baleia e as tartarugas (CARDOSO, 2019, p. 5).

A presença dos sambaquis no contexto de Laguna revela uma estreita relação entre o meio ambiente e a cultura dos povos sambaquieiros, que habitaram a região por milhares de anos. Esses sítios arqueológicos, além de oferecerem vestígios materiais de uma ocupação longa e estável, testemunham a importância dos recursos aquáticos e da dinâmica costeira na construção de modos de vida adaptados ao ambiente lagunar.

O desaparecimento das construções características dos sambaquieiros, levou arqueólogos a acreditar que essa população havia sido substituída pelos habitantes do interior. De acordo com Mendes et al. (2024) parece que não foi bem assim que aconteceu. Contrariando essa crença, uma nova investigação do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da USP, realizada no sítio arqueológico Galheta IV, revela novas pistas que indicam que a população teve seus hábitos modificados devido à interação com outros povos.

Conforme afirma Teles et al. (2024) um hábito cultural que permaneceu inabalável por 8 mil anos simplesmente desapareceu há mil anos. Até então, a teoria era de que os sambaquieiros deram lugar a outros grupos ao longo do tempo. Estudos arqueológicos e genéticos revelam que os sambaquieiros não desapareceram, na verdade, houve uma transformação cultural gradual nos sítios em Laguna há cerca de dois mil anos. Uma das mudanças é vista na substituição de conchas por ossos de peixe na construção dos sambaquis, apesar da diminuição do nível do mar ser apontada como uma dos motivos do abandono das conchas, a dieta baseada em frutos do mar persistiu, indicando o contrário.

As investigações de DNA mostraram que os sambaquieiros também mantiveram uma continuidade genética ao longo do tempo. Além disso, foram encontradas cerâmicas em alguns montes, material usado pelos proto-Jê, sugerindo uma convivência prolongada com esses grupos litorâneos (TELES, et al, 2024). As descobertas destacam a resistência cultural dessas populações ao longo de milhares de anos, apesar das influências externas. Estudos mais recentes também indicam uma pequena ancestralidade compartilhada entre sambaquieiros e povos Jê há pelo menos 1.300 anos atrás, revelando uma história complexa de interações genéticas e culturais (MENDES, 2024).

O patrimônio arqueológico de Laguna não apenas reforça sua relevância histórica e cultural, mas também destaca o papel dos sambaquis como marcos identitários e educativos, conectando o passado pré-colonial às práticas e paisagens atuais, por isso, trata-se de uma oportunidade de explorar, entender e valorizar o patrimônio cultural, histórico e arqueológico local.

A pesquisa da história local representa um campo interessante para entender como diversas comunidades constroem e mantêm suas memórias, conectando passado e presente. Ao integrar o conhecimento histórico ao dia a dia, fica evidente que o "local" não se limita a uma definição geográfica, mas é um espaço dinâmico, permeado por interações sociais, culturais e simbólicas. Nesse contexto, a história local vai além de relatar eventos que ocorreram em um determinado território; ela procura entender como as pessoas se apropriam desse espaço, lhe atribuem significados e o transformam em um ponto de referência para sua identidade.

Como problematiza Cavalcanti (2018, p. 274), a noção de "local" é relacional e complexa: "O que se entende por local? Local em relação a quê? Para quem? O

que é local para uns pode, igualmente, ser global para outros”. Cavalcanti (2018, p. 275) reflete sobre a complexidade e pluralidade do conceito de "local":

Nessa dimensão, gostaria de trazer à discussão alguns sentidos atribuídos à palavra “local”. A etimologia da palavra nos leva ao latim *localis*. Sua grafia – que pareceria um plural, embora não o seja – já sugere evitarmos apreendê-la ou aprisioná-la em um sentido singular. Sugere que ela desfruta de significados plurais. Ou seja, o local, desde a gestação de sua grafia, é um espaço conceitual polissêmico; é um lugar polifônico. No conhecido dicionário Aurélio, a palavra “local” encontra-se experimentada como sinônimo de “lugar”. De maneira mais detalhada, o primeiro significado atribuído a “local” diz respeito a um sentido “relativo a determinado lugar”. Assim, os significados de “local” estão embrionariamente ligados a uma concepção de lugar e, nessa relação, “lugar” está indissociável de espaço. Ou seja, ao falarmos de local, estamos, concomitantemente, falando de espaço (CAVALCANTI, p. 275. 2018).

Bittencourt, mencionada por Cavalcanti (2018, p. 277), afirma que “a história local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do/a estudante [...] igualmente por situar os problemas significativos da história do presente”. Contudo, a autora enfatiza a importância de ter cuidado: a história local não deve ser reduzida “em dimensões micro” ao estudo da vida e das atividades de prefeitos e outras autoridades de um determinado lugar; ela deve estar ligada à memória familiar, ao trabalho, à migração e às festas etc. (CAVALCANTI, 2018, p. 277).

Cavalcanti (2018, p. 282) destaca um dos desafios: a propensão de restringir a história local à sua dimensão espacial. Isso ocorre quando a história local é controlada ou condicionada por sua dimensão geográfica, reduzindo-a a um simples território geográfico. Essa visão não leva em consideração a complexidade dos processos históricos que acontecem em diversas escalas e relações. Esse aviso é fundamental ao considerar os sambaquis de Laguna: apesar de estarem geograficamente localizados em uma área definida, seu significado vai além do espaço físico. Eles representam remanescentes de experiências, visões de mundo e modos de organização social e espiritual que perduram ao longo do tempo. Vincular os espaços construídos apenas à dimensão geográfica seria desconsiderar seu potencial simbólico, político, cultural e educativo.

Cavalcanti (2018) observa que “toda experiência está ligada ao espaço”, contudo, o que realmente legitima um lugar não é apenas sua configuração física, mas sua dimensão política, ou seja, a maneira como é reconhecido, representado e

atribuído com significados sociais e históricos. Quando essa abordagem é aplicada aos sambaquis, percebe-se que sua relevância vai além de estarem situados na costa sul de Santa Catarina; o que realmente importa é seu papel como um espaço de memória e de conflito narrativo — especialmente em relação à presença indígena, à ancestralidade e ao direito à história. Compreender a trajetória local dessa maneira amplia as possibilidades no ensino de História, fazendo com que os sambaquis deixem de ser vistos apenas como "artefatos arqueológicos do território"; eles se tornam valiosas fontes de aprendizado, pertencimento e cidadania histórica. Assim, a educação nos primeiros anos pode articular diferentes escalas — local e global. Cavalcanti (2018, p. 283) levanta uma questão adicional: a tendência de ver a história de um lugar como um pequeno reflexo da história do país — um episódio regional dentro de uma narrativa maior. Tal abordagem enfraquece o estudo histórico, relegando o local a um papel secundário em relação ao nacional, desconsiderando a independência das pessoas dali e a riqueza dos acontecimentos nas áreas mais afastadas.

No caso dos sambaquis de Laguna, é crucial ir além dessa forma vertical de explicação. Eles não são apenas resultados da história do Brasil, mas manifestações singulares de vivências culturais de milhares de anos, com seu próprio valor e o potencial de ampliar o nosso entendimento do passado. Desta forma, ao propor o uso dos sambaquis de Laguna no ensino de História, esta dissertação considera o local como um ambiente para a criação de sentidos, e não apenas um espelho de narrativas principais. É essencial que a história local tenha sua própria fala, estimule o pensamento crítico e fortaleça o raciocínio histórico baseado nas experiências concretas, sem deixar de se conectar com outras dimensões e períodos de tempo.

Cavalcanti (2018, pp. 287–289) conclui que a história de cada lugar, vista como uma "forma particular da história", possui uma força própria, misturando características únicas com influências de fora — sejam do país ou do mundo — sem depender delas. Ele afirma que "o aspecto local da História não é só uma pequena parte de algo maior" (CAVALCANTI, 2018, p. 287). Essa visão dá valor à história feita a partir de lugares certos, como Laguna, e seus símbolos e objetos antigos — os sambaquis.

Barros (2011, p. 25) enriquece essa linha de pensamento ao declarar que "o lugar representa o espaço que se tornou notável para um indivíduo, por ter sido imbuído de certas interpretações". A imagem musical que ele utiliza, comparando o

lugar a um "conjunto de impressões pessoais", ressalta sua natureza simbólica, emocional e ligada à cultura. Dentro do contexto dos sambaquis, essa perspectiva ganha ainda mais força: eles transcendem a definição de simples sítios arqueológicos, sendo espaços repletos de recordações e senso de pertencimento, que se mantêm vivos através dos séculos, unindo o ontem e o hoje.

Barros (2011, p. 26) ressalta que focar a análise em um ponto central, seja como tema ou método de interpretação, facilita o entendimento das identidades e características únicas de um lugar, atreladas à sua história, sem perder de vista seus traços distintos. Assim, os sambaquis de Laguna se tornam importantes por unirem o caráter único do local à sua relação com eventos maiores, questionando a ideia de que são meros resquícios históricos da região. A importância dada aos sambaquis como uma narrativa local genuína, cheia de simbolismo e identidade, surge como uma valiosa ferramenta educativa. Desse modo, o ensino de História nos primeiros anos da escola pode se tornar um ambiente de pertencimento, de reflexão crítica e de criação histórica constante, transformando os sambaquis em pontos de encontro entre o passado, o presente e o futuro.

O Ensino de História nos Anos Iniciais permite que as crianças desenvolvam o pensamento crítico e reflexivo, levando-as a formar suas próprias opiniões e a interpretar o mundo ao seu redor (PEREIRA, 2018, p. 18).

A História busca compreender as diversas maneiras como homens e mulheres vivem e viveram, como pensam e pensaram suas vidas e a de suas sociedades, nos diferentes tempos e espaços. Ela permite que as experiências sociais sejam vistas como constante processo de transformação, um processo que assume formas diferenciadas, produto da ação dos próprios homens. O estudo da História é fundamental para perceber o movimento e a diversidade, possibilitando comparações entre grupos e sociedades nos diversos tempos e espaços. Por isso, a História nos ensina a ter respeito pela diferença, contribuindo para o entendimento do mundo em que vivemos e também do mundo em que gostaríamos de viver (FONSECA, 2009. p. 51).

O ensino de História nos Anos Iniciais deve levar em conta as vivências e experiências dos estudantes. Segundo Pereira (2018), "trabalhar a história local é levar o estudante a reconhecer-se inserido dentro de sua própria história e levá-lo a entender que todos somos sujeitos históricos" (PEREIRA, 2018, p. 45).

A história local desempenha um papel importante na formação do processo de ensino/aprendizagem dos/as estudantes do primeiro ciclo do Ensino

Fundamental, de acordo com os Parâmetros Curriculares de História e Geografia dos Anos Iniciais. Dentre seus objetivos, destacamos três:

- reconhecer mudanças e permanências nas vivências humanas, presentes na sua realidade e em outras comunidades, próximas ou distantes no tempo e no espaço;
- questionar sua realidade, identificando alguns de seus problemas e refletindo sobre algumas de suas possíveis soluções, reconhecendo formas de atuação política institucionais e organizações coletivas da sociedade civil;
- valorizar o patrimônio sociocultural e respeitar a diversidade, reconhecendo-a como um direito dos povos e indivíduos e como um elemento de fortalecimento da democracia (BRASIL, 2017. p. 33).

Uma estratégia pedagógica interessante para o desenvolvimento do pensamento histórico, da identidade e do sentimento de pertencimento dos estudantes ao seu território é o ensino da história local nos primeiros anos do Ensino Fundamental. De acordo com Pereira (2018), ao trabalhar a história local, o estudante pode se reconhecer como parte de uma trajetória histórica, entendendo que todos são protagonistas na construção contínua da sociedade. Essa abordagem ajuda a desenvolver uma consciência histórica crítica e a valorizar a diversidade cultural existente no ambiente em que os mesmos vivem.

Assim, a história local atua como um vínculo entre a experiência diária dos estudantes e os conteúdos curriculares, conectando o ensino à realidade e facilitando a construção de significados. Fonseca (2009) ressalta que a História, ao considerar as diversas maneiras como diferentes grupos sociais viveram, pensaram e mudaram suas realidades, fomenta o respeito à diversidade e enriquece a compreensão do mundo em suas dimensões temporais e espaciais. Nesse contexto, a história local vai além de um simples estudo do passado recente; ela deve ser vista como um instrumento para ligar os estudantes às atividades sociais, culturais e políticas de sua comunidade, incentivando o envolvimento e o protagonismo.

3 REFERENCIAL TEÓRICO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: UMA ANÁLISE SOBRE LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL

O ensino de História no Brasil é marcado por conflitos sobre seus propósitos, conteúdos e métodos. Desde a época Vargas, quando a “matéria” começou a fazer parte do currículo escolar de maneira sistemática com ênfase no civismo e na formação da nacionalidade, até os tempos atuais, a História tem alternado entre iniciativas para a criação da identidade nacional e abordagens críticas focadas na cidadania (MOREIRA; SILVA, 2002; VELLOSO, 2012). Nesse cenário, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) constitui um marco atual ao destacar a importância da diversidade étnico-racial, apesar de ainda ter lacunas no que diz respeito a referências diretas ao patrimônio arqueológico, como os sambaquis.

Apesar de a BNCC não citar os sambaquis de forma direta, ela destaca a relevância de abordar a história e a cultura dos povos indígenas, especialmente nos Anos Iniciais. Essa flexibilidade na grade curricular possibilita que os professores utilizem os sítios arqueológicos como ponto de partida para conversas sobre território, ancestralidade e pertencimento. No entanto, conforme enfatiza Schmidt (2007), o ensino de História Local não deve ser considerado apenas um recorte geográfico, mas um processo educativo que integra memória, identidade e consciência histórica. A análise crítica do currículo, conforme argumentam os estudos decoloniais, nos ajuda a entender que o que não está presente também transmite informações: expõe as invisibilizações estruturais e as disputas por reconhecimento no âmbito da história escolar (QUIJANO, 2005).

O ensino de História é essencial para a formação da cidadania e para a construção das identidades individuais e coletivas das pessoas. A História nos proporciona mais do que um simples registro de eventos passados; ela nos oferece instrumentos para compreender e questionar o presente, além de nos permitir vislumbrar trajetórias futuras que priorizem a equidade, a liberdade e a alteridade. No entanto, as narrativas que são valorizadas e as que são relegadas ao esquecimento são constantemente afetadas e direcionadas por disputas políticas e sociais que influenciam os conteúdos e métodos empregados no ensino dessa disciplina.

Nas últimas décadas, o ensino de História tem enfrentado desafios importantes para oferecer uma educação que transcenda a simples transmissão de conhecimento, conteúdos e conceitos estabelecidos sob a forte influência eurocêntrica. Há uma demanda crescente por uma abordagem que promova o pensamento crítico e valorize a autonomia dos estudantes, respeitando e incorporando a diversidade cultural e as perspectivas decoloniais. Ao levar em conta a representação de grupos que foram historicamente marginalizados, como indígenas e afro-brasileiros, essa demanda se torna ainda mais clara. Por essa razão, é importante realizar estudos de casos específicos, como os sambaquis (povos originários pré-coloniais) que habitavam todo o litoral brasileiro.

As populações indígenas não devem ser vistas como povos do passado; ao contrário, a memória e os vestígios desses povos devem ser associados às comunidades indígenas contemporâneas. A preservação desses locais é fundamental para a conservação do patrimônio e da memória dos primeiros habitantes, envolvendo os estudantes na prática arqueológica e histórica e demonstrando como os vestígios materiais podem ser utilizados para reconstruir, compreender e reinterpretar o passado, por meio da análise e do questionamento de diversas fontes e perspectivas históricas.

O ensino de História tem um papel fundamental nas disputas políticas relacionadas à construção do conhecimento e à formação das identidades sociais. A escolha de conteúdos e conceitos para o currículo não é imparcial: ela espelha interesses particulares, geralmente em sintonia com as visões da classe dominante — predominantemente formada por homens brancos, cisgêneros, heterossexuais e de elevado poder econômico (Moreira et al., 2002; Santos, 2019).

Essa opção curricular favorece certas narrativas, ao passo que silencia ou torna invisíveis as histórias e culturas de grupos historicamente marginalizados, como indígenas, afrodescendentes, mulheres etc. (Foucault, 1980; Spivak, 1988). Ao perpetuar essas exclusões, o sistema educacional ajuda a preservar um pensamento colonial, neoliberal, tecnicista e aplicacionista, limitando a capacidade emancipadora da educação. Ao manter essas exclusões, o sistema de ensino contribui para a manutenção de um pensamento colonial, neoliberal, tecnicista e aplicacionista, restringindo o potencial emancipador da educação.

Essa dinâmica reflete sistemas de poder e sustenta a desigualdade social e cultural, perpetuando uma mentalidade colonial que privilegia as culturas

eurocêntricas em relação às culturas originárias (Mignolo, 2011; Quijano, 2000). Ademais, a influência do neoliberalismo direciona a educação para a capacitação técnica e profissional, enfatizando a eficiência e diminuindo as oportunidades para o desenvolvimento do pensamento crítico e da cidadania (Ball, 2013; Pimenta, 2005). O papel da educação é ainda mais restringido pelo tecnicismo e pelo aplicacionismo, que limitam o aprendizado à aplicação prática de conteúdos sem a necessária reflexão crítica sobre seus contextos sociais e históricos (Tardif, 2002; Freire, 1996).

Conforme já mencionado, o currículo escolar não é um conjunto neutro de conteúdos, mas sim um reflexo de escolhas políticas e culturais que determinam quais conhecimentos são legitimados e quais são marginalizados (Moreira, 2002). Essa é uma tradição seletiva, caracterizada por conflitos e negociações que refletem as dinâmicas de poder existentes na sociedade. Essa dinâmica geralmente impede a valorização das "culturas negadas e silenciadas" (Freire, 1987; Sousa Santos, 2007), limitando a capacidade da educação de fomentar mudanças sociais.

Essa realidade é ainda mais evidente no Ensino de História, uma vez que o campo trabalha diretamente com a formação de identidades e memórias coletivas. Para que desempenhe um papel emancipatório, é essencial adotar perspectivas críticas e decoloniais que reconheçam a diversidade cultural e histórica, assegurando espaço para vozes que foram historicamente marginalizadas (Mignolo, 2011; Grosfoguel, 2013; Freire, 1987). Isso significa que não só precisamos revisar os conteúdos, mas também repensar as práticas de ensino e a formação dos professores.

A formação inicial e continuada de docentes deve ser direcionada para a independência intelectual, a prática crítica constante e o compromisso com a diversidade. Para fortalecer práticas inclusivas e conscientes, é fundamental criar espaços de diálogo e troca de experiências entre os profissionais da educação. Nesse cenário, é fundamental valorizar e respeitar o trabalho dos professores de História, que muitas vezes enfrentam tentativas de deslegitimação que limitam sua atuação à simples transmissão de um passado remoto ou a falsas acusações de "doutrinação". Em oposição a essa perspectiva restrita, a História é uma ciência essencial para desenvolver uma consciência histórica crítica, que permite questionar o presente, aprofundar a compreensão da democracia e auxiliar na superação das desigualdades sociais que afligem o Brasil.

Os jovens questionam constantemente a relevância dos temas e conceitos abordados na escola. Então, qual será a função do Ensino de História? De que maneira essas variadas abordagens educacionais e práticas docentes têm contribuído para viabilizar novas perspectivas de História, focadas na libertação e emancipação do ser humano? Para atender às diversas particularidades humanas, precisamos entender melhor o caminho que percorremos até aqui.

O ensino estava fortemente ligado à educação religiosa e moral durante o período colonial e início do Império, sendo influenciado principalmente por Portugal e pela Igreja Católica. O currículo prioriza uma visão eurocêntrica, desconsiderando a história local e as contribuições dos povos indígenas, africanos e afrodescendentes. Nesse cenário de Modernidade, os europeus consideravam-se no auge do processo evolutivo, enquanto os que vieram antes estavam em uma condição de inferioridade e atraso.

Consideravam-se "os modernos", o novo e, ao mesmo tempo, o mais avançado da espécie, a partir do qual a experiência do outro é avaliada e classificada de acordo com os padrões e experiências eurocêntricas. Durante séculos, povos indígenas, africanos escravizados e afrodescendentes enfrentaram violência, exploração e epistemicídio. No entanto, sempre houve resistência e luta. Apesar de muitas leis, decretos e currículos serem planejados e reavaliados a cada governo, o ensino voltado para a equidade e liberdade continua sendo um desafio.

Após a Proclamação da República em 1889, o currículo foi nacionalizado, dando maior ênfase à história brasileira e ao papel dos líderes republicanos. O ensino de História passou a concentrar-se em assuntos como a independência, o movimento abolicionista e os acontecimentos que conduziram à Proclamação da República. O ensino de História também foi afetado pela perspectiva positivista, que influenciou diversos intelectuais e políticos do período. A história começou a ser contada de forma linear e fundamentada em acontecimentos significativos, considerados "grandes marcos" da evolução social e política.

Tiradentes é retratado como herói nacional, enquanto Dom Pedro I é apresentado como herói da independência. Para idealizar os símbolos de luta dos republicanos, esses mitos foram incorporados. Observamos que essa perspectiva positivista ainda persiste hoje em dia. Apesar de o currículo estar sendo reavaliado para valorizar as diversidades culturais e outros protagonistas da história, ainda existe uma resistência em abandonar essas práticas de ensino/aprendizagem.

Por que é tão desafiador desvincular-se da historiografia e do Ensino de História convencionais? Muitos professores abordam a história do Brasil apenas por meio dos modelos econômicos europeus, concentrando-se nos ciclos econômicos, nos processos mercantilista e capitalista e nas perspectivas políticas e religiosas eurocêntricas. Isso ocorre sem considerar que é possível ampliar as ferramentas, incluindo as cosmovisões indígenas, africanas e afro-brasileiras, além da relação desses povos tradicionais com a terra, valorizando as diferentes cosmologias.

A partir de 1930, durante o governo Vargas, a História foi empregada para reforçar o nacionalismo e criar uma identidade e coesão nacional. A educação, particularmente o ensino de História, serviu como um meio de propaganda. Os livros didáticos e materiais educativos foram modificados para espelhar a ideologia do Estado Novo, com ênfase nos símbolos nacionais, hinos e ritos cívicos. Isso foi retomado durante a Ditadura Militar (1964-1985). Durante esse tempo, o ensino de História assumiu um caráter autoritário, fomentando uma visão heroica do passado e propagando uma perspectiva oficial positivista. A história foi construída em uma narrativa oficial e heroica, que se alinha à ideologia autoritária e anticomunista do governo. Esse período teve um impacto significativo na formação histórica das gerações e deixou um legado que continua a ser questionado até hoje.

Somente nas décadas de 1970 e 1980 o ensino de História começou a se organizar com críticas incisivas às técnicas determinadas pelo regime militar. Esse período foi marcado por um esforço para atualizar as práticas pedagógicas, incorporando novos métodos e seleções de conteúdo. Durante o período da Redemocratização, o Ensino de História passa a ser um objeto de estudo, permitindo o surgimento de pensadores críticos com o objetivo de promover um ambiente de reflexões, análises e investigações históricas.

Essas vivências constituíram a base para análises, geralmente centradas nas práticas pedagógicas e em outras investigações, que começaram a emergir nos cursos de História (COSTA; OLIVEIRA, 2007, p. 148). Ao longo dessas décadas, ocorrem as primeiras edições dos eventos científicos mais relevantes dessa comunidade de pesquisadores: o Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História e o Encontro Nacional de Pesquisadores em Ensino de História. Além disso, a Associação Nacional de História (ANPUH) começa a aceitar professores de diferentes níveis de ensino como sócios, não se restringindo apenas ao ensino superior. Ademais, o principal periódico da associação, a Revista Brasileira de

História, passa a incluir um espaço dedicado a publicações relacionadas ao Ensino de História (MISTURA; CAIMI, 2020 p. 102).

Desde a sua criação como disciplina escolar até as últimas décadas do século XX, a História foi entendida como o espaço da perpetuação dos heróis e de uma memória nacional, desempenhando um papel fundamental como a formadora da nação e da cidadania. Essa concepção de ensino de História modifica-se no ensino a partir das mudanças nos regimes políticos dos ideários político-partidários que se fizeram presente tanto nas Leis e Diretrizes Educacionais como nas reformas curriculares da década de 80, encaminhando-se para outras concepções de Educação e Ensino (MISTURA; CAIMI, 2020 p. 109).

A partir da década de 1980 e ao longo dos anos 1990, o Ensino de História se estabelece como um campo de pesquisa, inserido no contexto da redemocratização e sob novas perspectivas sobre a relação entre educação, escola e sociedade. Esse campo está ligado a questões como as dimensões ideológica e política do ensino, livros didáticos, currículo, formação de professores e práticas docentes, que ainda hoje constituem uma parte significativa das frentes de pesquisa identificadas nesse campo (MISTURA, CAIMI, 2020. p. 19).

A Lei de Diretrizes e Bases de 1996 trouxe um avanço importante para o ensino de História no Brasil, ao definir diretrizes que favoreceram a flexibilidade curricular, a valorização da diversidade e a formação de cidadãos. Embora tenha enfrentado desafios em sua implementação, ofereceu um alicerce para o desenvolvimento de um ensino de História mais inclusivo, crítico e contextualizado, em consonância com os princípios democráticos e os desafios atuais. Além disso, as diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais de 1998 (PCN – Brasil, 1998) foram ampliadas para abranger todos os níveis de ensino e sistemas escolares, incluindo as escolas das comunidades indígenas e quilombolas. Percebe-se que houve mudanças significativas pela introdução de novos conteúdos históricos com base em seu compromisso de formação de uma cidadania democrática. Nota-se que ocorreram mudanças importantes com a introdução de novos conteúdos históricos, fundamentados no compromisso de promover uma cidadania democrática.

Como resultado das lutas dos movimentos sociais, pela primeira vez foram incorporadas a História da África e das culturas afro-brasileiras, bem como a História dos indígenas, por meio das leis 10.639/03 e 11.645/08. Essas leis estão em processo de integração nos currículos, que ainda seguem a lógica eurocêntrica, mas que promovem uma formação política e cultural voltada para o exercício de uma cidadania social, visando um convívio democrático e livre de preconceitos

(BITTENCOURT, 2018, p. 142). As leis mencionadas são fundamentais para criar uma educação mais inclusiva, crítica e diversificada no Brasil. Elas representam um avanço significativo na promoção da igualdade racial e étnica, oferecendo uma formação integral que valoriza e respeita a diversidade cultural e histórica do país.

Mais de duas décadas após a primeira lei, é evidente que ainda há muito a ser feito. De acordo com a Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003, e a Lei n.º 11.645, de 10 de março de 2008, o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena é obrigatório na educação básica. No entanto, é necessário um esforço conjunto em vários setores da educação para garantir a aplicabilidade e promover uma educação que favoreça as relações étnico-raciais. É fundamental reconhecer o outro, em vez de eliminá-lo.

Quanto mais se reconhece a diferença do outro e se concede a ele um espaço de existência, mais viável será a prática intercultural. É imprescindível repensar o ensino de história e refletir sobre como temos interpretado as diversas realidades históricas, povos e culturas que o discurso histórico retrata e narra. Também é necessário repensar a temporalidade para romper com o evolucionismo e o dualismo característicos do pensamento eurocêntrico. Discutir esses temas em sala de aula permite a construção da própria identidade como sujeito de um olhar, caracterizado por uma subjetividade que o habilita a interpretar o passado e a definir seu lugar no presente.

Avançando um pouco nos documentos que norteiam o Ensino no Brasil e especificamente o de História, sob forte debate e crítica:

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017, surge com uma “modernização” dos conteúdos e dos métodos escolares tendo como premissas as novas vivências da geração das mídias, do individualismo do jovem cidadão consumidor cujo sonho é se integrar ao sistema capitalista globalizado que o torna dependente da aquisição contínua das novas tecnologias. O controle dos currículos pela lógica do mercado é, portanto, estratégico e proporciona o domínio sobre o tempo presente e futuro dos alunos. A avaliação do ensino torna-se uma tarefa externa à sala de aula a ser exercida por intermédio de materiais didáticos majoritariamente tecnológicos produzidos também por empresas internacionais e por sistemas avaliativos que limitam a atuação e o poder dos professores (BITTENCOURT, 2018, p. 143).

Ao priorizar a formação dos estudantes para o mercado de trabalho por meio do desenvolvimento de habilidades práticas, a Base Nacional Comum Curricular pode afetar a abrangência e a profundidade do ensino de História. Essa abordagem implica um retorno aos métodos de treinamento estruturados para obter sucesso em

provas de múltipla escolha, negligenciando a formação crítica e reflexiva, que é fundamental para a cidadania ativa e para a compreensão das dinâmicas sociais e históricas.

Assim, é fundamental encontrar um equilíbrio que possibilite o desenvolvimento de habilidades práticas sem comprometer a formação integral e crítica dos estudantes. Esses jovens estão se tornando trabalhadores que serão explorados ou consumidores que serão guiados pelo consumismo. Na região em que estou inserida, essa situação se apresenta de maneira bastante evidente: muitos estudantes da rede pública, em grande parte oriundos de famílias de classe média baixa, se dedicam ao trabalho e, frequentemente, frequentam o Ensino Médio no período noturno. Estão constantemente cansados e desmotivados a tal ponto de adormecerem em sala de aula. Com poucas perspectivas e sonhos, esses jovens tendem a valorizar mais a aceitação social e a chance de conseguir um emprego rápido para ganhar dinheiro e consumir os bens que veem na mídia.

Para esses estudantes, muitas vezes, a ideia de estudar não faz sentido, pois acreditam que a universidade é um lugar destinado apenas às pessoas da elite econômica. Essa circunstância destaca as dificuldades locais na criação de uma educação crítica e inclusiva, que possa expandir horizontes e reforçar a independência dos estudantes. Às vezes, a escola não é atraente, não reflete a realidade dos jovens e não os ajuda a sonhar com seus próprios sonhos. Como mudar essa situação? Outra crítica que levantamos diz respeito à redução do número de aulas dos componentes curriculares da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Frequentemente, as aulas são divididas em dois dias diferentes, o que complica o trabalho dos professores e o progresso adequado de aulas dialógicas e críticas.

Os breves momentos destinados a mostrar aos estudantes como transformar a realidade social enfrentam vários obstáculos estruturais. Ainda assim, é preciso considerar não só a educação formal, mas também uma educação popular abrangente, que permita a transição de uma "consciência ingênua" para uma "consciência crítica" (MEDEIROS, 2016). Nesse contexto, autores como Paulo Freire (1987) enfatizam o papel essencial da escola na formação de indivíduos críticos e participativos, capazes de entender e questionar as condições sociais que os rodeiam.

O ensino de História é considerado por muitos estudiosos como um espaço privilegiado para promover lutas sociais e valorizar vozes que foram historicamente silenciadas (CUNHA, 2013; BITTENCOURT, 2018). Entretanto, é preciso proceder com cuidado, reconhecendo as limitações e dificuldades do ambiente escolar, evitando declarações absolutas e fundamentando as práticas pedagógicas em abordagens críticas e inclusivas.

Na disciplina de História do Ensino de História, no Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) ao realizarmos o Estado da Arte, notamos que as pesquisas no Ensino de História ganham maior relevância a partir de 2008, juntamente com o crescimento dos grupos de trabalho voltados à Formação de Professores. O ProfHistória é fundamental para qualificar e valorizar os docentes de História no Brasil, incentivando práticas pedagógicas inovadoras e melhorando a qualidade do ensino de História na educação básica. Sua metodologia prática, focada na aplicação direta dos conhecimentos históricos em sala de aula, proporciona uma formação que integra teoria e prática, trazendo benefícios tanto para os docentes quanto para os estudantes. As produções no campo da História Indígena e sobre os Sambaquis foram percebidas a partir dos trabalhos realizados ao longo da década do Mestrado Profissional no Ensino de História (2014-2024).

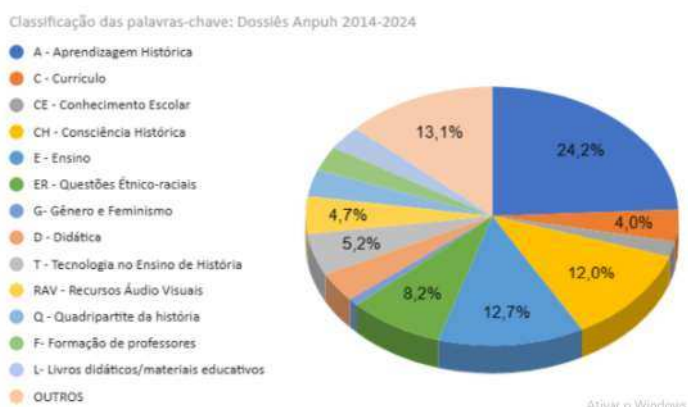
Ao examinar as dissertações do ProfHistória - Nacional desde seu início em 2014, constatamos que foram elaboradas 86 dissertações com foco no tema indígena e 18 especificamente sobre a Lei 11.645/08. Apenas uma dissertação inclui a temática sambaqui nas palavras-chave. No ProfHistória - UFSC, somente cinco dissertações tratam do tema indígena, e nenhuma delas aborda os sambaquis. No ProfHistória UDESC, identificaram-se seis dissertações que tratam da temática indígena, enquanto nenhuma aborda os sambaquis (considerando títulos e palavras-chave) para análise.

Observa-se um leve crescimento nas questões étnico-raciais em revistas, dissertações e artigos publicados sobre o Ensino de História, geralmente concentrado em dossiês e publicações especializadas. Na revista História & Ensino da Universidade Estadual de Londrina, examinamos os artigos publicados entre 2014 e 2023, abrangendo 42 edições e centenas de trabalhos. Observamos que apenas 11% das publicações são classificadas como educação para as relações étnico-raciais, incluindo as leis 10.639/03 ou 11.645/08 e temas correlatos. No

entanto, apenas 8 artigos mencionam a cultura indígena no título ou nas palavras-chave, e nenhuma revista discute o tema sambaquis.

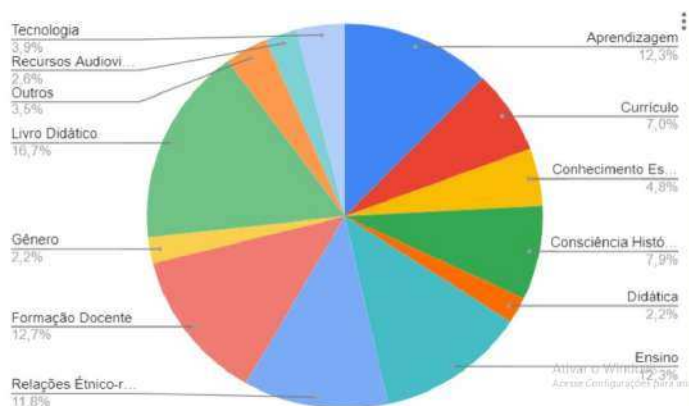
Na Revista História Hoje: Revista de História e Ensino – Anpuh Dossiês, examinamos mais de duzentos artigos entre 2014 e 2023. Apenas três artigos incluem a temática indígena em seus títulos e palavras-chave, enquanto nenhuma revista aborda a temática sambaquis. Ao analisar as questões étnico-raciais em grupos de pesquisa do CNPq, notamos um crescimento nas discussões. Em 2014, havia apenas um grupo; em 2016, esse número aumentou para cinco. Em 2023, o total se mantém em cinco grupos, mas não temos informações sobre se eles tratam especificamente da questão indígena. Ao concluir as pesquisas preliminares sobre o Estado da Arte da História Indígena no Ensino de História, notamos que o tema é pouco discutido no meio acadêmico, especialmente no contexto do ensino de história e no programa ProfHistória estadual.

Gráfico 1: Levantamento de dossiês Anpuh 2014-2024



Fonte: A autora, 2024.

Gráfico 2: Análise de 42 revistas História & Ensino. 2014-2023



Fonte: A autora, 2024.

Observamos uma abordagem tímida das questões indígenas tanto no ensino de história quanto na formação de professores. Apesar das leis específicas, muitos

educadores não incorporam a história dos povos indígenas de forma adequada, considerando-a algo secundário ou folclórico. Ao começar a carreira na educação básica em 2015 como professora em uma escola municipal de Laguna, foi possível notar a presença de diversos sítios arqueológicos nas comunidades ao redor das escolas, como Passagem da Barra e Campo Verde. Ao ensinar e discutir o tema em sala de aula, percebeu-se que muitos estudantes desconheciam a origem e a relevância dos sítios arqueológicos para a compreensão da história local. O que mais surpreendeu foi o fato de eles não se sentirem parte daquela paisagem e de não entenderem a conexão do patrimônio com suas vidas.

Além de não conhecerem a história do patrimônio, alguns estudantes relataram que praticavam motocross nos sambaquis aos finais de semana, sem entender a importância de sua preservação e, em alguns casos, contribuindo para a destruição dos sítios arqueológicos. Nesse contexto, torna-se essencial destacar o papel dos povos indígenas pré-coloniais na formação da identidade cultural de nosso município, especialmente nas comunidades no entorno dos sítios arqueológicos.

É fundamental que estudantes e professores tenham acesso a informações sobre a história dos sambaquis, reconhecendo a importância de sua preservação para a manutenção da memória local. A implementação da educação patrimonial nas escolas é uma das estratégias que podem ajudar a aumentar o conhecimento sobre os sítios arqueológicos. A Educação Patrimonial pode ser vista como uma ferramenta de “alfabetização cultural” na perspectiva de Paulo Freire, uma vez que permite ao indivíduo interpretar o mundo ao seu redor e entender o universo sociocultural e a trajetória histórico-temporal em que está inserido (FILHO, 2019, p. 82). O Ensino de História desempenha um papel essencial na reconstrução do passado, incentivando os estudantes a interpretar a história por meio desse patrimônio (sambaquis). Isso contribui para a formação de uma identidade cultural, uma vez que os sítios arqueológicos da região lagunar não recebem os devidos cuidados e preservação devido à falta de reconhecimento desse patrimônio e, principalmente, à ausência de reconhecimento de suas potencialidades para a construção da identidade cultural e valorização da história local.

3.1 Como abordar os sambaquis a partir da Base Nacional Comum Curricular (Anos Iniciais)?

A Prefeitura Municipal de Laguna, não possui um currículo próprio para os Anos Iniciais. Há a Resolução nº 002 /2024 que nos artigos 18 e 19 orienta que o currículo da rede municipal é baseado na BNCC.

Tomando por referência a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os estudantes devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (COMED, art. 18 e 19. 2024).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) define orientações para o ensino nos Anos Iniciais, enfatizando a relevância de fomentar aprendizagens contextualizadas e significativas, em sintonia com as particularidades regionais e culturais de cada comunidade. A BNCC, no contexto da disciplina de História, destaca a importância de valorizar o patrimônio cultural, como os sambaquis, e sua contribuição para a formação da identidade local. Esses sítios arqueológicos, evidências da presença dos povos sambaquieiros ao longo do litoral brasileiro, fornecem recursos para tratar conteúdos históricos de forma interdisciplinar, ligando os alunos ao passado e incentivando reflexões críticas sobre a relação entre sociedade e meio ambiente.

Entretanto, é importante destacar que, apesar de sua relevância normativa, a BNCC apresenta limitações ao oferecer orientações que, em muitos casos, são genéricas e não aprofundadas o suficiente para abranger a diversidade cultural e histórica das diferentes regiões do Brasil. Portanto, ir além da BNCC significa expandir a abordagem pedagógica, integrando perspectivas decoloniais⁶, reconhecendo os saberes locais e fomentando uma educação crítica que se relacione de forma eficaz com as realidades e necessidades dos alunos. Essa ampliação é essencial para que o ensino de História se torne uma prática que ajude

⁶ Segundo Walter Mignolo (2008), as perspectivas decoloniais buscam "desprender-se da matriz colonial de poder, questionando as hierarquias epistêmicas que sustentam a modernidade/colonialidade e abrindo espaço para outras formas de saber e existir no mundo".

na formação de cidadãos críticos, aptos a reconhecer e valorizar as diversas narrativas que constituem a história local e nacional.

Este item investiga as habilidades e competências estabelecidas na BNCC para os 4º e 5º anos, que podem incorporar os sambaquis ao ensino de História, reforçando a conexão dos estudantes com o patrimônio cultural e natural de sua área. A BNCC e sua estrutura para o Ensino Fundamental não mencionam diretamente os termos sambaquis, arqueologia, cultura material, patrimônio arqueológico e sítios arqueológicos. Entretanto, é viável relacionar a pesquisa de sambaquis ao ensino de História, particularmente nos Anos Iniciais, empregando competências estabelecidas na BNCC que englobam a identificação de elementos culturais, históricos e patrimoniais, ainda que esses termos específicos não sejam citados. Essas habilidades e competências estão ligadas ao ensino de História e à importância do patrimônio cultural e arqueológico nos Anos Iniciais.

Tabela 2: Competências Gerais da BNCC que relacionam-se com o estudo dos sambaquis

Competência Geral 1	Competência Geral 3	Competência Geral 7
Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.	Valorizar e fruir manifestações culturais locais, reconhecendo sua importância para a memória e identidade cultural.	Argumentar com base em dados e informações confiáveis, promovendo a consciência socioambiental e a valorização do patrimônio cultural e ambiental.

Fonte: BNCC, 2018.

Tabela 3: Competências específicas da área de Ciências Humanas da BNCC

Competência Geral 1	Competência Geral 2
Reconhecer a contribuição de diferentes grupos humanos para a formação da sociedade brasileira, valorizando sua diversidade cultural e histórica.	Compreender a dimensão histórica das relações entre os seres humanos e o meio ambiente, analisando suas transformações ao longo do tempo.

Fonte: BNCC, 2018.

Tabela 4: Habilidades da BNCC que relacionam-se com o estudo dos sambaquis

4º ano	5º ano
(EF04HI01): Identificar os processos de formação das comunidades locais relacionando-as a seu contexto histórico e geográfico.	(EF05HI01): Analisar elementos da organização das sociedades antigas, relacionando-os a práticas culturais e à relação com o meio ambiente.
(EF04HI03): Reconhecer vestígios materiais e imateriais como fontes para compreender o passado das comunidades locais.	(EF05HI03): Reconhecer e valorizar a diversidade do patrimônio material e imaterial de diferentes grupos sociais, incluindo as populações indígenas e seus legados.
(EF04HI07): Estabelecer relações entre o modo de vida das populações que viveram em diferentes tempos históricos no território brasileiro e a relação dessas populações com o meio natural.	

Fonte: BNCC, 2018.

Quando analisamos a BNCC, nota-se que ela estabelece diretrizes para o ensino de História nos Anos Iniciais, sugerindo um ensino que valorize o patrimônio cultural e histórico das comunidades locais, proporcionando uma aprendizagem contextualizada e relevante. No que diz respeito especificamente aos sambaquis, essas diretrizes proporcionam uma oportunidade singular de incorporar a arqueologia e a cultura material ao processo educativo, particularmente para as turmas do 4º e 5º anos.

Embora a BNCC não mencione os sambaquis diretamente, ela orienta os professores a usar "vestígios materiais e imateriais como fontes para compreender o passado das comunidades locais" (EF04HI03). Isso se alinha perfeitamente ao estudo desses sítios arqueológicos, que são fontes importantes para entender as sociedades que habitaram o litoral brasileiro, além de permitir comparações com as transformações ao longo do tempo e do espaço (BRASIL, 2018).

A exploração dos sambaquis nos permite aprimorar habilidades gerais, como "valorizar e fruir manifestações culturais locais, reconhecendo sua importância para a memória e identidade cultural" (Competência Geral 3), além de "compreender a dimensão histórica das relações entre os seres humanos e o meio ambiente" (Competência Específica de Ciências Humanas). Isso promove uma reflexão sobre a relação entre os povos sambaquieiros e seu ambiente natural.

No quinto ano, ao aprender sobre sociedades antigas e suas tradições culturais, a BNCC propõe que se deve "examinar componentes da estrutura das sociedades antigas, ligando-os às práticas culturais e à interação com o meio ambiente" (EF05HI01). Esse enfoque possibilita que os alunos identifiquem e

apreciem a variedade do patrimônio material e imaterial, abrangendo os legados das comunidades indígenas e outras comunidades tradicionais (EF05HI03) (BRASIL, 2018).

Nas práticas de ensino de História, as pesquisas nos têm revelado uma diversidade de maneiras de abordar os temas, de linguagem, fontes e materiais incorporados ao trabalho docente. Nós, professores, não apenas estamos na história, mas fazemos e ensinamos História. A educação histórica e a formação da consciência histórica dos sujeitos não ocorrem apenas na escola, mas em diversos lugares. Isto requer de nós uma relação viva e ativa com o tempo e o espaço do mundo no qual vivemos, por menor que este seja (FONSECA. op.cit. p. 116).

O ensino de História nos primeiros anos iniciais, permite que as crianças desenvolvam o pensamento crítico e reflexivo, incentivando-as a formar suas próprias interpretações do mundo, a entender os eventos e a se posicionar em relação a eles (PEREIRA, 2018, p. 18). Além de incentivar o respeito à diversidade, o ensino de História deve desenvolver nos alunos a habilidade de questionar as relações de poder, as desigualdades e as estruturas que formam a sociedade. Isso requer uma atenção cuidadosa às diversas vozes e vivências que formam o tecido social e histórico.

Segundo Fonseca (2009), a História tem como objetivo entender as diversas maneiras pelas quais homens e mulheres viveram, pensaram e transformaram suas sociedades ao longo dos tempos e em diferentes lugares. Ela demonstra que as vivências humanas são processos dinâmicos e diversos, sempre construídos por indivíduos históricos. Nesse contexto, aprender História é compreender que o mundo em que vivemos é fruto das ações humanas e, por isso, é passível de transformação.

A disciplina ajuda na formação de indivíduos críticos e engajados e que consigam imaginar o mundo que querem criar, em vez de apenas aceitar o que já existe. É nesse cenário que o ensino da história local se torna essencial. De acordo com Pereira (2018), “trabalhar a história local é levar o estudante a reconhecer-se inserido dentro de sua própria história e levá-lo a entender que todos somos sujeitos históricos” (p. 45). Ao valorizar as vivências e experiências concretas dos estudantes, o ensino de História transforma a sala de aula em um espaço para a produção de sentidos, construção de identidades e participação cidadã, superando uma abordagem meramente descritiva ou comemorativa das diferenças.

Assim, a BNCC destaca a importância de valorizar a diversidade cultural e reconhecer vestígios históricos, propondo uma abordagem para incorporar os sambaquis ao ensino de História nos Anos Iniciais, com o objetivo de fomentar a construção de uma identidade cultural ligada ao passado.

3.2 Como o Ensino de História se utiliza dos sambaquis nos Anos Iniciais: Educação Patrimonial como possibilidade

A educação patrimonial é um conjunto de ações com metodologia própria que promove o conhecimento sobre os bens culturais, permitindo o acesso direto às fontes, ou seja, aos objetos culturais, propiciando atitudes de preservação (LIMA, 2003)

A Educação Patrimonial vem se firmando como uma estratégia possível para o ensino de História, sobretudo no que diz respeito à valorização e conservação da história local. No âmbito da formação de professores e da prática pedagógica, emerge como uma tática capaz de fomentar a conexão entre os estudantes e o patrimônio cultural, auxiliando na formação de uma consciência histórica crítica. Não é a Educação Patrimonial que converte os sambaquis em recursos históricos e arqueológicos; eles já possuem essa natureza. A importância dos sambaquis como evidências materiais da presença milenar dos povos indígenas no Brasil não depende de seu uso em escolas ou museus. A Educação Patrimonial, por sua vez, reconhece e reforça esse valor histórico, promovendo o entendimento, a proteção e a valorização dos sambaquis por meio de práticas educativas.

Segundo Santos (2007), em suas ações realizadas em sala de aula para a promoção de estratégias de trabalho com Educação Patrimonial, a maior dificuldade dos estudantes consiste em compreender, de fato, a noção de patrimônio cultural, os quais sempre o associavam a algo velho, antigo, com necessidade de preservação. Diz- no o autor que “a noção de patrimônio cultural ainda é desconhecida por uma grande maioria da população [...]” (SANTOS, 2007, p. 148).

Os sítios arqueológicos relacionados aos povos originários são considerados documentos, segundo Funari e Pelegrini (2009), repletos de significados culturais e sociais que contribuem para a reconstrução da história das primeiras populações do litoral. Quando os sambaquis são integrados ao ensino de História, especialmente nos primeiros anos da Educação Básica, eles deixam de ser percebidos apenas como montes de conchas ou elementos da paisagem e começam a assumir um papel simbólico de memória, identidade e resistência. Portanto, não se trata apenas

de educar sobre os sambaquis, mas de reconhecer que eles representam uma longa história construída no território que habitamos atualmente. Essa história precisa ser preservada diante das ameaças da especulação urbana, do turismo predatório e da ausência de políticas públicas eficazes.

Conforme apontado por Fonseca (2005), a Educação Patrimonial deve transcender a simples identificação de bens culturais, oferecendo uma vivência significativa onde os estudantes consigam reelaborar os aspectos do patrimônio à luz de suas experiências e pontos de vista individuais. Essa ressignificação é essencial para consolidar a identidade cultural, pois permite que indivíduos e grupos se vejam como agentes ativos em sua própria história, o que impulsiona a autoconfiança e o sentimento de inclusão.

Por isso, entender e dar valor ao patrimônio histórico-cultural não é só uma ferramenta de ensino, mas um direito do estudante, visto que a Constituição Federal de 1988, nos artigos 215 e 216, garante a todos o acesso às expressões culturais e a salvaguarda do patrimônio histórico e artístico, enquanto a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) define a promoção da diversidade cultural e da história como pilares essenciais para a formação do cidadão. Logo, ter ciência da própria história é um passo primordial para o exercício pleno da cidadania e para a edificação de uma sociedade mais equitativa e que reconheça e valorize a diversidade.

Além de valorizar o patrimônio, Choay (2001) destaca que a preservação histórica deve ser um esforço coletivo, e não apenas uma iniciativa isolada de especialistas. Nesse cenário, a Educação Patrimonial se apresenta como uma ferramenta para democratizar o acesso à cultura e à história, possibilitando que os estudantes entendam a importância da preservação dos sambaquis e seu papel na memória local. A Educação Patrimonial está em conformidade com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que sugere um ensino focado na valorização da diversidade cultural e do patrimônio histórico do Brasil. Ademais, documentos como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena enfatizam a importância de incorporar a história e a cultura dos povos indígenas ao currículo escolar, assegurando que diversas narrativas sejam consideradas no ensino de História.

A obrigatoriedade do ensino da história e cultura indígena, a Lei 11.645/08 contribui indiretamente para a valorização, preservação e compreensão dos

sambaquis, que representam vestígios significativos desse passado. A lei pode despertar a importância de proteger e valorizar esses locais históricos e arqueológicos. Ao oferecer experiências intencionais que possibilitem aos/as estudantes refletir sobre seu território e suas heranças culturais, colaboramos para uma formação crítica e engajada na preservação da memória coletiva.

A Educação Patrimonial serve como uma ferramenta de resistência e valorização cultural, possibilitando que os estudantes vejam a história dos povos sambaquieiros como parte de seu próprio passado. É importante lembrar que, por muito tempo, a história oficial ignorou ou apagou a contribuição dos povos indígenas na formação da sociedade brasileira. Choay (2001) sustenta que a ideia de patrimônio é formada socialmente e pode espelhar relações de poder que definem quais histórias são valorizadas e quais são silenciadas.

Por ter como objeto de sua prática pedagógica o patrimônio cultural, a Educação Patrimonial configura - se como uma ação educativa que não pode ser dissociada de seu caráter interdisciplinar, pois o patrimônio cultural é plural. Trata-se de um processo contínuo e sistemático, o qual, partindo do contato direto com as manifestações culturais em todas as suas facetas, sentidos e significados, “busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural” (HORTA; GRUMBERG; MONTEIRO, 1996, p. 6).

Esse processo gera a produção de novos conhecimentos em relação ao patrimônio cultural, tendo também como produto um conhecimento crítico sobre a realidade na qual está inserido o indivíduo. Esse conhecimento crítico e apropriação consciente não apenas fortalece a sua identidade para com a sua comunidade ou região, como também sua cidadania, e favorece a preservação desses bens. Essa leitura de mundo feita por meio da Educação Patrimonial leva o indivíduo a compreensão de seu universo sociocultural e também do processo histórico - temporal ao qual está inserido (HORTA; GRUMBERG; MONTEIRO, 1996).

Para Florêncio (2012), uma vez que tanto a memória quanto o esquecimento são produtos sociais, a Educação Patrimonial também revela sua dimensão política. Isso se traduz em uma problemática, pois, nem sempre, o patrimônio cultural nacional que é reconhecido oficialmente pelos órgãos governamentais faz sentido para todas as comunidades de igual modo,

ocasionando problemas de identificação. A valorização e a preservação do patrimônio cultural, seja reconhecido ou não, tem na Educação Patrimonial seu principal meio de ação.

A Educação Patrimonial é mais do que difundir ou promover o patrimônio cultural, trata-se, segundo Florêncio (2012, p.24), “essencialmente, da possibilidade de construções de relações efetivas com as comunidades, verdadeiras detentoras do patrimônio cultural”. A valorização da diversidade cultural para o fortalecimento de identidades é também um produto direto da ação educativa da Educação Patrimonial. Ela fortalece a cidadania “na medida em que atua sobre o bem cultural com vistas a destacar sua importância e consequentemente protegê-lo e valorizá-lo enquanto parte integrante da memória de uma comunidade” (ALVES, 2022, p.39).

Estudar os sambaquis durante as aulas de História nos anos iniciais do ensino fundamental representa uma oportunidade educativa, já que coloca os estudantes em contato direto com vestígios históricos e arqueológicos existentes na sua região. Assim, pensar os sambaquis no ensino de História nos anos iniciais significa compreender que o patrimônio não está distante da realidade dos estudantes, mas faz parte de seu cotidiano, de suas paisagens e de suas memórias locais. Quando valoriza esses vestígios, a escola contribui para que as crianças percebam a história como algo vivo, construído a partir de marcas deixadas por diferentes grupos humanos ao longo do tempo. Dessa maneira, a Educação Patrimonial, articulada ao trabalho com os sambaquis, não apenas amplia a compreensão sobre a diversidade cultural brasileira, mas também fortalece o sentimento de pertencimento, os estudantes são convidados a refletir sobre a necessidade de preservação do patrimônio e sobre o papel que cada indivíduo desempenha na valorização da memória coletiva. Nos Anos Iniciais, esta experiência incentiva a formação de sujeitos sensíveis à pluralidade cultural, favorecendo a compreensão da história como campo de disputas, mas também como possibilidade de diálogo, respeito e valorização das diferenças.

4 DIMENSÃO PROPOSITIVA: A REVISTA EDUCATIVA SOBRE OS SAMBAQUIS, A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES/AS E AS VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS

Chegamos nesta etapa do estudo logo após termos construído o alicerce teórico sobre o Ensino de História, a Educação Patrimonial, o Patrimônio Arqueológico e analisado a potencialidade de abordar os sambaquis nos Anos Iniciais, nos Capítulos 1 e 2. Agora, direcionamos nosso foco para uma perspectiva mais voltada à ação. No capítulo inicial, definimos o suporte teórico sobre Patrimônio Arqueológico, Sambaquis e o contexto local de Laguna/SC, enfatizando como promover o diálogo e ir além dos bens materiais, investigamos a situação em Laguna, com ênfase nos sambaquis e sua importância enquanto patrimônio arqueológico, realçando o quão fundamental é intensificar os laços entre esse patrimônio e as escolas locais.

No segundo capítulo, foi apresentado o conceito de Educação Patrimonial, realizando uma análise de documentos e pesquisas sobre o Ensino de História correlacionado com os Sambaquis. Este capítulo visa mostrar a Revista dos Sambaquis como uma ferramenta didática para o ensino dos sambaquis nos Anos Iniciais. O objetivo é ilustrar de que forma este elemento pode servir para ligar o saber acadêmico, os costumes, as memórias e saberes da comunidade e o trabalho educativo no cotidiano escolar, rompendo com a ideia de que a aprendizagem sobre o patrimônio arqueológico se limita à visita destes espaços, mas valorizando os saberes e vivências.

O presente capítulo foi estruturado em três pilares fundamentais: primeiramente, será realizada uma narrativa sobre a elaboração da Revista dos Sambaquis, enfatizando o processo e instrução; logo após, será abordada a formação continuada com docentes na rede municipal de ensino de Laguna/SC, encarada como uma iniciativa de Educação sobre o Patrimônio; e, para concluir, serão exibidos e examinados os relatos de experiências das/os professoras/es, que compartilham suas vivências em sala de aula após a formação e uso da revista pedagógica com os estudantes do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental.

4.1 A Revista dos Sambaquis: uma Análise Propositiva

Nas minhas práticas docentes, percebia que havia muitos materiais didáticos elaborados pela USP, GRUPEP, UNISUL, etc. Além dos materiais didáticos, temos museus que disponibilizam visitas online, com possibilidade de conhecer o acervo arqueológico. Ao longo dos anos, consegui construir um acervo sobre os sambaquis, que possibilitou abordar a temática de forma confortável em sala de aula.

Precisava organizar essas ideias, fazer uma curadoria dos materiais que elaborei e os que aprendi com colegas da área nos cursos de formação continuada que também participei. Conforme foram sendo realizados os encontros do curso de formação com professores da rede municipal de Laguna/SC, ficou evidente a carência de materiais pedagógicos que abordassem os sambaquis de forma acessível e significativa para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Os educadores cursistas diziam que precisavam de um material de apoio às aulas. Essa ideia ficou latente na minha cabeça e comecei a organizar um arquivo no CANVA⁷ para ajudar nas aulas sobre os sambaquis.

Era preciso organizar um material educativo que apresentasse os recursos didáticos que permitam aos professores trabalhar o tema em sala de aula de maneira contextualizada e interdisciplinar. Percebemos que havia uma motivação, mas a lacuna entre a formação inicial e a familiaridade com o tema contribuíam para a permanência de uma visão limitada da história, na qual os povos originários são pouco valorizados e os patrimônios culturais locais permanecem invisibilizados. Ao mesmo tempo, ficou evidente a necessidade de materiais que dialoguem com as orientações da BNCC, com a Lei 11.645/2008 e com as práticas de Educação Patrimonial, possibilitando a construção de uma consciência histórica crítica desde os Anos Iniciais.

Temos consciência de que a elaboração de recursos pedagógicos exige muito tempo, pesquisa e dedicação dos educadores. Às vezes, estamos tão ocupados e sobrecarregados com tarefas burocráticas que não conseguimos refletir sobre nossa prática docente e desenvolver recursos que nos auxiliem em sala de aula. O Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) surge como uma ferramenta para vincular os saberes acadêmicos à educação básica. Como consequência das reflexões feitas ao longo do projeto de pesquisa e o projeto de

⁷ CANVA. Plataforma online de design gráfico. Disponível em: <https://www.canva.com>. Acesso em: 24 ago. 2025.

extensão foi lançada a *Revista Educativa: Ensino de História e Interdisciplinaridade – como abordar os Sambaquis nos Anos Iniciais*.

Diante desse cenário, a produção de um material específico — como a revista educativa sobre os sambaquis de Laguna — buscou responder a essa demanda. Sua elaboração parte da convicção de que os professores precisam de subsídios práticos, teóricos e metodológicos para inserir os sambaquis em suas aulas, fortalecendo o vínculo dos estudantes com sua própria história e promovendo o sentimento de pertencimento ao território que habitam. O que era uma ideia inicial, um arquivo no CANVA, recebeu o trabalho profissional de uma diagramadora e virou uma publicação com registro ISBN, ficha catalográfica, recebendo inclusive uma publicação física que foi disponibilizada para as escolas da rede municipal de ensino de Laguna/SC.

A revista *Sambaquis de Laguna: Ensino de História e Interdisciplinaridade nos Anos Iniciais* foi produzida no âmbito do Projeto de Extensão “Vozes Decoloniais na Escola: saberes interculturais para a transformação social” (UFSC/PROEXT-PG), em articulação com a pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória/UFSC). Seu propósito central foi oferecer um material de apoio pedagógico aos professores da Educação Básica, em especial aqueles que atuam nos Anos Iniciais.

A estrutura da revista organiza-se em seções que dialogam com aspectos conceituais e práticos: uma introdução contextualizando os sambaquis como patrimônio arqueológico; textos explicativos sobre a história, modos de vida e práticas funerárias dos povos sambaquieiros; atividades pedagógicas interdisciplinares (História, Ciências, Geografia, Matemática, Artes, Ensino Religioso e Língua Portuguesa), sequências didáticas alinhadas à BNCC; contos e propostas de dramatização; além de oficinas criativas, jogos educativos e recursos digitais acessíveis por QR Codes.

A revista busca atender a necessidade de aproximar o patrimônio cultural/arqueológico da realidade escolar, transformando-o em experiência formativa significativa. A revista busca romper com a visão fragmentada do ensino de História, estimulando práticas de Educação Patrimonial que promovam identidade e pertencimento com foco em práticas interdisciplinares. A elaboração do material também busca diminuir a ausência de materiais didáticos voltados para os sambaquis, valorizando a história indígena e local, muitas vezes invisibilizada nos

currículos escolares. Buscamos com a revista, fazer um convite para que os sambaquis sejam vistos não apenas como objetos arqueológicos, mas como fontes de conhecimento, identidade e memória, capazes de mobilizar aprendizagens significativas e interdisciplinares nos Anos Iniciais.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais para os Anos Iniciais (BRASIL, 2017), o ensino da história local deve atender a objetivos essenciais, como o reconhecimento das transformações e continuidades nas experiências humanas, a reflexão crítica sobre a realidade e o respeito à diversidade cultural e sociocultural. Essas diretrizes destacam a importância de incorporar as vivências locais ao currículo escolar, permitindo que os estudantes desenvolvam uma perspectiva crítica e diversificada do passado, que reconheça a variedade de sujeitos e narrativas.

Para que essa estratégia funcione, é essencial a implementação de metodologias ativas e interdisciplinares, que estimulem o envolvimento dos alunos e fomentem a interação entre os conhecimentos escolares e os tradicionais. O uso de diferentes tipos de fontes, como documentos orais, fotografias, objetos e sítios arqueológicos, é aconselhado para facilitar a construção do conhecimento histórico com base na realidade do estudante (SCHMIDT, 2007). Por exemplo, no caso dos sambaquis de Laguna, sua inclusão no currículo permite o contato com vestígios materiais que datam de milhares de anos de história indígena, o que favorece uma visão decolonial e territorializada do passado.

A compreensão de como os estudantes assimilam novos conhecimentos é central para a construção de práticas pedagógicas eficazes, sobretudo nos anos iniciais do Ensino Fundamental, quando a base para o desenvolvimento cognitivo e histórico-curricular é estabelecida. Nesse contexto, torna-se importante estas abordagens que promovam a integração ativa do novo conteúdo ao repertório pré-existente dos estudantes, valorizando seus saberes e vivências. A aprendizagem por recepção significativa⁸, conforme descrito por Ausubel (2003), envolve a aquisição de novos significados a partir do material de aprendizagem apresentado, sendo essencial que o conteúdo seja potencialmente significativo e que exista um mecanismo que permita a integração desse conhecimento à estrutura

⁸ A aprendizagem por recepção significativa é um conceito desenvolvido por David Ausubel, que se refere à aquisição de novos significados a partir de material de aprendizagem apresentado de forma organizada e potencialmente significativa, permitindo que o conteúdo seja relacionado às ideias já presentes na estrutura cognitiva do aprendiz. Ver: AUSUBEL, D. P. *Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva*. Rio de Janeiro: Interamericana, 2003.

cognitiva preexistente do aprendiz. Para que isso ocorra, duas condições são fundamentais: primeiro, o material deve se relacionar de forma lógica, plausível e não arbitrária com conceitos já presentes na estrutura cognitiva; segundo, essa estrutura deve conter ideias ancoradas relevantes, com as quais o novo conhecimento possa se conectar.

A interação entre o material novo e o conhecimento prévio gera significados psicológicos verdadeiros, que se consolidam de forma única em cada indivíduo, dada a singularidade de cada estrutura cognitiva. No caso da revista dos sambaquis, os conteúdos — incluindo imagens, informações históricas, relatos e atividades pedagógicas — foram selecionados de modo a estabelecer conexões com o conhecimento prévio dos professores, estudantes e familiares sobre o patrimônio cultural local. O processo colaborativo de construção da revista permitiu adaptar os conteúdos para que fossem significativos, promovendo uma aprendizagem contextualizada e autêntica. A cada encontro, os educadores vinham com sugestões e pedidos, conforme as demandas, eu ia ampliando a revista, até chegar na versão final com 36 páginas. A revista foi elaborada conforme ocorreram as formações, os professores traziam ideias e demandas e eu iria incluindo no nosso material inicial.

A revista dos sambaquis organiza informações, imagens e atividades que aproximam os estudantes do patrimônio cultural de Laguna, promovendo a valorização do patrimônio local, estimulando a observação, a análise e a reflexão sobre as práticas e modos de vida das populações que habitaram a região no contexto pré-colonial. Na construção da revista dos sambaquis, a aprendizagem significativa surge como fundamento pedagógico essencial, pois busca ir além da simples transmissão de informações sobre o patrimônio histórico local. Segundo Ausubel:

"A aprendizagem significativa por recepção não é um processo passivo; pelo contrário, é necessariamente ativo, exigindo ação e reflexão do aprendiz. Ela ocorre quando o novo material de aprendizagem se relaciona de forma lógica e não arbitrária com ideias já presentes na estrutura cognitiva do aprendiz, permitindo a construção de significados verdadeiros e duradouros" (AUSUBEL, 2000, p. 68).

Quando pensei em organizar textos, imagens e atividades sobre os sambaquis, quis oportunizar e estabelecer conexões, permitindo que professores e estudantes construam significados próprios, duradouros e profundamente ligados à realidade local, tornando o processo educativo mais envolvente. Cada professor, ao

sugerir atividades ou refletir sobre as práticas apresentadas, contribuiu para que os novos significados se ancorarem em sua experiência, tornando o aprendizado singular e enriquecedor. Percebemos que todos tiveram acesso à mesma formação, ao mesmo material, mas cada saber, cada vivência, direcionou a uma prática pedagógica diferenciada. Valorizamos aqui que cada professor focou numa especificidade dos sambaquis, observando a realidade da comunidade em que está inserida e pensando nas crianças para quem leciona. Assim, a produção da revista evidencia que a aprendizagem significativa não se limita à aquisição passiva de informações, mas exige uma articulação ativa entre o material apresentado e o repertório cognitivo do aprendiz, permitindo a valorização do patrimônio local e a construção de saberes únicos, que refletem a diversidade de experiências e interpretações de cada participante do processo. Mediar a temática dos sambaquis com alunos do 4º e 5º anos dos Anos Iniciais requer metodologias ativas e interdisciplinares que incentivem o envolvimento dos estudantes e incluam o patrimônio cultural à sua realidade.

O processo de construção da revista dos sambaquis evidencia a aprendizagem como um fenômeno social e colaborativo, conforme defendido por Vygotsky (1998). Ao envolver professores, estudantes, à pesquisa do mestrado e o projeto de extensão, o conhecimento não é apenas transmitido, mas construído coletivamente, por meio do diálogo, da troca de experiências e da articulação de diferentes saberes.

Sugerimos nas atividades pedagógicas que os/as educadores/as incorporem a observação, a expressão oral, o acesso a diferentes recursos pedagógicos e o uso da criatividade nas atividades em sala de aula para fomentar o aprendizado. É essencial reconhecer a importância da interdisciplinaridade: História, Geografia, Ciências, Arte, Ensino Religioso e Língua Portuguesa podem contribuir para a construção de significados a respeito dos modos de vida dos povos sambaquieiros.

Um dos pontos que mais gosto da revista é o conto "O Mistério dos Sambaquis", que narra de forma poética e didática a descoberta dos sambaquis por duas crianças da comunidade. O texto foi criado baseado no livro de Urda Krueger, "Povo das Conchas", já citado anteriormente na pesquisa. A linguagem poética da autora nos inspirou. A partir da narrativa, propomos rodas de conversa, debates, produções artísticas e outras atividades interligadas. A revista didática atende aos

requisitos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresentando nos box de atividades, habilidades relacionadas à compreensão do patrimônio, preservação da memória e valorização da diversidade cultural. O material produzido não apenas funciona como um recurso pedagógico, mas também é um elemento importante no processo de pesquisa e formação. A revista ajuda a fortalecer as práticas de ensino e a valorizar o patrimônio arqueológico dos sambaquis, servindo como um elo para a criação de um currículo mais inclusivo e conectado com a história local.

As atividades sugeridas na revista possibilitam a combinação de história, geografia, ciências, língua portuguesa, matemática, artes e ensino religioso para abordar os sambaquis como elementos culturais e ambientais. Por exemplo, pode-se estudar os sambaquieiros como povos antigos (História), relacionar os sambaquis ao ambiente lagunar (Geografia), examinar os materiais encontrados nos sambaquis (Ciências), produzir expressões artísticas inspiradas nos sítios arqueológicos (Artes) e retratar os ritos funerários e a crença na vida após a morte (Ensino Religioso). Isso possibilita que os estudantes se engajem de forma mais profunda com o tema e criem vínculos afetivos que fortalecem a aprendizagem.

A construção da revista constituiu-se em um processo desafiador e, ao mesmo tempo, profundamente formativo. Mais do que reunir informações sobre os sambaquis, tratou-se de pensar em um material que dialogasse diretamente com a realidade dos professores e estudantes dos Anos Iniciais. Cada escolha — desde a seleção dos conteúdos até a definição da linguagem e da organização visual — foi orientada pela preocupação em garantir clareza, acessibilidade e relevância pedagógica.

O processo envolveu a busca por referências teóricas e metodológicas, a análise de experiências já desenvolvidas em museus e instituições de ensino e a adaptação desses saberes para um formato que pudesse ser utilizado em sala de aula de forma prática. Houve, também, o esforço de integrar diferentes áreas do conhecimento, possibilitando que a revista fosse utilizada em atividades interdisciplinares, de acordo com as orientações da BNCC. Outro aspecto fundamental foi a atenção ao caráter lúdico e criativo do material. Entendeu-se que, para despertar o interesse das crianças, era necessário propor atividades que unissem informação e imaginação, permitindo que os estudantes não apenas aprendessem sobre os sambaquis, mas se sentissem parte dessa história.

O uso de imagens, jogos, contação de histórias e recursos digitais buscou justamente ampliar as possibilidades de interação e apropriação crítica do patrimônio cultural. Percebo que a confecção da revista, além da produção de um recurso didático, foi, sobretudo, um exercício de tradução de saberes acadêmicos para a linguagem escolar, na tentativa de aproximar a arqueologia, a história e a educação patrimonial do cotidiano das salas de aula. Esse percurso reafirma a convicção de que materiais de apoio, quando construídos a partir de demandas reais da escola, tornam-se instrumentos de resistência cultural, valorização da memória coletiva e fortalecimento da identidade local.

A construção da revista também envolveu aspectos técnicos e colaborativos que foram determinantes para sua qualidade final. Inicialmente, o material foi concebido no CANVA, plataforma digital que possibilitou a organização dos textos, imagens e atividades de forma acessível e visualmente atrativa. O uso dessa ferramenta permitiu explorar diferentes modelos gráficos e recursos de diagramação, adequando o conteúdo ao público dos Anos Iniciais e garantindo que a revista tivesse um caráter lúdico e pedagógico.

Para assegurar um acabamento mais profissional, o projeto contou com o apoio de uma diagramadora contratada, Camila, cuja contribuição foi essencial para harmonizar os elementos visuais e textuais, resultando em um material mais fluido e didático. Essa etapa só foi possível graças ao financiamento obtido por meio do projeto de extensão vinculado à UFSC, com recursos da CAPES, o que demonstra a importância do investimento público na produção de materiais educativos de qualidade. Por fim, foi realizada a impressão da revista, também custeada com recursos do projeto de extensão, permitindo que exemplares físicos fossem distribuídos aos professores da rede pública municipal de Laguna. A disponibilização de uma versão impressa ampliou o alcance do material, facilitando o acesso de docentes que muitas vezes não dispõem de infraestrutura tecnológica adequada em sala de aula.

A produção da revista não se restringiu a um esforço individual, mas foi resultado de uma rede de colaborações, sustentada por políticas de incentivo à pesquisa e à extensão. A experiência de transformar a pesquisa acadêmica em um produto concreto e acessível reforça a relevância social do trabalho desenvolvido, aproximando a universidade da escola e possibilitando que o conhecimento

produzido seja efetivamente compartilhado com a comunidade escolar. Tenho muito orgulho do material produzido.

O diálogo constante com os educadores e equipe da secretaria de Educação, possibilitou que o material atendesse às necessidades reais da sala de aula, garantindo maior sentido e relevância para os docentes dos Anos Iniciais, consolidando práticas educacionais que dialogam com a realidade das escolas e das comunidades.

4.2 Dimensão Propositiva: Formação Continuada de Professores da Rede Municipal de Laguna - Curso de Extensão sobre os Sambaquis de Laguna nos Anos Iniciais

Os professores são eternos estudantes. Isso é fato! Por isso, a formação continuada dos educadores é fundamental para um ensino de qualidade, principalmente quando falamos sobre o ensino de História. De acordo com Tardif (2014), o crescimento profissional do professor precisa unir saberes teóricos, da prática e da reflexão, possibilitando que os docentes entendam a escola e a comunidade, ajustem suas formas de ensinar e usem conhecimentos de diferentes lugares. Quando se trata da História da nossa região, essa atualização é ainda mais importante, porque dá aos professores as ferramentas para dar valor à cultura e à história local, incentivando um aprendizado ligado à realidade e que estimule a reflexão (SCHMIDT, 2007; OSSANA, 1994). Refletir constantemente sobre o fazer pedagógico nos faz melhorar a cada dia.

O curso de extensão sobre o ensino dos sambaquis nos Anos Iniciais foi pensado para proporcionar aos docentes experiências teórico-práticas que integrassem os saberes acadêmicos sobre patrimônio arqueológico e História Local com a realidade das escolas municipais.

O curso foi estruturado em quatro etapas articuladas entre si:

1. **Fundamentação teórica:** aulas expositivas sobre os povos sambaquieiros, a história pré-colonial da região e a importância do patrimônio arqueológico, promovendo uma base conceitual sólida.
2. **Pesquisa prática:** levantamento de informações sobre sítios arqueológicos próximos à comunidade dos professores, utilizando instrumentos como fichas

técnicas e recursos do IPHAN, para desenvolver análise e registro de dados patrimoniais.

3. **Visita de estudos aos sítios arqueológicos:** experiências de campo nos sambaquis de Santa Marta I e Santa Marta II, proporcionando vivência direta com o patrimônio, suas estruturas, práticas ritualísticas e contextos ambientais.
4. **Vivências e atividades pedagógicas:** elaboração e socialização de propostas didáticas adaptáveis às realidades das escolas, incentivando a integração da história local nas aulas de forma interdisciplinar e reflexiva (MORAN, 2015).

Com base na ideia de uma aprendizagem constante guiada pela reflexão sobre o dia a dia (SCHÖN, 1983), este modelo propõe que os educadores vão além do simples recebimento de dados, sendo incentivados a questionar, analisar e modificar a forma como ensinam. Além disso, a metodologia empregada visa estimular a criação conjunta de saberes, onde docentes e pesquisadores desenvolvem juntos métodos de ensino, dando importância à vivência dos professores e ao contexto social das comunidades.

No contexto de Laguna, os educadores/as podem se utilizar dos sambaquis de perto, promovendo visitas de estudos aos sítios arqueológicos, ao Museu Anita Garibaldi (que armazena muitos artefatos encontrados nos sambaquis da região), na Casa Candemil, local que faz a guarda dos documentos - uma espécie de arquivo municipal e possui uma quantidade importante e significativa de zoólitos), além do prédio do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) que conta com uma pequena exposição de artefatos pré-coloniais. Para os educadores que não residem na região, é possível realizar um tour online pelo Museu do Sambaqui de Joinville, na Revista (apêndice) há dicas de sites e demais ferramentas digitais que podem orientar as aulas nos Anos Iniciais.

Há muitas opções para abordagem da temática em sala de aula, mas é preciso organizar roteiros que incentivem a observação e curiosidade, complementados com atividades de registro, desenhos, fotografias e anotações, que poderão ser utilizados em sala de aula para reflexões e projetos. Durante as visitas de estudos, os mesmos poderão realizar entrevistas com historiadores, educadores, museólogos ou arqueólogos que atuam nestes espaços, a fim de entender os

processos de escavação, catalogação e a importância histórica e cultural dos sambaquis. Sugerimos também, a criação de mapas dos locais visitados, relacionado-os com os conceitos abordados em sala de aula. São ações positivas que além de serem interdisciplinares, proporcionam uma experiência sensorial e investigativa que promove uma aproximação dos temas estudados em sala, além de trazer uma materialidade e fazer sentido aos conceitos estudados anteriormente.

Outra ideia de oficinas práticas e simulações, como a construção de “mini sambaquis”, utilizando materiais como argila, pedras e demais materiais, para que os/as estudantes compreendam os processos de formação de sítios arqueológicos. Instigue-os a criar réplicas de adornos, utensílios ou zoólitos encontrados em sambaquis, incentivando o aprendizado prático sobre a cultura material desses povos.

A aula de História é lugar para construir hipóteses, suposições, e discutir modos como outras sociedades resolvem os desafios de seu tempo. A História também tem compromisso com a formação cidadã, quando aponta caminhos para compreender que a sociedade é formada por grupos diferentes, que devem ser respeitados e compreendidos historicamente (GIL et al, 2012, 23-27).

Outra abordagem que pode ser utilizada é a criação de narrativas que conectem os sambaquis ao cotidiano das crianças, valorizando a oralidade e os aspectos lúdicos, conectando-as à importância da preservação do patrimônio e da ancestralidade local. Aproveitando o gosto das crianças por jogos, pensando num aprendizado mais envolvente e acessível, é possível criar atividades que envolvam tabuleiro, caça ao tesouro ou quebra-cabeças temáticos que representem os sambaquis e a história regional. Há disponíveis materiais interessantes como vídeos, documentários, maquetes digitais, visitas virtuais a museus ou fotos que apresentam os sambaquis, especialmente se visitas presenciais não forem viáveis, possibilitando a imaginação dos/as estudantes.

O jogo Sambaquis: Uma História Antes do Brasil⁹ é uma proposta que tem como objetivo a divulgação de uma parte do passado histórico e arqueológico do atual território brasileiro que não é comumente encontrada em mídias digitais: nesse caso, em jogos eletrônicos. Utilizando a interatividade em tempo real, o usuário fica

⁹ Jogo e materiais elaborados por Arise (Arqueologia Interativa e simulações Eletrônicas). O jogo SAMBAQUIS: Uma História antes do Brasil é um produto do Grupo de Pesquisa CNPq Arqueologia Interativa e Simulações Eletrônicas (ARISE), desenvolvido em parceria com o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP) e com o Grupo de Pesquisa em Educação Patrimonial e Arqueologia da Universidade do Sul de Santa Catarina (GRUPEP/UNISUL).

livre para experienciar a vida cotidiana dos sambaquieiros a partir do contato direto com objetos e personagens espalhados pela paisagem (MENDES, 2019).

Figura 16: Esquema do enredo do jogo: escavação arqueológica, vivência sambaquieira e museu.



Fonte: ARISE, 2019.

Sugerimos também a criação de um projeto de pesquisa ou intervenção com os/as estudantes, os mesmos podem investigar questões relacionadas aos sambaquis, como:

- Quem eram os sambaquieiros?
- Como viviam e quais materiais utilizavam?
- Por que é importante preservar os sambaquis hoje?

Estabelecer conexões com a comunidade e a cultura local constitui um instrumento pedagógico importante. Nesse sentido, é fundamental incentivar os estudantes a interagirem diretamente com pescadores, artesãos e historiadores da região, por meio de entrevistas ou outras atividades de campo. Essa troca de saberes entre os discentes e a comunidade, amplia a compreensão da relação histórica entre os sambaquis, o território e a cultura local. Após essas experiências, pode-se propor a produção de materiais como revistas, cartazes ou apresentações, com o objetivo de compartilhar com a comunidade escolar os conhecimentos adquiridos sobre os sambaquis. Estas atividades promovem o protagonismo estudantil e estimulam a criatividade, transformando os sambaquis em ferramentas vivas de ensino, que contribuem para uma compreensão crítica e significativa da história.

O uso de filmes, documentários e livros que abordam o tema dos sambaquis podem ser uma excelente maneira de despertar o interesse dos/as estudantes e proporcionar uma compreensão mais lúdica e acessível do tema. Como destaca o documentário *Sambaqui: Sociedade Redescoberta* (AZOURY, 2019), os sambaquis são testemunhos da complexidade social e cultural dos povos pré-históricos do litoral brasileiro. A produção nos mostra a engenhosidade desses povos,

evidenciada pela monumentalidade das construções em sambaquis, que podem atingir até 30 metros de altura. Por meio de entrevistas com arqueólogos/as e imagens de escavações, o documentário mostra como a análise desses sítios permite reconstruir aspectos da cultura, espiritualidade e organização social das comunidades antigas. Além disso, enfatiza a importância da preservação desses patrimônios, frequentemente ameaçados por obras e ocupações irregulares. A série documental “Raízes - Sambaqui, a história entre as conchas” é outro exemplo de material audiovisual que enriquece o ensino sobre os sambaquis. Foi exibido no dia 15 de julho no Cine Teatro Mussi em Laguna para os estudantes das turmas de 4º e 5º anos da rede municipal de Laguna. Após a exibição, o professor e arqueólogo Geovan Guimarães mediu uma roda de conversa sobre a importância de valorizar o patrimônio cultural da nossa região. Os estudantes e professores cursistas ficaram encantados com a produção que estará disponível a partir de outubro na plataforma de domínio público e poderá ser usada em sala de aula pelos educadores.

A partir dessas mídias, é possível realizar atividades de leitura crítica e discussões em sala de aula, permitindo que os/as estudantes se posicionem sobre as questões levantadas e reflitam sobre o significado dos sambaquis na construção de identidades culturais. As atividades mencionadas demonstram a viabilidade de abordar a temática dos sambaquis nas aulas dos Anos Iniciais, especialmente nas turmas de 4º e 5º anos. Isso se alinha às diretrizes do currículo nacional e à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que orientam o ensino da história da comunidade, cidade e estado em que os/as estudantes vivem.

A organização do curso de extensão foi estruturada em diferentes etapas, cada uma delas pensada para articular teoria e prática, bem como promover a aproximação entre os professores, a universidade e o patrimônio cultural da região. Os encontros contemplaram desde momentos de fundamentação teórica até vivências em campo, oficinas práticas e socialização de experiências pedagógicas, sempre buscando integrar o estudo dos sambaquis às demandas reais da sala de aula. A seguir, a Tabela 5 apresenta a síntese das atividades realizadas ao longo do processo formativo, destacando datas, locais e propostas desenvolvidas em cada etapa.

Tabela 5: Encontros realizados durante a formação continuada sobre os Sambaquis.

Data do evento	Local do evento	Atividade desenvolvida
13/09/2024 Etapa 1	IPHAN - Laguna	Aulas expositivas e roda de conversa. Objetivo: Fundamentação teórica e debate sobre sambaquis e ensino de História
09/10/2024 Etapa 2	Casa Candemil - Arquivo Público Municipal de Laguna	Aula expositiva sobre os zoólitos, oficina prática e exposição de artefatos do acervo municipal.
18/11/2024	Sala de aula / online Plataforma teams	Levantamento de dados e análise de documentos
19/11/2024	EEB Chiquinha Gomes de Carvalho - Bairro Bananal	Roda de conversa com os estudantes do 5º ano - oficina de zoólitos.
29/11/2024	UFSC	Aula expositiva e oficina com exposição dos materiais desenvolvidos. Acadêmicos do curso de Pedagogia - UFSC
08/04/2025	UDESC - Laguna	Pesquisa e sistematização de informações sobre os sítios arqueológicos. Compartilhamento de práticas que foram desenvolvidas em 2024 e 2025. Retomada de atividades.
27/06/2025 Etapa 3	Farol de Santa Marta - Laguna (Matutino) e Casa Candemil (Vespertino)	Vivência de campo, observação do patrimônio e diálogo com especialistas (arqueólogos do IPHAN e da UNISUL)
30/06/2025	Auditório da Prefeitura Municipal de Laguna	Formação para os professores da rede municipal de Laguna dos Anos Finais (6º ao 9º ano) sobre os Sambaquis de Laguna como proposta para atividade interdisciplinar.
15/07/2025	Cine Teatro Mussi (Professores e estudantes do 4º e 5º ano)	Exibição do documentário e roda de conversa. Série documental: Raízes- Sambaqui, povo das conchas.
21/07/2025 Etapa 4	UDESC - Laguna	Mostra Pedagógica: Patrimônio Arqueológico dos Sambaquis nos Anos Iniciais. Culminância das propostas didáticas coletivas desenvolvidas nas escolas da rede municipal no curso de extensão.

Fonte: Elaboração da autora, 2025.

Conforme comentado anteriormente, os dados da tabela foram coletados a partir dos relatos a cada encontro e descritos no template enviado aos professores para registro das atividades desenvolvidas. Esse processo formativo buscou valorizar a história local como eixo estruturante para a prática pedagógica e fortalecer a parceria entre universidade e escola. Portanto, a formação continuada

aqui apresentada cumpriu o papel de ampliar os repertórios didáticos dos docentes e incentivar a valorização da memória coletiva. Os relatos produzidos durante e após a formação representam não apenas impressões individuais, mas também a materialização de um processo coletivo de reflexão sobre a prática docente e sobre o ensino de História a partir do patrimônio arqueológico local.

Como aponta Nóvoa (1992), a valorização das narrativas docentes é central na construção da identidade profissional e na consolidação de práticas pedagógicas significativas. Assim, o próximo tópico será dedicado à escuta e à análise dessas experiências, compreendidas como parte integrante da produção de conhecimento desta pesquisa.

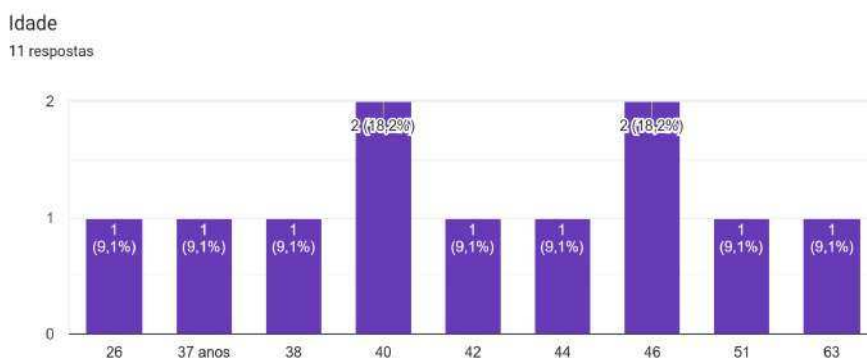
4.3 Reflexões sobre a prática docente e aprendizagem dos (as) estudantes dos Anos Iniciais, a partir do curso de formação e da revista educativa sobre os Sambaquis

No início da formação continuada sobre os sambaquis de Laguna/SC, os educadores participantes preencheram um formulário com informações sobre perfil profissional, experiências anteriores e expectativas em relação ao curso. O grupo era composto majoritariamente por mulheres (63,6%), com idades variando entre 26 e 63 anos, e com formação inicial em Pedagogia (83,3%). Observou-se diversidade significativa em termos de tempo de atuação na Educação Básica, contemplando desde docentes iniciantes até profissionais com mais de 11 anos de experiência, evidenciando a coexistência de múltiplas perspectivas pedagógicas. Embora a maioria das professoras já abordasse o patrimônio arqueológico de Laguna em suas aulas, apenas uma parcela tratava os sambaquis de forma regular, indicando a necessidade de aprofundamento e atualização temática.

Os gráficos a seguir sintetizam os dados levantados no formulário inicial aplicado aos professores participantes do curso de formação continuada. Eles permitem compreender o perfil docente, suas trajetórias formativas e experiências prévias com o patrimônio arqueológico local, fornecendo subsídios importantes para a organização das etapas do curso. A análise evidencia um grupo heterogêneo, tanto em termos geracionais quanto de tempo de atuação, o que enriqueceu os debates e favoreceu a troca de experiências entre profissionais em diferentes momentos de carreira. Nesta etapa da formação, participaram 20 profissionais da

educação, porém em alguns momentos, 11 ou 12 apenas responderam ao questionários que é apresentado a seguir em forma de gráficos.

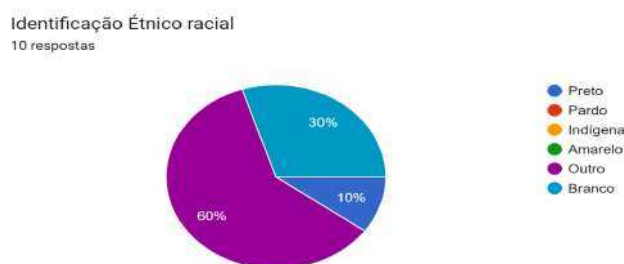
Gráfico 4: Idade dos educadores participantes do curso de formação



Fonte: A autora, 2024.

A idade dos educadores que participaram da formação é bem diversa, o que trouxe muitas experiências e vivências à formação. Notamos a presença tanto de educadores que estão apenas começando, com idades variando entre 26 e 30 anos, quanto de professores com vasta experiência, com mais de 60 anos. Essa variedade de idades ilustra a união de histórias de vida distintas, diferentes aprendizados e práticas de ensino, fazendo do curso um ambiente de conversa entre as gerações. A análise das idades mostra que a formação não só reuniu profissionais em momentos diferentes da carreira, como também incentivou a criação de um conjunto variado de saberes, fundamental para dar um novo significado aos sambaquis como recurso para o ensino de História nos Anos Iniciais, por esse motivo o curso foi tão especial, unimos gerações e diferentes formas de enxergar o mundo.

Gráfico 5: Identificação Étnico racial

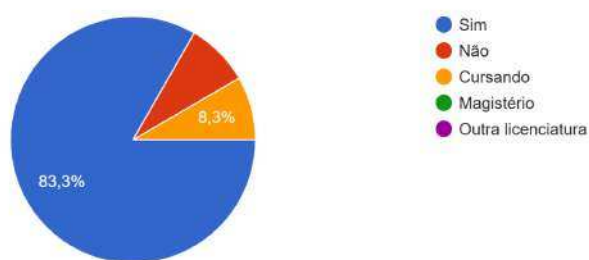


Fonte: A autora, 2024.

A análise do gráfico sobre identificação étnico-racial das professoras demonstra que grande parte delas se considera branca, algo que reflete a situação do ensino no Brasil, onde vemos muitas mulheres brancas na educação básica (GATTI; BARRETO, 2009). Mesmo com algumas professoras se identificando como brancas, negras ou pardas, a maioria (60%) preferiu a opção “outro”. Esse resultado é intrigante, pois levanta questões sobre como as professoras se veem, seja pela falta de opções que realmente representam sua identidade, seja por receio ou insegurança em usar as categorias do IBGE. Algo parecido acontece nas escolas da rede, onde a maioria dos estudantes, cerca de 90% se autodeclarou branca no censo escolar, mas é notável que o resultado não condiz com a realidade das escolas municipais. Esse resultado mostra que precisamos discutir mais sobre identidade étnico-racial nas escolas, já que até os próprios professores têm dificuldade em se identificar nas categorias oficiais. Isso pode afetar a forma como a diversidade étnico-racial é abordada nas aulas, mostrando a importância de cursos que discutam temas como raça, identidade e pertencimento (CAVALLEIRO, 2001; MUNANGA, 2005).

Gráfico 6: Formação em Pedagogia

3- Formação Superior em Pedagogia?
12 respostas



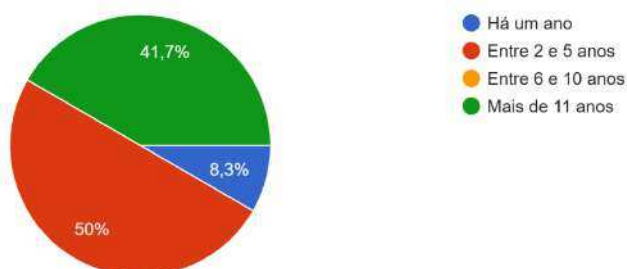
Fonte: A autora, 2024.

A maioria dos cursistas (83,3%) já completou a graduação em Pedagogia, enquanto um grupo reduzido tem formação prévia em campos distintos.

Gráfico 7: Tempo de atuação docente

5- Há quanto tempo atua na Educação Básica (Anos Iniciais)?

12 respostas



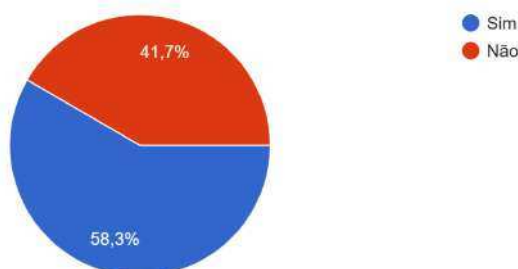
Fonte: A autora, 2024.

Percebemos que há professores iniciando na prática docente e outros que já atuam a muitos anos na educação. A variedade de tempo de atuação sugere que o aprimoramento profissional possui um papel central de união entre diferentes tipos de professores, solidificando a noção de que o desenvolvimento profissional é algo constante e em grupo. O gráfico destaca que o curso não somente uniu profissionais em diferentes fases da carreira, mas também propiciou um espaço de conversa onde as vivências acumuladas e as novas visões se completam, criando um ambiente de aprendizado variado.

Gráfico 8: Especialização na Área dos Anos Iniciais

6- Possui especialização na área dos Anos Iniciais?

12 respostas



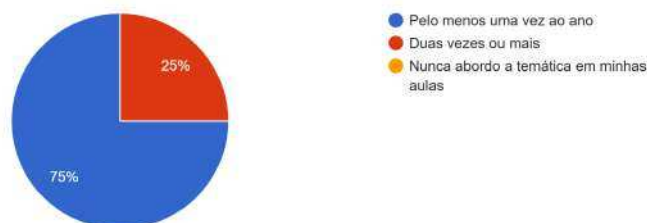
Fonte: A autora, 2024.

Analisando o gráfico sobre as especializações na área dos Anos Iniciais há um equilíbrio entre quem possui e não possui, sendo que a maioria se especializou para atuar neste nível de ensino. Por isso, entendemos a importância dos cursos de formação continuada para atender estas demandas.

Gráfico 9: Patrimônio Arqueológico nas aulas

7- Sobre o Patrimônio Arqueológico de Laguna, com qual frequência envolve a temática em suas aulas?

12 respostas



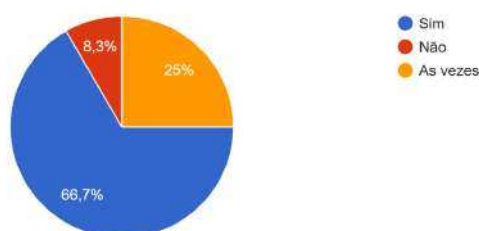
Fonte: A autora, 2024.

O gráfico sobre o estudo do patrimônio arqueológico nas escolas revela que, apesar de grande parte dos professores já incluir temas ligados à cultura de Laguna, somente uma parte delas ensinava sobre os sambaquis com frequência. Isso demonstra que, mesmo havendo alguma familiaridade com o tema, existe uma fragilidade em incorporar esse patrimônio de maneira consistente no planejamento das aulas. O gráfico realça a necessidade de atualização constante sobre o assunto para ampliar o saber dos professores, apresentando métodos de ensino e atividades práticas que tornem o patrimônio arqueológico uma ferramenta valiosa no ensino de História nos primeiros anos.

Gráfico 10: Os sambaquis nas suas aulas

8- Os Sambaquis são conteúdos temáticos nas suas aulas para apresentar a ocupação do nosso território antes da chegada dos colonizadores?

12 respostas

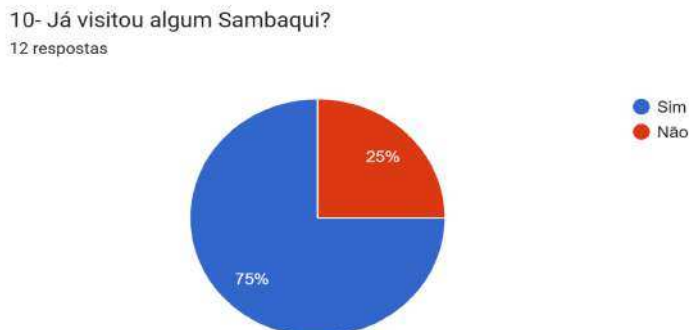


Fonte: A autora, 2024.

A análise da presença dos sambaquis no contexto das aulas revela que, embora certos professores relatem abordar o assunto, a constância com que o fazem ainda é modesta. Abordam a temática de forma esporádica sem aprofundar a história dos povos construtores de sambaquis no plano anual de ensino. Esse

detalhe já havia sido constatado ao analisar os currículos propostos pelas escolas e professores participantes do curso.

Gráfico 11: Visita ao Sambaqui



Fonte: A autora, 2024.

Os professores que participaram da formação tinham históricos bem diferentes, considerando a idade, o tempo que lecionava, sua formação e o quanto já conheciam sobre sambaquis. Apesar de alguns professores já abordarem temas de arqueologia em sala de aula, as informações mostram que falar de sambaquis não era algo frequente ou bem planejado, o que destaca a importância de sempre aprender e se atualizar.

As idas aos lugares onde se encontram sambaquis e as atividades práticas do curso foram muito importantes para vivenciar o que aprenderam na teoria, ajudando a entender por que os sambaquis são importantes para a história, cultura e sociedade. Além disso, os dados apontam que o treinamento juntou professores com diferentes experiências, permitindo que compartilhassem o que sabiam e construíssem conhecimento juntos.

O que eles esperavam mostrava que queriam aprender mais sobre a história da região, descobrir formas divertidas e integradas de ensinar e se sentir mais parte da comunidade. Como disse uma das participantes: “Mudar a forma de ver, aprender e experimentar”. Estou muito animada com o treinamento, quero dar um novo sentido às aulas de história, conectando-as com outras matérias e, principalmente, fortalecer o sentimento de pertencimento à comunidade onde vivemos”. Esses dados mostram como os treinamentos são importantes, pois oferecem momentos para pensar e construir conhecimento em grupo, unindo teoria e prática, aumentando o conhecimento cultural e as formas de ensinar e criando um jeito de ensinar que valorize o lugar e a memória histórica. Os professores participantes da

formação receberam por correio eletrônico um template de relatos das experiências desenvolvidas a partir do curso. Foi a partir destes relatos que apresentamos as vivências destes educadores a seguir.

As experiências pedagógicas relatadas pelas professoras evidenciam a riqueza do processo formativo e o impacto das práticas desenvolvidas em sala de aula. A professora Ângela, da EEB Comandante Moreira, desenvolveu um projeto interdisciplinar com os 4º e 5º anos (turma multisseriada), denominado *Viagem no Tempo e no Espaço: Descobrimos o Brasil e a Região da Amurel (Associação dos Municípios da Região Lagunar)*, integrando História, Geografia e Ciências. Ela observou que “trabalhar com esse tema não é falar de um passado distante, mas mostrar às crianças que essa história faz parte do lugar onde vivem e, de certa forma, de quem elas são”. A abordagem incluiu estudos de caso sobre a região do Farol de Santa Marta, a produção de maquetes, caixas com representações de sítios arqueológicos e simulações de cenários históricos, enfatizando o protagonismo dos estudantes e a conexão entre conhecimento científico e vivência local.

A professora Janaina, da Escola de Educação Básica (EEB) Custódio Floriano de Córdova, relatou que a investigação do território despertou nos estudantes o papel de “investigadores de seu lugar de morada”, promovendo engajamento e entusiasmo. Ela destacou a confecção de zoólitos e maquetes como momentos significativos, nos quais os estudantes puderam materializar a história local. Apesar das dificuldades em realizar a visita aos sambaquis por condições climáticas, a professora enfatizou a participação das famílias como forma de superar essa limitação, reforçando o aprendizado e a valorização da comunidade: *“Todos investigaram, trouxeram relatos, buscaram informações e tornaram nossas aulas muito mais atraentes, divertidas e construtivas”*.

Na EEB José de Souza Guimarães, os professores Jurandir, Elias e Rodrigo realizaram uma visita pedagógica à aldeia indígena Tekoa Marangatu, ampliando o olhar dos estudantes sobre a diversidade cultural e histórica. Durante a experiência, os mesmos puderam conhecer rituais, artesanato, instrumentos musicais e modos de vida, promovendo o respeito e a valorização da cultura dos povos originários. Como relataram os docentes, “a visita à aldeia não foi apenas um aprendizado para os educandos, mas também uma experiência transformadora para nós, educadores”, fortalecendo a compreensão sobre a importância de práticas pedagógicas sensíveis que valorizam a diversidade.

A professora Kelly, da EEB Elizabeth Ulyssea Arantes, desenvolveu um projeto interdisciplinar com o 5º ano voltado ao estudo do Sambaqui de Cabeçada, realizando a visita ao local, culminando na produção de uma revista escolar que reúne textos, poemas, mapas, jogos e desenhos produzidos pelos estudantes. Ela enfatizou a valorização do protagonismo estudantil, incluindo estudantes com transtorno do espectro autista, e o uso de tecnologias digitais como ferramentas de pesquisa e criação: *“A formação ampliou minha compreensão sobre o potencial dos sambaquis como eixo integrador de saberes e como recurso para o ensino interdisciplinar”*.

A professora Rosane, da EEB Vereador Jurandir Pereira dos Santos, trabalhou com entrevista de um morador local, senhor Neveraldo, e visitou o Sambaqui da Carniça com os estudantes, promovendo vínculos com a memória comunitária e fortalecendo a aprendizagem através da interação direta com o patrimônio local. A confecção de cartazes, maquetes e zoólitos em argila possibilitou aos estudantes transformar relatos orais em materiais concretos de aprendizagem.

Por fim, a professora Yane, da EEB Prof.^a Iracy Virgínia Rodrigues, relatou uma experiência que combinou literatura, contação de histórias e práticas artísticas, ressignificando o conhecimento histórico e promovendo imersão afetiva no tema: *“Cada encontro me lançava a começar uma nova sequência de trabalho, que me levava a mais questionamentos, que me proporcionou novas descobertas”*. O trabalho com contos, personagens, zoólitos e registros coletivos demonstrou o potencial da pedagogia baseada em experiências sensíveis, afetivas e interdisciplinares, promovendo a aprendizagem significativa e o sentimento de pertencimento à história local.

De forma geral, as experiências relatadas indicam que o curso de formação continuada contribuiu para:

- a) a valorização da história local;
- b) o desenvolvimento do protagonismo dos estudantes;
- c) o fortalecimento do vínculo com a comunidade;
- d) a integração de diferentes componentes curriculares;
- e) o uso de metodologias ativas, lúdicas e digitais.

Esses elementos evidenciam que a formação ampliou a compreensão dos educadores sobre a importância de trabalhar o patrimônio arqueológico como

instrumento de ensino crítico, interdisciplinar e contextualizado, consolidando práticas educativas que articulam memória, cultura e território.

Moran (2015) destaca que projetos pedagógicos que envolvem a criação de materiais, como revistas, blogs ou mapas, estimulam a autonomia, a criatividade e a interdisciplinaridade entre professores e estudantes. Nesse contexto, a construção da revista dos sambaquis proporcionou um espaço para que todos se tornassem produtores ativos de conhecimento, articulando teoria e prática de forma integrada. Essa experiência evidencia que a produção de materiais pedagógicos não é apenas um recurso didático, mas também um instrumento para promover engajamento, aprendizagem colaborativa e fortalecimento de competências cognitivas e criativas.

4.4 Mapa das Experiências dos/as Professores/as participantes do curso de formação continuada sobre os Sambaquis - Povos Indígenas de longa duração

A Tabela 6, que chamamos de Mapa das Experiências, oferece uma visão geral das atividades que conduzimos durante nosso projeto de ensino focado no estudo dos sambaquis. Essas atividades foram colocadas em prática com estudantes dos 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, com a colaboração de vários professores, integrando diversas áreas do saber – desde o despertar do interesse inicial até a troca de informações com as famílias. Foram selecionadas 6 práticas para compor a mostra pedagógica e para compor o mapa das experiências. São escolas de áreas periféricas, afastadas do centro urbano, comunidade do campo e de pescadores/extrativistas.

Estruturada em quatro partes principais (Experiência/Atividade, Participantes/Docentes, Aprendizados/Reflexões e Desafios/Estratégias), essa tabela busca organizar as práticas de ensino que usamos, mostrando tanto o processo de aprendizado quanto às dificuldades que encontramos e as soluções que criamos. As experiências contadas mostram uma forma de ensinar que une diferentes áreas do conhecimento, que é atenta e ligada à realidade dos estudantes, buscando dar valor ao lugar onde vivem, ao que sabem e à história dos povos que viviam ali antes.

Ao dar atenção a cada passo do projeto — desde narrativas contadas com a luz de velas até visitas a campo e o uso de ferramentas tecnológicas — a tabela ajuda a entender o quão complexo e amplo são os métodos de ensino que querem

ensinar História de um jeito que faça sentido e esteja conectado com a vida dos alunos, principalmente quando se trata dos povos sambaquieiros e da importância de valorizar o que eles nos deixaram.

Tabela 6: Mapa das Experiências. Elaborada pela autora após análise das atividades desenvolvidas no curso de formação. 2025.

Dimensão	Experiência/Atividade	Participante Docentes	Aprendizados/Reflexões	Desafios/Estratégias
Sensibilização inicial	Conto “O mistério dos Sambaquis”, luz de velas, música	Yane Cardoso, 5º ano	Aproximação afetiva do tema; estímulo à curiosidade; questionamentos sobre os povos das conchas	Criar ambiente acolhedor e significativo; conduzir atenção dos alunos durante a atividade
Investigação local	Entrevista com um morador local (Sr. Neveraldo) sobre Sambaqui da Carniça	Rosane Valério, 5º ano	Valorização da história local; vínculo com a comunidade; aprendizagem vivencial	Planejamento da entrevista; conduzir a turma na coleta de informações; registrar dados de forma clara
Projetos Interdisciplinares	Produção de maquetes, caixas arqueológicas, cenários históricos	Ângela C. F. Antonio, 4º e 5º anos	Protagonismo estudantil; integração entre História, Geografia e Ciências	Diversidade de alfabetização; acompanhamento individual; planejamento constante
Arte e expressão	Confecção de zoólitos em argila, desenhos, mapas, histórias em quadrinhos	Yane Cardoso, Kelly Regina	Estímulo à criatividade e à expressão; compreensão de rituais e cultura material	Coordenação de atividades manuais; integração com conteúdos pedagógicos
Tecnologia e pesquisa	Uso de tablets, jogos digitais, produção de revista escolar	Kelly Regina, 5º ano	Desenvolvimento de habilidades digitais; pesquisa crítica; avaliação de fontes	Limitação de tempo; adaptação de conteúdo para formatos digitais
Saídas de estudos	Visita a Sambaquis de Cabeçuda, Carniça e Farol de Santa Marta; contato com aldeia indígena Tekoa Marangatu	Jurandir M., Elias M., Rodrigo V. Rosane Valério	Experiência sensível; ampliação da percepção histórica; escuta e respeito aos saberes indígenas	Condições climáticas; logística; segurança e atenção da turma
Literatura e leitura compartilhada	Livro “Povos das Conchas”, contos e poemas	Yane Cardoso, 5º ano	Ampliação do conhecimento histórico e afetivo; registro em áudios e ilustrações; aproximação da história do território	Planejamento das leituras; gestão do tempo e atenção da turma
Compartilhamento familiar	Sacola viajante com materiais do projeto para alunos levarem para casa	Yane Cardoso	Multiplicação do conhecimento; valorização da história local na família	Organização do material; manutenção do engajamento familiar

O mapa aponta que a formação continuada proporcionou um aprendizado múltiplo, que vai além do conteúdo histórico:

- Metodologias ativas: contos, jogos, maquetes, artefatos e revistas permitiram protagonismo estudantil e interdisciplinaridade.
- Valorização do patrimônio local: entrevistas, visitas e pesquisas reforçam a conexão entre escola, comunidade e memória cultural.
- Inclusão e diversidade: estudantes com diferentes níveis de alfabetização e perfis, inclusive com espectro autista, foram incluídos e protagonizaram atividades.
- Aprendizado sensível e afetivo: contos, uso de velas no ambiente, música, literatura e dramatizações criaram experiências significativas e emocionais.
- Tecnologia como recurso pedagógico: tablets, jogos e produção de textos digitais reforçaram pesquisa, pensamento crítico e autonomia.
- Desafios recorrentes: diferenças de alfabetização, logística de visitas, tempo limitado e condições climáticas exigiram planejamento adaptativo e suporte individual (A AUTORA, 2025).

Perceber o envolvimento dos educadores, o entusiasmo durante as aulas dentro e fora da sala de aula, foi realmente gratificante. Os educadores participantes do curso foram além das atividades propostas, criaram atividades, oficinas e momentos especiais nas escolas com os estudantes. Realizaram um movimento muito bonito e importante de valorização da história local, pertencimento e identidade. Nos apêndices 1 e 2 da dissertação, é possível encontrar registros fotográficos e infográficos demonstrando de forma visual e textual as atividades realizadas ao longo do curso de formação e elaboração da revista educativa: Sambaquis de Laguna. Não deixe de conferir, pois é importante olhar o rosto e conhecer aqueles que foram essenciais para minha pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Pisei no chão da história, toquei num pedaço da memória” (*Márcia Wayna Kambeba, 2018, p. 21*)

Iniciamos a parte final da nossa dissertação com as palavras de Márcia Kambeba, estas, ecoam o sentido mais profundo vivenciado durante o processo, a busca pela compreensão do chão que pisamos como um espaço de memória e ancestralidade. Como a poeta escuta as vozes da terra, esta pesquisa buscou escutar os ecos dos povos construtores de sambaquis que habitaram a cidade de Laguna, reconhecendo nesses sítios arqueológicos, como espaços de presenças vivas que nos interpelam no presente.

A formação continuada revelou que muitos docentes não tiveram acesso, em sua educação inicial, a conteúdos sobre sambaquis, arqueologia ou Educação Patrimonial. Não se trata de falta de interesse, mas de lacunas curriculares. Assim, viver ao lado dos sambaquis é, por si só, uma forma de relação com o passado — o desafio é reconhecer e legitimar esses saberes locais dentro da escola. A arqueologia decolonial nos convida a romper com o eurocentrismo e a reconhecer múltiplas formas de produzir conhecimento sobre o passado.

Na minha caminhada, concluo que o fazer pedagógico precisa ser afetivo e com intencionalidade, direcionando às crianças a esperar e acreditar nos seus sonhos. O valor de um ambiente propício e direcionado à reflexão e ao conhecimento é essencial para uma educação que dignifica todas as pessoas. Quando reunimos professores/as bem preparados/as para a prática docente, consciente do seu papel na educação, estamos diante de uma potente ferramenta de transformação social. Ao longo da linda jornada, compreendemos que os sambaquis nos apresentam narrativas materiais de um modo de vida, da relação destes povos com a natureza e principalmente do conhecimento que tinham sobre o território no período que antecedeu a colonização. Estas histórias não cabem nos manuais e registros oficiais, mas podem ser vivenciadas e sobrevivem nas paisagens de Laguna, ocupando espaço na memória coletiva e na resistência dos saberes ancestrais.

Refletir sobre estas questões na formação docente voltada ao ensino de História nos Anos Iniciais, significou um espaço importante para reconstruir esse

olhar, analisando as práticas desenvolvidas com os professores da rede municipal de Laguna evidenciando que o patrimônio arqueológico é uma ferramenta pedagógica importante para aproximar as crianças de suas raízes, despertando nelas o sentimento de pertencimento e respeito pela diversidade cultural. Ficou evidente também a importância de repensar os currículos, para que contemplem as histórias locais e os povos originários.

Os momentos vivenciados durante a pesquisa me fizeram usar novas lentes, observar novas áreas, pensar uma formação para professores que atuam no 4º e 5º anos foi um desafio, mas uma surpresa deliciosa. A cada encontro, as vivências, experiências, expectativas e dificuldades encontradas pelos colegas, foram essenciais para a elaboração da pesquisa e construção da dimensão propositiva. Partimos de muitas pesquisas, estudos e entrevistas com especialistas da área da arqueologia, história local e patrimônio arqueológico, mas as práticas desenvolvidas e compartilhadas pelos professores participantes da formação me deixaram emocionada e esperançosa. A educação vale a pena e quando fazemos o que amamos, quando encontramos pessoas com entusiasmo e vontade de fazer, o caminho se torna mais leve e especial.

As atividades realizadas durante a formação continuada sobre os sambaquis de Laguna/SC demonstram a importância de aproximar os educadores da história local por meio de práticas teóricas e experiências de campo. A diversidade de perfis dos docentes, em termos de idade, formação, tempo de atuação e experiências prévias, contribuiu para a riqueza das discussões e para a construção coletiva de saberes, reafirmando que a formação profissional é um processo contínuo e colaborativo (IMBERNÓN, 2009). A cada encontro, novas ideias e vivências surgiam, tornando a nossa formação um espaço diverso e cheio de afetividade.

Os resultados indicam que, embora muitas professoras já tivessem algum contato com o patrimônio arqueológico, a abordagem dos sambaquis em sala de aula ainda era tímida. Segundo relatos dos profissionais, a formação proporcionou subsídios teóricos, atividades práticas e vivências de campo que possibilitaram a compreensão do valor histórico, cultural e social desses sítios, reforçando a necessidade de integrar o patrimônio local no currículo escolar, valorizando as histórias que foram silenciadas ao longo da história oficial.

Encerramos a dissertação, reconhecendo que a pesquisa, quando nasce do território, da escuta e da vivência compartilhada, tem o poder de tocar

profundamente a prática docente e provocar transformações reais. Este trabalho nasce do desejo de aproximar os(as) educadores(as) da história local de Laguna/SC por meio de práticas formativas significativas — e encontrou no curso de formação continuada, no projeto de extensão universitária e na produção coletiva de uma revista didático-pedagógica um espaço colaborativo para que essa aproximação se concretizasse com afeto, compromisso e potência.

As atividades desenvolvidas ao longo do processo formativo revelaram o quanto a valorização do patrimônio arqueológico local, especialmente dos sambaquis, pode contribuir para a construção da consciência histórica, pautada na valorização da identidade. Os encontros formativos — marcados por discussões teóricas, experiências práticas e vivências de campo — permitiram que os professores participantes ampliassem seu repertório pedagógico e revisaram suas abordagens sobre a História ensinada em sala. Ainda que muitos já conhecessem os sambaquis, esse conhecimento, muitas vezes, era fragmentado ou pouco explorado em suas práticas. A formação possibilitou um mergulho mais profundo, abrindo caminhos para uma abordagem mais consistente, interdisciplinar e sensível à diversidade cultural e social.

A construção da revista didático-pedagógica sobre os sambaquis, nesse sentido, não foi apenas um produto da pesquisa, mas uma expressão desse processo vivo de troca. Pensada a partir das necessidades, saberes e contextos dos professores, ela se constituiu como uma ferramenta de apoio à prática docente, que respeita o território, acolhe os sujeitos e propõe abordagens diversas para o ensino da História nos Anos Iniciais. A elaboração das atividades propostas na revista e nos encontros formativos foi extremamente produtiva. A cada etapa — desde a seleção dos conteúdos, das imagens e das estratégias metodológicas — buscou-se garantir que a prática pedagógica ganhasse novos sentidos a partir da escuta e da experiência. A revista se transformou em material acessível e afetivo, que respeita o chão da escola pública e contribui para o fortalecimento da identidade cultural local.

Do ponto de vista pessoal e profissional, essa trajetória foi transformadora. Como pesquisadora, fui levada a alinhar teoria e prática de forma ética e sensível. Como formadora, aprendi com cada professor, com cada olhar e com cada gesto de compromisso. Cresci ao perceber que a formação docente não é apenas sobre conteúdos, mas também sobre vínculos, escuta e coragem de revisitar as próprias práticas.

O papel do projeto de extensão Vozes Decoloniais na Escola (UFSC) foi central nesse processo. Ele foi o elo que garantiu que a pesquisa saísse dos muros da universidade e ganhasse vida na escola, em sala de aula, na comunidade. O projeto tornou possível os encontros, as visitas aos sambaquis, os momentos de escuta e partilha, promovendo o diálogo entre os saberes acadêmicos e os saberes docentes de forma respeitosa e horizontal. A extensão cumpriu, com sensibilidade e coerência, seu papel de devolver à sociedade o conhecimento produzido, e ao mesmo tempo, aprender com ela.

Entre tantos momentos marcantes, há um relato que me atravessou profundamente e que, com sua delicadeza, sensibilidade e força, representa o que esta pesquisa buscou construir. A professora Yane Cardoso Mokos, da E.E.B. Profª Iracy Virgínia Rodrigues, compartilhou sua experiência com as turmas do 4º e 5º anos, revelando como os encontros da formação ressoavam em sua prática pedagógica e na vida das crianças. Seu relato, mais do que uma devolutiva, é um testemunho do que significa ensinar com afeto, responsabilidade e conexão com o território:

"Em setembro de 2024 realizei uma formação com a professora Joice, recordo-me certinho do clima, era um dia chuvoso, voltei tão aquecida e inspirada, porque ela é assim (deixa a gente inquieta e cheia de ideias). Quero aqui falar todo meu afeto e admiração pelo encontro potente que ela nos proporcionou... Eu sabia do grande compromisso ético que tinha ao voltar para a sala de aula com as crianças e ressignificar seu território mediante uma imersão no modo de vida dos Povos dos Sambaquis."

Nesse processo, as crianças foram acolhidas em espaços preparados com cuidado e intencionalidade, onde puderam ouvir histórias à luz de velas, confeccionar personagens, moldar zoólitos com argila, criar poemas, discutir significados e levar para casa uma sacola viajante com a história vivenciada. O ensino deixou de ser apenas conteúdo e se tornou experiência, afetividade e descoberta. As perguntas surgiam naturalmente: "Como eles enfrentavam o frio?"; "Eles eram indígenas?"; "Que ferramentas usavam para esculpir?" — e, com elas, a professora se permitiu também aprender, questionar e seguir pesquisando ao lado de seus estudantes.

"Essa experiência me tirou do raso e me levou ao desejo de mergulhar mais fundo. Reacendeu um desejo profundo de estudar e assim resistir a qualquer tipo de dominação, superar a miopia, romper o silêncio."

No ano seguinte, com as mesmas turmas agora no 5º ano, ela aprofundou ainda mais a proposta. As leituras do livro de Urda Alice Klueger passaram a fazer parte do cotidiano da turma: *"Ao lerem, tinham a missão de apontar o que era relevante e assim deixávamos registrados em áudios, que posteriormente foram escritos em itens. Foi muito lindo. Confesso que em alguns pontos a discussão ia tão longe, que o tempo voava e de fato, estávamos nos aprofundando."*

Um dos momentos mais simbólicos foi a criação da *"Sacola Viajante"*: *"Cada criança está levando uma Sacola Viajante para casa, com o conto, poemas, imagens e informações (plastificadas) em uma pastinha e está compartilhando com seus familiares partes da história que vivenciaram em sala, como multiplicadores desta história, de sua história."*

A formação não apenas transformou sua prática, como também despertou nela um novo desejo de pesquisa e aprofundamento: *"Essa experiência tirou-me do raso, levando-me ao desejo de mergulhar mais fundo e conhecer mais sobre esses povos. Reacendeu um desejo profundo de estudar e assim resistir a qualquer tipo de dominação, superar a miopia, romper o silêncio."*

Ao reler esse relato e tantos outros registros feitos pelas docentes, tenho a certeza de que esta pesquisa cumpriu sua missão. O curso de formação continuada contribuiu não apenas para o desenvolvimento profissional das participantes, mas também para a valorização do patrimônio cultural local, promovendo a construção de uma identidade coletiva que se enraíza no território e resiste ao esquecimento. Ver a formação reverberar nas práticas escolares, nas mãos curiosas das crianças e nas palavras sensíveis das professoras, é a maior validação do percurso trilhado.

Os sambaquis, que por tanto tempo habitaram apenas os livros ou os relatórios arqueológicos, agora habitam as salas de aula, as rodas de conversa, os desenhos e as memórias afetivas de uma nova geração de estudantes. Assim, encerro este trabalho com o coração pleno. Pleno de gratidão por cada encontro, por cada partilha, por cada semente plantada. Pleno de esperança de que os caminhos abertos por esta pesquisa seguem se multiplicando, em outras escolas, com outros educadores e educadoras que também queiram escutar, cuidar e ensinar a história

que brota do chão onde pisamos. Porque, como bem nos ensinou esta jornada, os sambaquis não são apenas vestígios do passado — são caminhos de pertencimento, de resistência e de vida.

Ao concluir esta pesquisa, permanece muito mais do que registros e dados: ficam as experiências, os afetos e os encontros que deram vida ao processo formativo. A formação continuada com professores da rede pública de Laguna/SC, centrada na valorização dos sambaquis como patrimônio histórico, cultural e arqueológico, mostrou que a educação, quando enraizada no território e no coletivo, pode transformar profundamente a relação entre escola, comunidade e identidade.

A articulação entre teoria, prática e vivência revelou-se essencial para tornar o ensino da História um espaço de escuta, respeito e protagonismo. A formação permitiu que os professores se aproximassem do patrimônio local de maneira significativa, ampliando seu olhar sobre os povos originários da região e fortalecendo a inserção da história local nos currículos escolares.

O ciclo formativo foi encerrado com uma visita dos(as) professores(as) aos sambaquis e ao Farol de Santa Marta. Mais uma vez, o clima chuvoso pareceu simbolizar um novo início, como ela mesma descreveu: *“Senti tanta emoção, porque era o fechamento de um ciclo... até a parada para o lanche em volta do fogão a lenha foi uma nostalgia, um presente.”*

Ao final de seu relato, a professora Yane sintetiza de maneira comovente aquilo que esta dissertação busca afirmar: *“Espero estar sempre ao lado da professora Joice, pois seu conhecimento e amor pela educação me invadem de esperança e de inquietude. Tudo valeu a pena. Saber que pontes foram construídas, que semeamos a semente da valorização do patrimônio arqueológico, enche o coração de alegria.* Dessa forma, o curso de formação continuada cumpriu seu papel no desenvolvimento profissional docente. Finalizo esta dissertação com a certeza de que o caminho trilhado até aqui não se encerra. Os relatos, as atividades e as vozes que ecoam neste trabalho continuam reverberando em outras salas de aula. Os sambaquis, que antes apareciam de forma tímida nos conteúdos escolares, agora ganham novo espaço: o da vivência, da imaginação, da escuta e do afeto. E é nesse solo, feito de conchas, ossos e histórias, que a educação encontra sua raiz mais profunda: o pertencimento.

Concluir esta pesquisa não significa encerrá-la, mas abrir novas trilhas de diálogo entre história, educação e patrimônio. Os sambaquis continuam a nos

ensinar — silenciosamente — sobre o tempo, o cuidado e a permanência. Que a escola, como propõe Kambeba, possa ser esse espaço plural, onde a diversidade é acolhida e onde se aprende a “pisar na história” com respeito, escuta e esperança.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Pedro Carlos de Oliveira. **Sambaquis e Educação Patrimonial: formação continuada sob a perspectiva da alfabetização científica para o ensino de História pré-colonial.** *Revista de Estudos Interdisciplinares*, v. 3, n. 6, p. 33-42, 2022. Disponível em: <https://revistas.cceinter.com.br/revistadeestudosinterdisciplinar/article/view/229/253>. Acesso em: 18 ago. 2025.
- ÂNGULO, R.J., GIANNINI, P. C. F., SUGUIO, K. & PESSENDA, EU.C.R. 1999. **Relativo Mar-mudanças de nível no último 5500 anos no sul Brasil (Laguna-Região de Imbituba, Santa Estado de Catarina) com base no vermetídeo 14 Idades C.** *Geologia Marinha* 159:323 – 339.
- ANGULO, R., LESSA, GC, SOUZA, MC 2005. **Um crítico revisão de meados do Holoceno tardio flutuações de nível no leste brasileiroastline.** *Revisões de Ciência Quaternária* 25:486 – 506.
- AUSUBEL, D. P. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva.** Rio de Janeiro: Interamericana, 2003.
- AZOURY, Ricardo (Diretor). **Sambaqui: Sociedade Redescoberta.** Brasil: Canal da História, 2019. Documentário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jnEXuTnNW3U>. Acesso em: 25 maio 2025
- APPLE, M. W. **Educar “como Dios manda”: Mercados, niveles, religión y desigualdad.** Barcelona: Paidós, 2002.
- BALL, Stephen J. *Educação global S.A.: Novas redes de políticas e o imaginário neoliberal.* Tradução de Janete Bridon. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2013.
- BARROS, José D’Assunção. **O Campo da História: especialidades e abordagens.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BANIWA, Gersem José dos Santos Luciano. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje.** Brasília: MEC/SECADI; LACED/Museu Nacional, 2019.
- BERTOTTI, Rudimar Gomes; RIETOW, Gisele. **Uma breve história da formação docente no Brasil: da criação das escolas normais às transformações da ditadura civil militar.** XI Congresso Nacional de Educação – Educere. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, de 23 a 26 de setembro de 2013.
- BIANCHINI, G.F.; GASPAR, M.D.; DEBLASIS, P.; SCHEEL-YBERT, R. **Processos de formação do sambaqui Jabuticabeira-II: interpretações através da análise estratigráfica de vestígios vegetais carbonizados.** R. Museu Arq. Etn., São Paulo, n. 21, p. 51-69, 2011.
- BOYADJIAN, Célia Helena C. e EGGERS, Sabine. **Exostose auditiva como marcador de atividade específica em populações construtoras dos sambaquis.** 2003, Anais.. São Paulo: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2003. Acesso em: 13 out. 2025.

BRASIL. Lei nº 3924, de 26 de julho de 1961. **Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos.** Diário Oficial República Federativa do Brasil, Brasília, 26 jul. 1961.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.**

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CALIPPO, Flávio. **Os sambaquis submersos do baixo Vale do Ribeira.** Revista de Arqueologia Americana, v. 26, p. 153-172, 2008.

CARDOSO, Jessica Mendes; SILVA, Renata Estevam da; ZAMPARETTI, Bruna Cataneo. **Sambaquis : uma história antes do Brasil: guia didático.** Editora Veronica Wesolowski de Aguiar e Santos. São Paulo: MAE/USP, 2019.

CAVALCANTI, Erinaldo. **História e história local: desafios, limites e possibilidades.** *História Hoje*, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 272–292, jan./jun. 2018. DOI: <https://doi.org/10.20949/rhhj.v7i13.393>.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: EDUSC, 1999.

CITTADIN, Ana Paula; CRUZ, Carla Ferreira; BOGO, Renata Lais (orgs.). **Educação patrimonial no centro histórico de Laguna.** Textos: Liliane Monfardini Fernandes de Lucena. Florianópolis: IPHAN, 2020. 38 p.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2001.

COMERLATO, Fabiana. **O legado do Pe. João Alfredo Rohr S. J.: reflexões sobre sua trajetória na arqueologia brasileira.** *Revista de Arqueologia Pública*, v. 10, p. 6–7, dez. 2014.

CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE LAGUNA. **Resolução COMED nº 02, de 14 de fevereiro de 2024: Normas para o Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Laguna.** Laguna, 14 fev. 2024. Disponível em: https://laguna.sc.gov.br/uploads/sites/142/2025/06/Ensino_Fundamental_Resolucao_COMED_n_02_2024_docx.pdf

DANTAS, Fabiana Santos. **A proteção jurídica do Meio Ambiente Cultural.** *Revista Patrimônio cultural, direito e meio ambiente: um debate sobre a globalização, cidadania e sustentabilidade*, Curitiba, Multideia, v. 1, p. 31-54, 2015.

DALL'ALBA, João Leonir. **Laguna antes de 1880: documentário.** Florianópolis: Lunardelli/UDESC, 1979.

DEMATHÉ, Alexandre. **Entre sambaquis, redes e naufrágios: arqueologia costeira no Parque Arqueológico do Sul (SC).** 2014. Dissertação (Mestrado profissional em Preservação do Patrimônio Cultural) - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,

Rio de Janeiro. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dissertacao_Alexandro_Demathe.pdf. Acesso em: 13 out. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2001. 19ª ed.

FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e ensinar História**. Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

FLORÊNCIO, Sônia Regina Rampim. **Educação patrimonial: definições, trajetória e propostas**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Power/Knowledge: Selected Interviews and Other Writings, 1972–1977**. New York: Pantheon Books, 1980.

FUNARI, P. P. A. **Arqueologia brasileira: visão geral e reavaliação**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 1, p. 23-41, 1994.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio histórico e cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

GADOTTI, M. et al. **Paulo Freire: Contribuciones para la pedagogía**. Buenos Aires: Clacso, 2008.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GASPAR, Maria Dulce. **Arqueologia, cultura material e patrimônio: sambaquis e cachimbos**. In: GRANATO, Marcus; RANGEL, Marcio F. (Orgs.). **Cultura material e patrimônio da Ciência e Tecnologia**. Rio de Janeiro: MAST/CNPq, 2009. p. 39–52.

GATTI, Bernardete A.; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: UNESCO, 2009.

GIANNINI, P. C. F.; VILLAGRAN, X. S.; FORNARI, M.; NASCIMENTO JR., D. R.; MENEZES, P. M. L.; TANAKA, A. P. B.; ASSUNÇÃO, D.; DEBLASIS, P.; AMARAL, P. G. C. **Interações entre evolução sedimentar e ocupação humana na costa centro-sul de Santa Catarina, Brasil**. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 5, n. 1, p. 105–128, jan./abr. 2010. DOI: 10.1590/S1981-81222010000100008.

GIL, Carmem Zeli de Vargas; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Práticas pedagógicas em História: espaço, tempo e corporeidade**. Erechim: Edelbra, 2012. Cap. E se não existisse História nos Anos Iniciais? p. 23-36.

GUIMARÃES, Geovan Martins; ZAMPARETTI, Bruna Cataneo; FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy de; ANJOS, Francisco Antônio dos. **Preservação e valorização dos sambaquis de Laguna-SC na perspectiva do turismo arqueológico**. In: PATRIMÔNIO CULTURAL, DIREITO E MEIO AMBIENTE: Arqueologia e Turismo Sustentável. Volume IV. Capítulo 11. DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/pcultura11>. 2021.

GOMES, Manoel Messias; GOMES, Francisco das Chagas; ARAUJO NETO, Benjamim Bento de; MOURA, Níge Dagraça de Sousa; MELO, Severina Rodrigues de Almeida; ARAUJO, Suelda Felício de; NASCIMENTO, Ana Karina do; MORAIS, Lourdes Michele Duarte de. **Reflexões sobre a formação de professores: características, histórico e**

perspectivas. *Revista Educação Pública*, v. 19, nº 15, 6 de agosto de 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/15/reflexoes-sobre-a-formacao-de-professores-caracteristicas-historico-e-perspectivas>

GOUVEIA, Álvaro Augusto dos Santos Caldas. **Considerações acerca das “cidades vivas” integrantes do Patrimônio da Humanidade.** *Revista Idéia Nova*, Recife, n. 2, p. 81-101, jan./jul. 2004.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUMBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Educação patrimonial.** Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1996.

HORA, Dinah Maria de Souza; PORTO, César Augusto. **Patrimônio arqueológico brasileiro: aspectos legais e institucionais.** *Revista de Arqueologia*, v. 13, p. 9–24, 2000.

HUBERMAN, Michael. **O ciclo de vida profissional dos professores.** In: NÓVOA, António (Org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000. p. 31-61.

HUK, João. **Entre os morros e a lagoa: Laguna cidade.** Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), 2009. Disponível em: <https://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ENTRE%20OS%20MORROS%20E%20A%20LAGUA%20-%20LAGUNA%20CIDADE%20DOCUMENTO.pdf>. Acesso em: 13 out. 2025.

IMBERNÓN, F. **Formación docente: propuestas, programas y estrategias.** Madrid: Morata, 2009.

IMBERNÓN, F. **Ser docente en una sociedad compleja: La difícil tarea de enseñar.** Barcelona: Graó, 2017.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Página - IPHAN. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1699>. Acesso em: 19 jun. 2024.

JARAMILLO, Maria Matilde Villegas. **Entre os Morros e a Lagoa: Laguna Cidade – Documento.** 2016. Dissertação (Mestrado) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro, 2016.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **O lugar do saber.** Manaus: Editora Valer, 2018.

KLOKLER, D. M. **Consumo Ritual, Consumo no Ritual: festins funerários e sambaquis.** *Revista Habitus - Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia*, Goiânia, Brasil, v. 10, n. 1, p. 83–104, 2012. DOI: 10.18224/hab.v10.1.2012.83-104. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/2483>. Acesso em: 13 out. 2025.

KLUEGER, Urda Alice. **O povo das conchas.** Florianópolis: Editora Insular, 2011.

KNEIP, André; FARIAS, Daniela dos Santos; DEBLASIS, Paulo. **Longa duração e territorialidade da ocupação sambaquieira na Laguna de Santa Marta, Santa Catarina.** *Revista de Arqueologia*, v. 31, n. 2, p. 11–40, 2018.

LAZZARINI, M. R. **Sítios arqueológicos e ensino de História: propostas pedagógicas para os anos iniciais**. São Paulo: Cortez, 2007.

Lima, C. V. A. C., Carissimi, A. C. V., & Teixeira, R. de F. B. (2023). **FORMAÇÃO DE PROFESSORES: DESAFIOS E POSSIBILIDADES**. *Cuadernos De Educación Y Desarrollo*, 15(2), 1052–1069. <https://doi.org/10.55905/cuadv15n2-007> 2023.

LITORAL DE SANTA CATARINA. **Mapa de Laguna**. Disponível em: <https://www.litoraldesantacatarina.com/laguna/mapa-de-laguna.php>. Acesso em: 25 maio 2025.

MIGNOLO, Walter. **Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política**. *Cadernos de Letras da UFF*, n. 34, p. 287-324, 2008.

MORAN, J. M. **Aprendizagem, escola e tecnologias: repensar o papel do professor na era digital**. São Paulo: Papyrus, 2015.

M.; RANGEL, M. (orgs.). **Cultura Material e Patrimônio da Ciência e Tecnologia**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins/Grupo de Pesquisa em Preservação de Acervos Culturais (MAST/M), 2009. p. 39-52.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da (orgs.). **Currículo, cultura e sociedade**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MUSEU Paraense Emílio Goeldi. *Ciências Humanas*, Belém, v. 5, p. 105-128, 2010.

McLAREN, P. **La postmodernidad y la muerte de la política: un indulto brasileño**. In: GIROUX, H.; McLAREN, P. (Eds.). **Sociedad, cultura y educación**. 1. ed. Buenos Aires: Miño y Dávila Editores, 1998.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MCBRIDE, Rob (ed.). **The In-Service Training of Teachers**. Lewes: The Falmer Press, 1989.

MENDES Cardoso, J., MERENCIO, F., VILLAGRAN, X., WESOLOWSKI, V., ESTEVAM, R., FULLER, B. T., *et al.* (2024). **Ocupação tardia de sambaquis no sul do Brasil: Um estudo multiproxy do sítio arqueológico Galheta IV**. *PLoS ONE*, 19(3), e0300684. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0300684>

MIGNOLO, Walter D. **The darker side of Western modernity: global futures, decolonial options**. Duke University Press, 2009.

MORENO, João Carlos; MINGATOS, Gabriela Sartori; OKUMURA, Mercedes. **Registro, análise e implicações interpretativas de uma ponta lítica bifacial pedunculada encontrada no conchífero monumental do Sambaqui de Cabeçuda, município de**

Laguna, Santa Catarina. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n. 41, p. 165–179, 2023.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Educa, 2009. Disponível em: https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD_A_Novoa.pdf. Acesso em: 22 mar. 2025.

NORA, Pierre. **Lugares de memória (Les lieux de mémoire)**. Paris: Gallimard, 1993.

PACHECO, Eliane; MORAES, Vanda; ZANON, Elisa R. **Educação Patrimonial: da teoria à prática**. Londrina: UNIFIL, 2009.

PEREIRA, M.; BIANCHEZZI, C. **O Ensino de História nos anos iniciais do ensino fundamental**. *Fronteiras: Revista Catarinense de História*, n. 25, p. 87-102, 5 jun. 2018.

PEREIRA, Maria da Piedade Rolo; CARDOSO, Ana Paula Pereira Oliveira. **A escola e a educação patrimonial: perspectivas de intervenção**. *Millenium - Journal of Education, Technologies, and Health*, n. 45, p. 107-114, 2012. Disponível em: Acesso em: 23 mar. 2025.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores: identidade e saberes da docência**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

POPKIEWITZ, T. S. **Sociología política de las reformas educativas**. Madrid: Morata, 1994.

POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI: do monumento aos valores**. São Paulo: Estação da Liberdade, 2009.

PRATS, Llorenç. **Antropología y patrimonio**. Barcelona: Ariel, 1998.

PROUS, A. 1992. **Arqueologia Brasileira**. Brasília, Editora Universidade de Brasília.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGUNA. **Governo Municipal e Iphan se reúnem com moradores de Cabeçuda para solucionar regularização de casas em sítios arqueológicos**. Laguna SC, Prefeitura, 2025. Disponível em: <https://laguna.sc.gov.br/noticia-542043/>. Acesso em: 9 ago. 2025.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad y modernidad/racionalidad**. *Problemas del desarrollo*, v. 26, n. 104, p. 167-218, 2005.

SCHEEL-YBERT, Rita; RODRIGUES-CARVALHO, Claudia; BLASIS, Paulo Antonio Dantas de; GASPARELLO, A. M.; KLOKLER, Daniela Magalhães. **Mudanças e permanências no Sambaqui de Cabeçuda (Laguna, SC): das escavações de Castro Faria às questões atuais**. *Revista de Arqueologia*, v. 33, n. 1, p. 169-197, 2020.

SCHMIDT, M. A. **O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica**. In MONTEIRO, A. M.; GASPARELLO, A. M.; MAGALHÃES, M. de S. (Org). *Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

SCHÖN, Donald A. *The reflective practitioner: how professionals think in action*. New York: Basic Books, 1983.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Can the Subaltern Speak?* In: NELSON, Cary; GROSSBERG, Lawrence (orgs.). *Marxism and the Interpretation of Culture*. Urbana: University of Illinois Press, 1988. p. 271–313.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2014.

TELES, Nayra. Site Olhar Digital. *Povo perdido do Brasil não desapareceu totalmente, revelam indícios arqueológicos*. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2024/03/26/ciencia-e-espaco/povo-perdido-do-brasil-nao-desapareceu-totalmente-revelam-indicios-arqueologicos/>. Acesso em: 14 dez. 2024.

TENÓRIO, M. C. *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1999.

VELLOSO, Luciana. *Uma análise dos Parâmetros Curriculares de História para o Ensino Fundamental: propostas e possibilidades*. *Dia-Logos*, Rio de Janeiro/RJ, n. 6, p. 101-109, out. 2012.

ZAMPARETTI, Bruna Cataneo. *Sambaqui Cabeçuda 01: um território resiliente*. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – UNISUL, Tubarão, 2014.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

APÊNDICE A - Infográficos com as vivências pedagógicas dos/as professores/as

A seguir, apresentamos representações visuais que resumem o percurso educativo trilhado pelos professores durante a implementação do projeto de formação sobre os sambaquis nos anos iniciais. Esses infográficos foram criados para facilitar o entendimento e o acesso à variedade de atividades que foram realizadas em cada fase do aprendizado.

Cada um desses infográficos procura ilustrar, de forma gráfica, os pontos principais das atividades realizadas tanto dentro da sala de aula quanto em outros ambientes, como visitas a campo e interações com a comunidade local. As experiências foram organizadas para destacar o propósito pedagógico, os materiais empregados, os temas explorados, o conhecimento adquirido e as dificuldades encontradas pelos professores.

Além de simplificar a visualização das informações, os infográficos servem como ferramentas para analisar e refletir sobre as abordagens utilizadas, promovendo a organização das práticas e a troca de conhecimentos entre os educadores. Ao transformar essas vivências em imagens, o objetivo é também reconhecer o papel fundamental dos professores na criação de uma forma de ensino de História que seja crítica, contextualizada e atenta às particularidades locais desde os primeiros anos escolares.

PREFEITURA DE
LAGUNA

E.E.B José de Souza Guimarães

3º, 4º E 5º ANO

FIGUEIRA

**Estudantes na Aldeia TEKOA
MARANGATU IMARUÍ**

**OS POVOS
ORIGINÁRIOS E A
IMPORTÂNCIA DA
VALORIZAÇÃO DA
NOSSA HISTÓRIA**

O projeto teve como foco o estudo dos povos originários nos componentes de História e Geografia, contou com uma visita à aldeia indígena Tekoa Marangatu, onde os estudantes vivenciaram práticas culturais como oficinas de pintura e artesanato, trilhas e momentos de escuta com os moradores. A atividade promoveu o respeito à diversidade, a desconstrução de estereótipos e o fortalecimento de uma educação mais inclusiva e sensível, impactando tanto o aprendizado dos estudantes quanto a prática docente dos professores envolvidos.

**Professores: Jurandir M. Marques Junior,
Elias M. da Silva, Rodrigo V. da Rosa.**



PREFEITURA DE

LAGUNA

**E.E.B. Vereador JURANDIR
PEREIRA DOS SANTOS**
5º ANO
CIGANA



Estudantes em saída de estudos
ao sambaqui da comunidade



ENTREVISTA
REALIZADA COM O
SENHOR NEVERALDO
SOBRE O SAMBAQUI E
AS CAIEIRAS
CARNIÇA I
(CAMPO VERDE)



A professora Rosane Valério Fidelix desenvolveu com a turma do 5º ano uma atividade investigativa sobre o sambaqui Carniça I, localizado na comunidade de Campo Verde. Os estudantes elaboraram perguntas e realizaram uma entrevista com o senhor Neveraldo, morador local e conhecedor da história do sítio arqueológico. A partir do relato, construíram cartazes com as informações coletadas, modelaram zoólitos em argila, promovendo o conhecimento sobre os povos pré-coloniais e fortalecendo vínculos com a memória e o patrimônio cultural da região.

PROFESSORA: ROSANE VALÉRIO FIDELIX.





PREFEITURA DE

LAGUNA

EEB COMANDANTE MOREIRA

4º E 5º ANO
CAMPO VERDE

Estudantes montando a maquete e realizando a simulação de um sítio arqueológico



VIAGEM NO TEMPO
E NO ESPAÇO:
DESCOBRINDO O
BRASIL E A HISTÓRIA
PRÉ-COLONIAL DO
SUL DE SANTA
CATARINA



Na E.E.B. Comandante Moreira, a professora Ângela C. F. Antonio, integrou os componentes de História, Geografia e Ciências. A atividade teve como foco o estudo de casos sobre a relação entre sociedade e meio ambiente, com destaque para os sambaquis do Farol de Santa Marta. As crianças foram protagonistas em experiências significativas como produção de maquetes, simulações de sítios arqueológicos e encenações históricas. O projeto proporcionou aprendizagens contextualizadas sobre a história local e contribuiu para uma prática docente mais rica e integrada.

Professora ÂNGELA C. F. ANTONIO



EEB ELIZABETH ULLYSSÉA ARANTES

**5º ANO
PORTINHO**

Saída de Estudos ao Sambaqui Cabeçuda I

**SAMBAQUI DE
CABEÇUDA:
VESTÍGIOS DO
PASSADO E
VALORIZAÇÃO DO
PATRIMÔNIO
ARQUEOLÓGICO
LOCAL**

Na E.E.B. Elizabeth Ulysséa Arantes, a professora Kelly Regina da Silva Alfonso desenvolveu com a turma do 5º ano o projeto interdisciplinar "Sambaqui de Cabeçuda: vestígios do passado e valorização do patrimônio arqueológico local", integrando os componentes de Português, História, Geografia e Ensino Religioso. A proposta, inspirada na formação continuada sobre os sambaquis, proporcionou aos estudantes uma imersão na história dos povos originários e na valorização do território em que vivem. As atividades culminaram na produção de textos, reflexões, jogos e representações visuais, promovendo o protagonismo estudantil e o reconhecimento do patrimônio cultural como parte da identidade local. Uma revista foi confeccionada com as atividades desenvolvidas.

Professora KELLY REGINA DA SILVA ALFONSO



PREFEITURA DE

LAGUNA

EEB CUSTÓDIO FLORIANO DE CÓRDOVA

4º E 5º ANO

PASSAGEM DA BARRA



Modo de vida dos povos das conchas -
Ilustração dos estudantes

"OS SAMBAQUIS DE LAGUNA"

Na Escola de Educação Básica Custódio Floriano de Córdoba, a professora Janaina Rodrigues da Silva desenvolveu com as turmas do 4º e 5º ano o projeto "Os Sambaquis de Laguna", integrando os componentes de História e Ensino Religioso. A proposta incentivou os estudantes a se tornarem investigadores do próprio território, despertando curiosidade e engajamento ao descobrirem a riqueza histórica próxima de suas casas. As atividades incluíram pesquisas, relatos, produção de desenhos, confecção de zólitos e construção de uma maquete representando o sítio arqueológico. Apesar das condições climáticas terem impedido a visita presencial ao sambaqui, algumas famílias realizaram visitas por conta própria, o que fortaleceu o vínculo entre escola e comunidade. A formação contribuiu significativamente para a prática docente, ao valorizar a história local de forma leve, afetiva e participativa.



Professora Janaina Rodrigues da Silva

PREFEITURA DE
LAGUNA

**E.E.B. Prof.^a Iracy Virginia
Rodrigues**
5º ANO
BARRANCEIRA

Momento de escuta do Conto, a luz de vela,
com fundo musical, turma de 4º ano 2024

OS POVOS DAS CONCHAS

O projeto interdisciplinar "Os Povos das Conchas", integrou História, Ensino Religioso e Língua Portuguesa. Inspirada por uma formação sobre os sambaquis, a docente propôs atividades sensíveis e criativas que aproximaram os estudantes da história dos povos pré-coloniais. A experiência incluiu contação de histórias à luz de velas, construção de personagens, leitura coletiva do livro de Urda Alice Klueger, produção de zoólitos em argila, rodas de conversa, ilustrações e confecção de capas simbólicas com areia, carvão e pedrinhas. A culminância se deu com a criação da "Sacola Viajante", que permitiu às crianças compartilharem com suas famílias o conhecimento adquirido, fortalecendo os laços com seu território e promovendo o pertencimento cultural. A experiência foi profundamente transformadora, tanto para a prática pedagógica quanto para o vínculo afetivo com a história local.

Professora Yane Cardoso Mokos

APÊNDICE B: REGISTROS FOTOGRÁFICO DE TODO PROCESSO DA FORMAÇÃO CONTINUADA E REVISTA PEDAGÓGICA SOBRE OS SAMBAQUIS.

REGISTROS FOTOGRÁFICOS

A seguir, apresentaremos o registro fotográficos das etapas do curso de formação, elaboração das atividades e confecção da Revista Pedagógica: Sambaquis de Laguna







Primeiro encontro com os/as professoras. Foi um momento especial pensado para fundamentar conceitos e teoria, mas já apresentando atividades práticas com uso de tecnologia.




UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

PROEXT-PG

REGISTROS FOTOGRÁFICOS

A seguir, apresentaremos o registro fotográfico das etapas do curso de formação, elaboração das atividades e confecção da Revista Pedagógica: Sambaquis de Laguna



2º

ENCONTRO DE FORMAÇÃO Continuada

Explorando o Museu Aníbal Garibaldi e a Casa Candemil

Venha descobrir os mistérios dos sambaquis! Participe da nossa visita ao Museu e Casa Candemil de Laguna e explore uma incrível coleção arqueológica. Uma oportunidade única para que seus estudantes do 4º e 5º ano vivenciem a história e o patrimônio cultural de nossa região!

CONVIDADA
Professora Joice de Souza Avelina Costa

MEDIADORA
Museóloga Mirella Honorato

9 de outubro de 2024
9h LOCAL DE ENCONTRO:
IPHAN, LAGUNA.

EXPLORAR, ENTENDER E VALORIZAR O PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO DESDE A SALA DE AULA

Programa de Extensão "Programas de Pós-Graduação com as Escolas" - PROEX/UFSC
Projeto de Extensão "Vozes decoloniais na escola: saberes interculturais para a transformação social" - PROEX/UFSC



Encontro especial, abordamos sobre a relação dos povos construtores de sambaquis com a natureza. A crença da vida após a morte e oficina de zoólitos. A revista começa a ganhar forma.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA



REGISTROS FOTOGRÁFICOS

A seguir, apresentaremos o registro fotográfico das etapas do curso de formação, elaboração das atividades e confecção da Revista Pedagógica: Sambaquis de Laguna

3º Encontro de Formação SAMBAQUIS

29/05/2025

9h

QRcode do link da reunião no meet

Reunião Formativa Sambaquis

Pauta: Saída de Estudos aos Sambaquis do Farol de Santa Marta dia 26/06

Departamento Pedagógico
SEDUC Laguna



IPHAN Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Página inicial - Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA)

Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA)

Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos CNSA / SGPA

O Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos CNSA / SGPA apresenta os sítios arqueológicos brasileiros cadastrados no IPHAN, com todo o detalhamento histórico e técnico e cultural dos Sítios Arqueológicos.

Para obter a Ficha para Registro de Sítios Arqueológicos, consulte os termos de Referência (TR) nº 241, de 19/10/1992 e que define o modelo oficial, suas regras e bases do programa. O aplicativo funciona com o programa Arqueos. Para obter os arquivos que possuem as tabelas do CNSA, as instruções de instalação e funcionamento. Disponibilizamos também a ficha modelo oficial para procedimentos manuais e a planilha de registro para a ficha em Excel e para o e-mail registroempregados@iphan.gov.br.

Consulta sobre Sítios Arqueológicos

Preencha obrigatoriamente o estado:

Município:

Estado:

Nome do sítio:

Responsável:

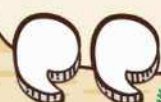
Histórico: ☐

Pré-Colonial: ☐

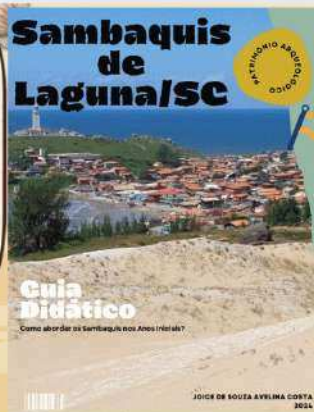
De Contato: ☐



Encontro remoto, apresentação da página do IPHAN sobre os sítios arqueológicos da região, socialização de algumas atividades desenvolvidas que foram incluídas na revista. Primeira capa da revista ao lado.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA



GUARDIÃO DE PEDRAS

"Vozes dos Zoolitos e Sambaquis"

Nos sambaquis, bem pertinho das marés,
Vivem pessoas que sabem contar.
Esculpindo pedras, com muito cuidado,
Nascem zoolitos, em forma sagrada.

Pedras, pedras, mas não são,
Em cada pedrinha, um jeito de contar.
Histórias de povos que ali construíram,
Seus sonhos, seus mitos, o que eles sentiram.

Com pedras duras, mãos a trabalhar,
Faziam magia, sem poder de esculpir.
Olavam estrelas que podiam guiar,
O espírito, no céu, para longe partir.

Em um zoolito, o que vão dizer?
Sobre o amor, pela terra e pelo viver?
Quem sabe eles guardam segredos de um mundo,
Que hoje é só ficção, mas foi tão profundo.

Então, vamos juntos imaginar,
Como era o sambaqui, já não sei mais?
Com zoolitos nas mãos, vamos desvendar,
A história que o tempo que nos trouxe aqui.

Crédito: Joyce de Souza Avelina Costa
Poema dos Sambaquis

REGISTROS FOTOGRÁFICOS

A seguir, apresentaremos o registro fotográfico das etapas do curso de formação, elaboração das atividades e confecção da Revista Pedagógica: Sambaquis de Laguna




4º

ENCONTRO DE FORMAÇÃO Continuada

O Patrimônio Arqueológico dos Sambaquis de Laguna/SC como ponte para o Ensino de História nos Anos Iniciais (4º e 5º Anos)

CONVIDADA
Professora Joice de Souza Avelina Costa

EXPLORAR, ENTENDER E VALORIZAR O PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO DESDE A SALA DE AULA

08 de abril de 2025
8:30h UDESC. LAGUNA.

PROJETO HISTÓRIA
Programa de Extensão "Programas de Pós-Graduação com as Escolas" - PROEX/UFSC
Projeto de Extensão "Vozes decisórias na escola: saberes interculturais para a transformação social" - PROEX/UFSC

PROJETO DE LAGUNA
Construindo um novo tempo



Diálogo sobre as ações planejadas com os estudantes nas escolas e organização das atividades que serão socializadas na Mostra Pedagógica de Julho/2025.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA



REGISTROS FOTOGRÁFICOS

A seguir, apresentaremos o registro fotográfico das etapas do curso de formação, elaboração das atividades e confecção da Revista Pedagógica: Sambaquis de Laguna



Sambaquis
Saída Pedagógica:
Sambaquis do Farol de Santa Marta
26/06/2025
 7:30h - Saída do Comercial Tordesilhas
 8:30h - Previsão de chegada aos Sambaquis Santa Marta I e II
 10h - Visita ao Farol de Santa Marta
 11h - Retorno
 14h - IPHAN - Mediação sobre Patrimônio Material e Imaterial
 15h Encerramento



Dois momentos especiais: Saída de estudos aos sambaquis, apresentação do patrimônio arqueológico de Laguna pelos arqueólogos Pedro (IPHAN) Geovan (UNISUL/GRUPEP)



REGISTROS FOTOGRÁFICOS

A seguir, apresentaremos o registro fotográfico das etapas do curso de formação, elaboração das atividades e confecção da Revista Pedagógica: Sambaquis de Laguna



RAIZES SAMBAQUI
A história entre as conchas

CONVITE

É com grande prazer que convidamos você para a exibição do primeiro episódio da série documental Raizes: "Sambaqui, a história entre as conchas".

Este projeto tem como objetivo valorizar e difundir o patrimônio cultural do Sul de Santa Catarina, contribuindo para a preservação da nossa memória e identidade.

Sua presença é muito importante para fortalecer esta iniciativa.

Contamos com você!

Data: 15 de Julho de 2025
Horário: 19H
Local: Cine Teatro Mussi

PROMOÇÃO E REALIZAÇÃO

MUNICÍPIO DE JARAGUÁ LAGUNA
GOV. GUSTAVO
GOV. LUIZ CLAUDIO LACERDA
RAIOL
UNISUL
LAGUNA
HISTÓRIA



Participação em lançamento de Documentário sobre os Sambaquis. Os professores cursistas, juntamente com as turmas que lecionam, participaram da estreia do Documentário: Sambaqui, a história entre as conchas do professor e historiador Geovan Guimarães.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA



PROEXT-PG



REGISTROS FOTOGRÁFICOS

A seguir, apresentaremos o registro fotográfico das etapas do curso de formação, elaboração das atividades e confecção da Revista Pedagógica: Sambaquis de Laguna



Durante a formação, quando os professores solicitavam apoio, por vezes, realizei oficinas nas escolas e acompanhei turmas nos sítios arqueológicos de Laguna.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA



REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Culminância do Curso Mostra Pedagógica: Sambaquis de Laguna



Convite Especial
Sambaquis
Mostra Pedagógica:
O Patrimônio Arqueológico dos Sambaquis nos Anos Iniciais

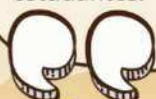
Mesa de debate com Liderança Indígena, Arqueólogos da Unisul e IPHAN, Coordenadora do Projeto Vozes Decoloniais (UFSC), Socialização de Experiências dos Professores da Rede Municipal, Apresentação Cultural e Lançamento da revista temática dos Sambaquis

21 de julho - 9h - Auditório II - UDESC - Laguna

Você é nosso convidado(a) Especial!

Logos: LAGUNA, IPHAN, UDESC, HISTÓRIA, VOZES DECOLONIAIS DA ESCOLA

Socialização das atividades desenvolvidas nos 5 meses de curso de extensão. A Mostra foi linda, emocionante e reflexiva. Os trabalhos expostos foram produzidos pelos professores cursistas e seus estudantes.



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

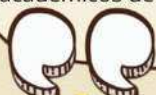


REGISTROS FOTOGRÁFICOS

**Momentos especiais das formações sobre os Sambaquis de Laguna:
Parcerias com a Prefeitura de Laguna, Unisul, Grupep, IPHAN e Guias
Locais de Turismo**



Ao longo dos meses de pesquisa e formação, vivenciamos muitos momentos de afetividade, aprendizado e reflexões. Envolvermos o Grupo de Arqueologia da Unisul/Escritório do IPHAN de Laguna, guias locais participaram das formações como ouvinte, além da participação efetiva de acadêmicos de Pedagogia - UFSC (PETI)



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**



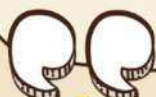
REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Divulgação do Projeto e Revista Educativa sobre os Sambaquis de Laguna: Mídias e eventos



jornaldelaguna LIVE DE LANÇAMENTO REÚNE AUTORES DE OBRAS DECOLONIAIS E DESTACA REVISTA SOBRE OS SAMBAQUIS DE LAGUNA - No próximo dia 30 de outubro, das 19h às 21h, o projeto de extensão Vozes Decoloniais na Escola, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), promove uma live especial de lançamento de livros e revistas decoloniais. A transmissão será feita pelo canal no YouTube Estudos e Ações Decoloniais - UFSC, e contará com sorteio de livros ao longo do evento. Entre as produções apresentadas, ganha destaque a revista da professora Joice de Souza Avelina Costa, que traz como tema os sambaquis de Laguna, uma proposta que emerge de sua pesquisa de mestrado em Ensino de História. A publicação reflete sobre o ensino, o patrimônio arqueológico e as memórias ancestrais que habitam o território lagunense, valorizando as vozes e saberes silenciados ao longo da história. A noite também será marcada por diálogos potentes com Vladimir O'mirê Motta e Danielle Munduruku, reconhecidos por suas contribuições à educação, à ancestralidade e à decolonialidade: "É uma alegria poder compartilhar essa revista, que nasce da minha trajetória e do desejo de aproximar os estudantes das memórias e histórias que formam nossa região", comenta Joice. [menos](#)

Divulgação da pesquisa e revista em mídias da cidade de Laguna. Live de lançamento oficial do material. Foto 2: Professora Adriana, coordenadora do Projeto de Extensão Vozes Decoloniais na Escola.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA



REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Participação em eventos e apresentações sobre o curso de formação de professoras e revista educativa: Sambaquis de Laguna



Durante os anos de 2024 e 2025 participamos de feiras (PROEXT-PG), palestra no curso de Pedagogia UFSC, encontro com a escritora Urda Klueger, pesquisa os sambaquis, minha inspiração desde a adolescência e quem leu em primeira mão a primeira versão da revista. Fotos 1 e 2: Apresentação do projeto de pesquisa - nov./2024 - ProfHistória. Momentos de trocas e muito aprendizado.



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA



REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Atividades realizadas nas escolas durante o Curso de Formação sobre os Sambaquis de Laguna



Notícias

Professores da Rede Municipal participam de formação sobre o patrimônio arqueológico de Laguna

27 de junho de 2025 61 visualizações

Professores dos Anos Iniciais da Rede Municipal de Ensino de Laguna participaram, nesta quinta-feira (27), de uma formação imersiva dedicada ao patrimônio arqueológico do município. A atividade faz parte do programa de formação continuada iniciado em 2024, organizado pelas educadoras Jamille Militão e Joice Costa, em parceria com a Universidade Federal de



As atividades desenvolvidas estimularam as habilidades manuais, de pesquisa, tecnologia, saídas de estudos aos sambaquis e aldeia guarani da região. Os professores demonstraram criatividade, envolvimento e nos deu esperança que a educação realmente pode transformar a sociedade!



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA



ANEXO A – REVISTA EDUCACIONAL: SAMBAQUIS NO ENSINO DE HISTÓRIA

A Revista Educacional foi pensada ao longo do curso de formação continuada. Os professores participantes traziam ideias e relataram temáticas que gostariam de abordar nas aulas de forma interdisciplinar. Foi organizando textos, sugestões de atividades que já realizava nas minhas aulas de história que surgiu esse material lindo que tenho muito afeto.

A revista não fazia parte da dimensão propositiva da dissertação a priori, foi criada ao longo do percurso para orientar os professores cursistas e foi criando forma a cada encontro, novas ideias, dificuldades em articular algumas temáticas etc. Portanto, o anexo a seguir, faz parte de uma construção coletiva que trouxe muitos frutos, inclusive uma das professoras, elaborou uma revista com os estudantes sobre o Sambaqui Cabeçuda I. A proposta direciona atividades que podem ser utilizadas com os estudantes. Todas as atividades foram mediadas pela professora Kelly Alfonso, mas pensada e elaborada pelos estudantes. A seguir, anexo a revista pedagógica elaborada no Mestrado Profissional dentro do curso de formação continuada e a revista confeccionada por estudantes do 5º ano da EEB Elizabeth Ulysea Arantes.

Anexei também o template dos relatos apresentados pelos seis professores que socializaram suas vivências na Mostra Pedagógica como forma de culminância do curso de extensão, que é a dimensão propositiva da pesquisa.

Agradeço ao projeto de Extensão Vozes Decoloniais na Escola e a pessoa da professora Adriana, coordenadora do projeto por terem subsidiado as impressões das revistas que foram doadas para a rede municipal de ensino de Laguna. Agradeço a minha amiga Jamille Militão pelo incentivo e parceria na formação, aprendi muito contigo! Que o material seja um estímulo para os professores que atuam no chão da sala de aula e que tem toda nossa admiração. O trabalho de vocês é essencial, pedagogos e pedagogas, vocês são aqueles que plantam esperança, sonhos e inspiram nossas crianças.

O material a seguir foi elaborado com todo carinho.

SAMBAQUIS DE LAGUNA/SC

PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO



REVISTA EDUCATIVA

Ensino de História e Interdisciplinaridade:
Como abordar os Sambaquis nos Anos Iniciais?

PROFESSORA JOICE DE SOUZA AVELINA COSTA



**VOZES DECOLONIAIS
NA ESCOLA**

**SABERES INTERCULTURAIS
PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL**



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**
Pró-Reitoria de Extensão - PROEX



PROFHISTÓRIA
HISTÓRIA E INTERDISCIPLINARIDADE
EM ENSINO DE HISTÓRIA

EQUIPE TÉCNICA

Editora Joice de Souza Avelina Costa

Pedagoga, Professora de História, Sociologia, Artes Visuais e Ensino Religioso. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (PROFHISTÓRIA-UFSC) e membra do Projeto de extensão UFSC: Vozes Decoloniais na Escola.

Coordenadora Adriana Angelita da Conceição

Coordenadora do Projeto de Extensão Vozes Decoloniais na Escola. Docente no departamento de Metodologia de Ensino (MEN-UFSC) e no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTORIA.

Orientador Sandor Fernando Bringmann

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (PROFHISTÓRIA-UFSC). Subcoordenador do curso de Licenciatura Intercultural Indígena (LII-UFSC). Pesquisador colaborador do Laboratório de História Indígena (LABHIN-UFSC). Membro do Instituto Memória e Direitos Humanos (IMDH-UFSC).

Projeto de extensão - UFSC

O Projeto de Extensão “Vozes decoloniais na escola: saberes interculturais para a transformação social” integra o Programa de Extensão da Educação Superior na Pós-Graduação - PROEXT-PG - CAPES/SESU e foi contemplado com financiamento do edital n. 03/2024/PROPG/PROEX/PROEXT-PG 2024. O referido projeto tem como objetivo principal contribuir com a Formação Continuada e Permanente de docentes da Educação Básica Pública em Santa Catarina, a partir de oficinas/projetos que promovam o aprimoramento das relações entre saberes acadêmicos e tradicionais, envolvendo os seguintes temas: Ensino de História, Pedagogias Decoloniais, Ecopedagogias, Educação para as Relações Étnicos Raciais - ERER, História Indígena e Movimentos Sociais. Nosso público-alvo são docentes que atuam na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio das redes públicas municipais e estaduais de Santa Catarina. Deste modo, a Revista Educativa “Ensino de História e Interdisciplinaridade: como abordar os Sambaquis nos Anos Iniciais”, integra o projeto de pesquisa “Sambaquis de Laguna/SC como Possibilidade na Formação de Professores dos Anos Iniciais: Ensino de História e Patrimônio Arqueológico” que ocorre por meio de oficinas e integrado ao Projeto de Extensão apresentado acima, contribuindo com a Secretaria Municipal de Educação de Laguna na implementação de uma formação continuada voltada aos (às) professores (as) dos anos iniciais.

ProfHistória - UFSC

O Mestrado Profissional em Ensino de História (Profhistória) é um programa de pós-graduação stricto sensu que qualifica professores da educação básica, unindo teoria e prática para aprimorar o ensino de História. Coordenado pela UFRJ e oferecido por várias instituições no Brasil, o programa fomenta debates historiográficos, incentiva metodologias inovadoras e valoriza a diversidade de narrativas. Além disso, fortalece a relação entre universidade e escola, promovendo uma educação histórica crítica e alinhada aos desafios contemporâneos.

CONTATO COM A AUTORA:

(48) 99659-3468

JOICEAVELINACOSTA@GMAIL.COM

DA EDITORA

O QUE ME MOTIVA

Os sambaquis estão inseridos nas minhas vivências há mais de vinte anos. Na educação básica, na pós graduação e nas minhas vivências no chão da sala de aula, essa temática me encanta e me faz perceber sua potencialidade para ensinar o patrimônio arqueológico de Laguna e a história das populações indígenas de longa duração. No Mestrado Profissional em Ensino de História, pensando a temática que seria abordada na dissertação e na dimensão propositiva, ficou latente a importância de trabalhar os Sambaquis de Laguna na Formação de Professores dos Anos Iniciais. Docentes e colegas ao perceberem meu amor pelos sambaquis, me incentivaram a compartilhar com os demais educadores as experiências, ideias e possíveis caminhos metodológicos para trabalhar o tema em sala de aula.

Para o Ensino de História, os vestígios humanos encontrados nos sambaquis nos dão suporte para entender as populações originárias antes da chegada dos europeus, valorizando a história das populações indígenas no contexto decolonial, permitindo uma visão mais inclusiva e diversificada da história local. Este material foi elaborado com muito carinho, pensando na formação continuada para professores (as) dos Anos Iniciais. Espero contribuir para o desenvolvimento de novas práticas, ensinando história de maneira mais crítica e contextualizada. Buscamos promover uma abordagem pedagógica múltipla, que vá além dos conteúdos tradicionais, permitindo que os (as) estudantes compreendam a diversidade e complexidade do passado de sua região. Tenha uma boa leitura e aproveite com muito entusiasmo as atividades apresentadas! Com carinho, Joice de Souza Avelina Costa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)



Atribuição Não Comercial (CC BY-NC)

Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.

Projeto Gráfico:
Joice de Souza Avelino Costa
Camila Argenta

Diagramação:
Camila Argenta

Capa: Sambaqui Santa Marta I
Crédito: Aline Lima

Sambaquis de Laguna/SC : revista didática : ensino de história e interdisciplinaridade : como abordar os sambaquis nos anos iniciais? / Joice de Souza Avelina Costa ; coordenadora Adriana Angelita da Conceição ; orientador Sandor Fernando Bringmann. -- 1. ed. -- Laguna, SC : Ed. da Autora, 2025. -- (Guias didáticos para os anos iniciais) Outros autores: Rafaela Ludwinsky, Aldo Lis, Gisele Rodycz, Larissa Trierveiler-Pereira, Natalia Hanazaki.

Bibliografia.
ISBN 978-65-01-18665-8

1. Cultura indígena 2. História (Ensino fundamental) 3. Professores - Formação 4. Sambaquis - História I. Costa, Joice de Souza Avelina. II. Conceição, Adriana Angelita da. III. Bringmann, Sandor Fernando. IV. Série.V. Trierveiler-Pereira, Larissa. VI. Hanazaki, Natalia.

25-260261

CDD-579.5

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415
Índices para catálogo sistemático:

1. Professores : Formação : Educação 370.71

SAMBAQUIS NO ENSINO DE HISTÓRIA - ANOS INICIAIS

DESVENDANDO O PASSADO 5

MODOS DE VIDA NOS SAMBAQUIS 7

OS SAMBAQUIS - PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO 14

PROPOSTAS EDUCATIVAS 18

REFERÊNCIAS 35



DESVENDANDO O PASSADO

“Os Sambaquis como Pontes para a História nos Anos Iniciais - Explorar, Entender e Valorizar o Patrimônio Cultural Brasileiro desde a Sala de Aula.”

VAMOS ENTENDER MELHOR O QUE SÃO OS SAMBAQUIS?

Há mais de seis mil anos, grupos humanos se instalaram no litoral catarinense e deixaram, como testemunhos de sua passagem, sítios arqueológicos conhecidos como Sambaquis (palavra que deriva do tupi tamba= concha/marisco e ki= amontoado). Há sambaquis do litoral catarinense que efetivamente se configuraram como montes de conchas, e alguns chegaram a ter 30 metros de altura, estando entre os maiores do mundo.



Para além das conchas estes sítios são compostos por diferentes tipos de sedimento, ossos de animais aquáticos e terrestres, ossos humanos e uma grande diversidade de artefatos e estruturas fabricadas, utilizadas e descartadas pelas pessoas que ocuparam estes locais. Hoje sabemos também que estes sítios, com estas diferentes configurações foram construídos intencionalmente pelas pessoas que ali viviam, estando relacionados a suas atividades cotidianas; alguns deles são considerados exclusivamente sítios cemitérios.

Fonte: Museu UFSC.





Aquarela e nanquim. Crédito: Milena Carolina Rankel.

MODOS DE VIDA NOS SAMBAQUIS

COLABORAÇÃO: MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DO PARANÁ - UFPR

A intencionalidade na construção de sambaquis já é algo consensual entre os pesquisadores da área. Esses sítios não são meros acúmulos de restos alimentares, mas verdadeiras construções. As conchas aparecem tanto como materiais construtivos, para dar estabilidade e volume ao sambaqui, quanto como vestígios ligados a práticas simbólicas. Na maioria das vezes, essas duas utilidades das conchas convivem, de maneira conjunta e inseparável.



Sambaqui Ipuã. Crédito: Jéssica M. Cardoso.

DINÂMICA SOCIAL

.....
SUSPEITA-SE QUE PODERIAM
APRESENTAR ORGANIZAÇÕES
SOCIOPOLÍTICAS SEMELHANTES
AOS GRUPOS AGRÍCOLAS ATUAIS,
ORGANIZADOS EM CHEFATURAS
E CACICADOS.
.....



As variações das formas e tamanhos dos sambaquis são reflexos de aspectos sociopolíticos, tempo de ocupação e densidade demográfica, o que demonstra uma complexidade, em termos de organização social, dos povos sambaquieiros.

Podemos observar, principalmente nos sambaquis de maiores proporções, um processo contínuo de sedentarização e adensamento demográfico. Suspeita-se que poderiam apresentar organizações sociopolíticas semelhantes aos grupos agrícolas atuais, organizados em chefaturas e cacicados, envolvendo questões de desigualdade social, hierarquias e lideranças formalmente estabelecidas.

Nos sambaquis também podem ser encontrados sepultamentos associados a itens que indicam aspectos da existência de status sociais diferenciados - como na presença de diferentes acompanhamentos funerários associados a cada indivíduo. Autores defendem que as sociedades sambaquieiras possuíam aspectos sociais bastante elaborados, e vestígios ósseos demonstram até marcadores de estresse fisiológico em alguns indivíduos, o que demonstra que havia, provavelmente, diferenciações nas atividades realizadas pelas pessoas.

Fonte: MUSEU DE ARQUEOLOGIA E
ETNOLOGIA DA UFPR.

Imagem: Sambaquis. Crédito: Martha Werneck

INTERAÇÃO COM O MEIO

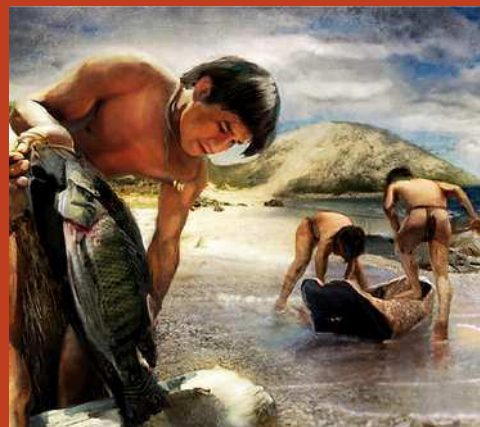
DIVERSIDADE

VIVER EM UM AMBIENTE DIVERSO POSSIBILITAVA QUE AS FONTES DE ALIMENTAÇÃO FOSSEM MÚLTIPLAS E ABUNDANTES.

O ambiente no qual os Sambaquis são encontrados mudou muito ao longo do tempo. No período de 8.000 a 6.000 anos atrás as temperaturas foram aumentando, até que por volta dos 5.000 anos atrás houve um declínio no nível de sal do ambiente, o que possibilitou a formação dos pântanos e banhados.

Houve também um aumento de temperatura, o que criou condições climáticas favoráveis que contribuíram para a expansão do número de espécies tropicais, tornando-as mais próximas às que temos hoje. A subsistência de grupos que não utilizavam a agricultura dependia fortemente da caça, da pesca e da coleta. Então, viver em um ambiente diverso possibilitava que as fontes de alimentação fossem múltiplas e abundantes.

Nos sambaquis, essa diversidade era observada na ampla quantidade



de espécies de animais aquáticos que compunham a alimentação dos grupos que o habitavam - que incluía não só uma grande infinidade de peixes e moluscos, mas também de mamíferos marinhos, como golfinhos e até baleias. Além da fauna de ambientes aquáticos, também são encontradas diversas aves e mamíferos terrestres como porcos do mato e ratões do banhado.

Essa diversidade encontrada entre as camadas arqueológicas do sambaqui é um indicativo não apenas de uma alimentação múltipla e abundante, como também um indicativo de uma relação deveras conectada entre a população e o meio ambiente.

FONTE: MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DA UFPR.

Imagem: Sambaquis. Crédito: Martha Werneck

IMAGINÁRIOS DOS SAMBAQUIEIROS



Muitos objetos encontrados entre as conchas do sambaqui nos remetem a um mundo estético bastante interessante, a começar pela complexidade do próprio sambaqui e seus sepultamentos. Mas, além da própria arquitetura dos sambaquis, temos também muitos adornos corporais como colares e pingentes produzidos com conchas selecionadas e rochas.

Existem objetos bastante icônicos: as esculturas em pedras,

chamadas de zoólitos. São peças esculpidas e polidas em rochas com formas de animais, em especial aves e peixes. Após análises em alguns exemplares, foram encontradas nos zoólitos substâncias que alteram a consciência e como acompanhamento fúnebre, o que leva a acreditar que esses objetos estariam relacionados com rituais específicos.



Fonte: MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DA UFPR



Imagem acima: Zoólito. Crédito: Museu de Arqueologia e Etnologia da UFSC.

Imagem do topo: Crédito: Joice de S. A. Costa. 2023. Museu Anita Garibaldi

Imagem ao lado: Estagiária da Casa Candemil. 2023. UDESC. Colóquio Regional de Ciências da Religião FURB/UNESC. Crédito: Joice de S. A. Costa.

INSTRUMENTOS



Como a matéria orgânica dificilmente se preserva ao longo do tempo, a grande maioria dos artefatos que se conservaram nos sambaquis são fabricados em matérias primas duráveis, como rochas, conchas e ossos, que na maioria das vezes ainda guardam as informações de sua fabricação e utilização. Entre esses, vemos lâminas de machado, polidores, quebra coquinhos, instrumentos de corte, raspadores, furadores e demais objetos utilizados no cotidiano de vida destes povos, em atividades como pesca, construção de edificações, embarcações, armadilhas de caça, ou criação de roças.

FONTE: MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA DA UFPR

TODOS OS INSTRUMENTOS A SEGUIR, FORAM ENCONTRADOS EM SAMBAQUIS DE LAGUNA E FAZEM PARTE DA COLEÇÃO DA PREFEITURA.

Casa Candemil. Crédito: Joice de S. A. Costa.



SEPULTAMENTOS

RITUAIS FUNERÁRIOS

Gestos funerários estão ligados a forma como o corpo é tratado após a morte, esse tratamento difere-se entre sexo e idade, há muitos elementos envolvidos como banquetes, rearranjos, cuidados com a sepultura etc.



Desenho de Henrique Vences.
Fonte: Berredo e Bianchini (2020).

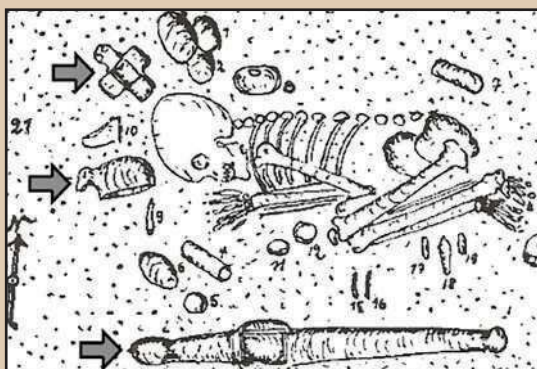
.....
“É IMPOSSÍVEL CONHECER O HOMEM SEM LHE ESTUDAR A MORTE, PORQUE, TALVEZ MAIS DO QUE NA VIDA, É NA MORTE QUE O HOMEM SE REVELA”.
(MORIN, 1970, p. 11)
.....

1 SÍTIOS CEMITÉRIOS

Alguns sítios arqueológicos são considerados cemitérios. A preparação dos corpos pode ter envolvido uma série de passos, incluindo a deposição secundária de alguns indivíduos, assim como o uso de pigmentos de origem mineral - ocre (OKUMURA & EGGERS, 2008, 2014a).

2 ZOÓLITOS

Artefatos depositados junto aos corpos, como zoólitos, têm sido interpretados como oferendas mortuárias.



Croqui de um sepultamento encontrado no Sambaqui Morro do Ouro e seus acompanhamentos funerários. As setas indicam zoólitos.
Imagem: Modificado de Tiburtius, 1960.

3 RITUAIS “PRESENTES”

Depositados junto ao morto, esses objetos podem ser de vários tipos, podendo ser objetos cotidianos, “usados pelo falecido ou terem sido exclusivamente fabricados objetivando satisfazer interesses restritos dos vivos sobre o morto e os rituais funerários, todos vinculados ao fenômeno da morte” (SILVA, op. cit., p. 210).

Diversos sepultamentos, particularmente de crianças, tinham associados objetos de adorno, sendo “conchinhas perfuradas, dentes de cação e dentes de mamíferos perfurados, ou ainda, pedrinhas perfuradas”. (ROHR, 1977, p. 30). Alguns dos sepultamentos que apresentaram “oferendas funerárias” eram de adultos associados a machados líticos, pontas de flechas ósseas ou presas de porcos-do-mato, utilizados como artefatos. Outros esqueletos de adultos apresentaram ossadas de baleia.

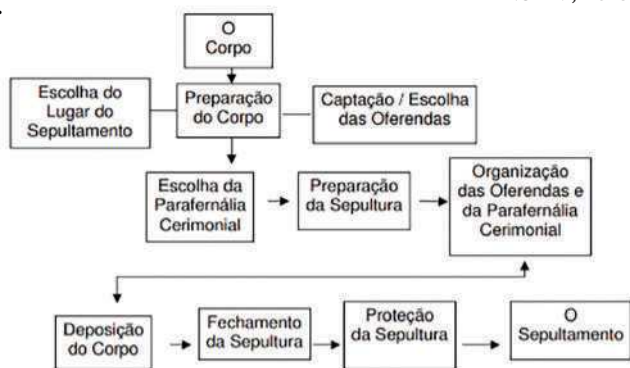
4 OBJETOS DE ADORNO



Crédito: OLIVEIRA; KLOKLER; BIANCHINI, 2013.

5 ETAPAS DO SEPULTAMENTO

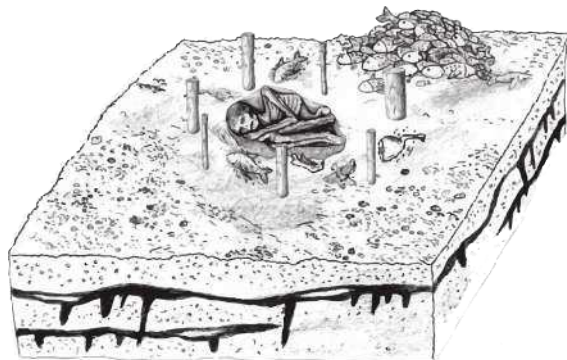
Após os estudos, analisamos as etapas dedicadas a construção do sepultamento, segundo as ideias de LaMotta & Schiffer (2001), para demonstrar uma das possíveis cadeias de atividades envolvida na elaboração da arquitetura e do ritual funerário:



Exemplo de uma possível cadeia de atividades desenvolvidas durante o sepultamento.

Fonte: Cilcair Lima de Andrade Carvalho Ramos, 2009.

6 FESTINS BANQUETES



Crédito: OLIVEIRA; KLOKLER; BIANCHINI, 2013.

Peixes são os animais mais utilizados para os banquetes funerários, sendo que bagres e corvinas se destacam, totalizando aproximadamente 75%. Os vestígios encontrados nas estruturas funerárias correspondem, em média a 250 kg de carne de peixe por metro cúbico, uma quantidade substancial de comida. Apesar do domínio dos peixes, mamíferos e aves também são parte do ritual e encontram-se especialmente associados a sepultamentos. Os festins nos sambaquis não eram apenas sobre alimentação, mas também tinham um componente social e ritualístico.

Crédito das imagens ao lado:
Salette Enedina, 2016.



OS SAMBAQUIS PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO

OS SAMBAQUIS DE LAGUNA SÃO UM TESOURO ARQUEOLÓGICO QUE GUARDAM SEGREDOS DO PASSADO E AJUDAM A ENTENDER A FORMAÇÃO CULTURAL DA REGIÃO E DO BRASIL.

Os sambaquis fornecem informações valiosas sobre o modo de vida, alimentação, rituais e organização social dessas comunidades antigas. Representam uma conexão com os povos ancestrais, preservando memórias e tradições que ajudam a compreender o desenvolvimento cultural da região sul do Brasil.

Os sambaquis são testemunhos da presença humana na região muito antes da chegada dos europeus. O reconhecimento dos sambaquis como patrimônio arqueológico reforça a necessidade de políticas de preservação e de combate às práticas que possam degradar esses sítios, como a urbanização desordenada e a exploração predatória dos recursos naturais.



SAMBAQUIS: INTERDISCIPLINARIEDADE

Os sambaquis são importantes para diversas áreas de estudo, como Arqueologia, Antropologia, Geologia etc.

Ao integrar disciplinas como História, Geografia, Ensino Religioso, Ciências, Matemática, Arte, e Língua Portuguesa, etc., os professores podem proporcionar um aprendizado mais completo e significativo, que vai além da sala de aula e conecta os estudantes ao passado e à sua própria cultura.

A análise dos materiais encontrados, como ossos e artefatos, permite aos pesquisadores reconstituir aspectos climáticos, ecológicos e sociais do passado. Além de seu valor científico, os sambaquis contribuem para a educação ambiental, pois estão inseridos em paisagens naturais preservadas.

Eles sensibilizam sobre a importância da conservação desses locais e do respeito às heranças culturais. Os sambaquis são uma rica fonte de conteúdo multidisciplinar que permite aos alunos explorar diversos aspectos da vida dos povos antigos do Brasil.



O MISTÉRIO DOS SAMBAQUIS: UM CONTO DE AVENTURA

Era uma vez, há muitos e muitos anos, bem antes de existirem as cidades, os carros, os computadores, grupos de pessoas viviam perto dos rios, lagoas e do mar. Eles eram conhecidos como povos dos sambaquis, e suas histórias estão guardadas nas montanhas de conchas e ossos que construíram ao longo do tempo. Era um dia de sol...

Os irmãos Cauê e Jaciara adoravam explorar a floresta e o litoral perto de sua comunidade. Eles eram curiosos e gostavam de descobrir coisas novas sobre a vida ao seu redor. Um dia, enquanto brincavam na beira da lagoa, encontraram uma grande montanha de conchas, pedras e ossos de peixes. Eles nunca tinham visto algo assim antes.

— O que será isso? — perguntou Jaciara, enquanto pegava uma concha grande e brilhante.

— Parece uma montanha de conchas! — respondeu Cauê, com os olhos arregalados de curiosidade.

— Vamos chamar o Avô Aruã, ele sempre sabe das coisas!

O Avô Aruã...

O ancião da comunidade, era um homem sábio que conhecia todas as histórias daquelas terras. Ele sorriu quando viu os irmãos correndo em sua direção, com as mãos cheias de conchas.

— Avô, o que é essa montanha de conchas? — perguntou Cauê, sem conseguir esconder a empolgação.

— Ah, vocês encontraram um sambaqui! — disse o avô, com um brilho nos olhos. — Os sambaquis são montes feitos pelos nossos antepassados há milhares de anos. Eles usavam esses lugares para viver, comer, trabalhar e até mesmo enterrar seus entes queridos. São como livros de história que podemos ler para entender como eles viviam.

O MISTÉRIO DOS SAMBAQUIS: UM CONTO DE AVENTURA

OS SEGREDOS DOS SAMBAQUIS...

O Avô Aruã explicou que os povos dos sambaquis eram muito inteligentes e habilidosos. Eles pescavam, caçavam, faziam ferramentas e adoravam a natureza. Mas, o mais interessante era que, mesmo sem usar a escrita como forma de comunicação, eles deixaram muitas pistas sobre suas vidas. Cada concha, pedaço de osso ou pedra fala sobre suas atividades, seus alimentos e seus costumes.

— Os sambaquis nos mostram como eles respeitavam a natureza — continuou o avô. — Eles sabiam que tudo estava interligado: a terra, o mar, os animais e as pessoas. É por isso que essas montanhas de conchas são tão especiais. Elas contam a história de quem fomos e nos ajudam a entender quem somos hoje.

UMA MISSÃO ESPECIAL...

Cauê e Jaciara decidiram que tinham uma nova missão: proteger os sambaquis! Eles perceberam que aqueles montes de conchas não eram apenas montanhas, mas verdadeiros tesouros que precisavam ser cuidados. Prometeram contar para todos os amigos da escola e da comunidade sobre a importância de preservar essas memórias para que, no futuro, outras crianças também pudessem conhecer as histórias dos antigos povos.

Eles voltaram para casa com o coração cheio de alegria, sabendo que tinham descoberto um pedaço importante da história de seus antepassados. E, naquela noite, enquanto observavam as estrelas, imaginaram como seria viver na época dos sambaquis, pescando, contando histórias e vivendo mais conectados à natureza.

E ASSIM TERMINA NOSSA HISTÓRIA...

Os sambaquis continuam guardando seus segredos, esperando que crianças curiosas como Cauê e Jaciara os descubram e continuem a contar suas histórias. Afinal, os sambaquis nos lembram que todos nós temos história para contar.

PROPOSTAS EDUCATIVAS

SUGESTÕES

INTRODUÇÃO AOS SAMBAQUIS

Vamos introduzir a temática com as (os) estudantes em forma de conto? Habilidades da BNCC desenvolvidas nessa sequência didática:

- EF04CI02: Identificar a ocupação de territórios por diferentes povos na história do Brasil e reconhecer a importância dos sambaquis como parte do patrimônio histórico e cultural.
- EF05HI01: Compreender a importância da preservação dos patrimônios históricos e culturais, como os sambaquis, e a relação desses espaços com as culturas indígenas.
- EF04LP24: Produzir textos narrativos, como contos e histórias, a partir de elementos da história e da cultura brasileira.
- EF04CI03: Observar e interpretar a interação dos seres humanos com o meio ambiente, entendendo como os povos dos sambaquis utilizavam os



Materiais de apoio.
Crédito: Joice de Souza Avelina Costa.



Vídeo: Sambaquis
Ensinar História

.....

ESSE CONTO VISA DESPERTAR A CURIOSIDADE DAS CRIANÇAS SOBRE OS SAMBAQUIS, DESTACANDO A IMPORTÂNCIA DE VALORIZAR E PRESERVAR AS HISTÓRIAS DOS NOSSOS ANTEPASSADOS.

.....

Uma aventura nos Sambaquis de Laguna...

ATIVIDADE 1

DEBATE E INTERPRETAÇÃO DO CONTO

APÓS A LEITURA DO CONTO, ORGANIZE UMA RODA DE CONVERSA.

"O QUE MAIS CHAMOU SUA ATENÇÃO NO CONTO?"

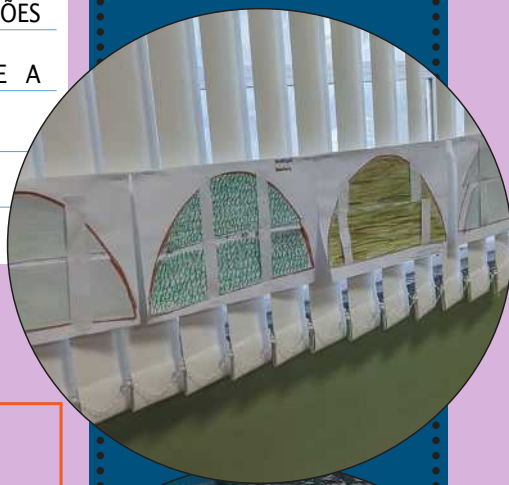
"POR QUE OS SAMBAQUIS SÃO IMPORTANTES?"

ESTIMULE AS CRIANÇAS A EXPRESSAREM SUAS OPINIÕES E A COMPARTILHAREM SUAS PERCEPÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DOS POVOS DOS SAMBAQUIS.

ATIVIDADE 2

DESENHANDO UM SAMBAQUI (ESTRATIFICAÇÃO)

QUE TAL DESENHAR A ESTRUTURA DOS SAMBAQUIS (INDIVIDUAL OU DUPLAS) COM OS (AS) ESTUDANTES? UMA PARTE (EXTERNA) DEVE MOSTRAR COMO É VISTO POR FORA E OUTRA PARTE (INTERNA) DEVE DEMONSTRAR SUAS CAMADAS DE ESTRATIFICAÇÃO. EXEMPLO AO LADO.



Desenho de estrutura de sambaqui.
Crédito: Joice de Souza Avelina Costa,
Sambaqui Santa Marta I.
Crédito: Aline Lima.

ATIVIDADE 3

MONTANDO UM SAMBAQUI

PROFESSOR (A), QUE TAL, MONTAR O PRÓPRIO SÍTIO ARQUEOLÓGICO ?

MONTE UMA CAIXA DE MADEIRA OU PAPELÃO COM OS (AS) ESTUDANTES SIMULANDO O QUE PODE SER ENCONTRADO NESSE LOCAL. USE A CRIATIVIDADE E ARRASE! ENQUANTO MONTAM, EXPLIQUE COMO ESSES ELEMENTOS ERAM USADOS PELOS POVOS SAMBAQUIEIROS E DISCUTA O QUE CADA MATERIAL REPRESENTA. ELES (AS) VÃO AMAR BRINCAR DE ARQUEÓLOGOS (AS) E AINDA PODEM COMPARTILHAR COM OUTROS COLEGAS SUAS DESCOBERTAS!



Propostas didáticas.
Crédito: Joice de Souza Avelina Costa.

ATIVIDADE 4

CRIAÇÃO DE UM CONTO COLETIVO SOBRE OS SAMBAQUIS

EDUCADOR (A): DIVIDA A TURMA EM GRUPOS E PEÇA PARA CADA GRUPO CRIAR UMA CONTINUAÇÃO DO CONTO, IMAGINANDO NOVAS AVENTURAS DE CAUÊ E JACIARA. ELES PODEM CRIAR NOVOS PERSONAGENS OU CENÁRIOS E EXPLORAR OUTROS ASPECTOS DA VIDA NOS SAMBAQUIS. DEPOIS, CADA GRUPO PODE APRESENTAR SUA HISTÓRIA PARA A TURMA.

ATIVIDADE 5

DRAMATIZAÇÃO DO CONTO

EDUCADOR (A): ORGANIZE UMA DRAMATIZAÇÃO DO CONTO, NA QUAL OS (AS) ESTUDANTES PODEM ATUAR COMO CAUÊ, JACIARA, O AVÔ ARUÃ E OUTROS PERSONAGENS. ELES PODEM ENCENAR A DESCOBERTA DO SAMBAQUI E AS LIÇÕES APRENDIDAS SOBRE A PRESERVAÇÃO DOS PATRIMÔNIOS HISTÓRICOS.

ATIVIDADE 6

QUIZ SOBRE OS SAMBAQUIS

O QUIZ AO LADO PODE SER ACESSADO EM SMARTPHONES, COMPUTADORES E TABLETS. POSSUI DEZ QUESTÕES NO SISTEMA “ABRA A CAIXA”. SERVE PARA OS ESTUDANTES REFLETIREM SOBRE O QUE APRENDERAM E COMO PODEM EXPRESSAR DE FORMA LÚDICA.



Qr code com Quiz sobre os Sambaquis

ATIVIDADE 7

DIÁRIO DE DESCOBERTAS

PROPONHA QUE CADA ESTUDANTE CRIE UM DIÁRIO ONDE ESCRIVAM O QUE APRENDERAM SOBRE OS SAMBAQUIS, SUAS IMPRESSÕES SOBRE O CONTO E COMO SE SENTIRAM REALIZANDO AS ATIVIDADES. ESSE DIÁRIO PODE INCLUIR DESENHOS, COLAGENS E PEQUENAS NARRATIVAS.

ATIVIDADE 8

VISITA VIRTUAL MUSEU DO SAMBAQUI DE JOINVILLE/SC

NO LINK AO LADO, ENCONTRE VÍDEOS, FOTOS E VISITA VIRTUAL AO MUSEU DO SAMBAQUI DE JOINVILLE. HÁ EXPOSIÇÕES SOBRE SAMBAQUIS COM PROVOCAÇÕES SOBRE A TEMÁTICA. INTERESSANTE: HÁ TRADUÇÃO EM LIBRAS E AUDIODESCRIÇÃO. APÓS A VISITA VIRTUAL, PEÇA QUE OS (AS) ESTUDANTES COMPARTILHEM O QUE MAIS APRENDERAM OU ACHARAM INTERESSANTE.



Museu do Sambaqui - Joinville
Crédito: Prefeitura de Joinville.



Qr code com o link da visita virtual ao Museu do Sambaqui de Joinville/SC

ATIVIDADE 9

PESQUISA SOBRE OS SAMBAQUIS NO SITE DO IPHAN

ACESSE AO CADASTRO NACIONAL DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS – CNSA/IPHAN E PESQUISE OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS PRESENTES EM LAGUNA/SC: (QR CODE AO LADO)

1– QUANTOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS HÁ EM NOSSA CIDADE?

2– HÁ SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NO BAIRRO QUE VOCÊ RESIDE?

3– ESCOLHA UM DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DE LAGUNA E REGISTRE AS PRINCIPAIS INFORMAÇÕES. COMPARTILHE COM SEUS (AS) COLEGAS!



Sítios arqueológicos IPHAN

AO VISITAR UM SAMBAQUI, OS(AS) ESTUDANTES TÊM A OPORTUNIDADE DE VIVENCIAR A HISTÓRIA E A CULTURA DOS PRIMEIROS HABITANTES DO MUNICÍPIO. ESSE CONTATO DIRETO COM O PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO DESENVOLVE NELES (AS) UMA MAIOR CONSCIÊNCIA SOBRE A IMPORTÂNCIA DE PRESERVAR A HISTÓRIA E O PATRIMÔNIO CULTURAL.

ATIVIDADE 10

SAÍDA PEDAGÓGICA AOS SAMBAQUIS/SC

ORGANIZAR UMA SAÍDA PEDAGÓGICA AOS SAMBAQUIS PODE SER UMA EXPERIÊNCIA ENRIQUECEDORA PARA OS(AS) ESTUDANTES, PROPORCIONANDO UM CONTATO DIRETO COM A HISTÓRIA E A ARQUEOLOGIA DOS POVOS ANTIGOS QUE HABITARAM O LITORAL BRASILEIRO.



Sambaqui Santa Marta I.
Crédito: Aline Lima. 2023.

PROPOSTAS EDUCATIVAS

ENSINO RELIGIOSO

RITOS & SAMBAQUIS

- (EF04ER03): Identificar ritos de passagem nas tradições religiosas e a importância de cada etapa na vida dos sujeitos.
- (EF05ER05): Reconhecer os ritos religiosos como formas de expressão simbólica da relação com o sagrado em diferentes culturas e sociedades.

Após introduzir a temática e trabalhar o conto, fale sobre as práticas funerárias dos povos dos sambaquis, como o sepultamento em camadas de conchas e outros materiais, e o que isso significava para eles (ritos de passagem e culto aos antepassados).

OS RITOS

Os arqueólogos descobriram que os povos sambaquieiros enterravam seus mortos em posições específicas, como a fetal, o que pode representar uma crença em renascimento ou um ciclo contínuo de vida e morte. Ao discutir o conceito de ritos de passagem nas religiões contemporâneas, como o batismo, a crisma ou o bar mitzvá (iniciação judaica), os (as) estudantes podem refletir sobre como diferentes sociedades se relacionam com as transições importantes da vida. Isso ajuda a valorizar a diversidade cultural e religiosa.



Crédito: Martha Werneck. Revista Aventuras da História, 2019

VIDA APÓS A MORTE

Esses sepultamentos eram complexos e, muitas vezes, incluíam posicionamento ritual dos corpos, com artefatos funerários como adornos de conchas e ossos de animais. A prática de sepultamento em sambaquis sugere que essas sociedades acreditavam em algum tipo de continuidade espiritual após a morte.

TRANSIÇÃO PARA O PLANO

Os ritos funerários dos sambaquieiros podem ser comparados a outros ritos de passagem, como o que ocorre em diferentes culturas e religiões até hoje, onde o enterro ou cremação marcam uma transição importante, simbolizando o encerramento de um ciclo de vida e o início de outro no plano espiritual.

.....

POSSIBILIDADE: COMPARAR OS RITUAIS DOS POVOS SAMBAQUIEIROS COM RITUAIS FUNERÁRIOS DE OUTRAS TRADIÇÕES RELIGIOSAS, COMO VELÓRIOS, ENTERROS, CREMAÇÃO E A RELAÇÃO COM A ESPIRITUALIDADE.

.....

ATIVIDADE 11

PESQUISA INDIVIDUAL, DUPLA OU EM GRUPO

1 – EDUCADOR (A), ORGANIZE OS (AS) ESTUDANTES

EM GRUPOS PARA PESQUISAR DIFERENTES RITOS

DE PASSAGEM EM VÁRIAS CULTURAS E RELIGIÕES

(NASCIMENTO, CASAMENTO, MORTE, ETC.)

2 – CADA GRUPO PODE APRESENTAR

SUAS DESCOBERTAS E RELACIONAR COM O

QUE APRENDERAM SOBRE OS SAMBAQUIS.

EXEMPLOS: HINDUÍSMO, BUDISMO,

CRISTIANISMO, JUDAÍSMO, UMBANDA,

ESPIRITISMO, ISLAMISMO, XAMANISMO, ETC.

ATIVIDADE 14

OFICINA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

LENDAS E HISTÓRIAS DOS POVOS DOS SAMBAQUIS”

- APÓS APRENDEREM SOBRE OS POVOS DOS SAMBAQUIS E SEUS RITOS, OS (AS)

ESTUDANTES PODEM CRIAR UMA HISTÓRIA SOBRE UM RITO REALIZADO POR ESSES POVOS.

- ELES PODEM CONTAR A HISTÓRIA A PARTIR DA PERSPECTIVA E UMA CRIANÇA VIVENDO NA ÉPOCA DOS SAMBAQUIS.
- AS HISTÓRIAS PODEM SER COMPARTILHADAS EM UMA RODA DE CONVERSA.

ATIVIDADE 12

RODA DE CONVERSA

EDUCADOR (A), PROMOVA UMA RODA DE CONVERSA PARA DISCUTIR A IMPORTÂNCIA DE RESPEITAR DIFERENTES RITOS RELIGIOSOS E COMO ESSAS PRÁTICAS PODEM ENSINAR SOBRE O RESPEITO À VIDA, À MORTE, E AO OUTRO.

ATIVIDADE 13

PRODUÇÃO ARTÍSTICA

EDUCADOR (A), PEÇA AOS (AS) ESTUDANTES PARA CONSTRUÍREM UMA MAQUETE OU DESENHO DE UM SAMBAQUI, DESTACANDO ELEMENTOS CULTURAIS E RITUAIS ENCONTRADOS NESSES SÍTIOS.

GUARDIÃO DE PEDRAS

“Vozes dos Zoólitos e Sambaquis”

Poema dos Sambaquis

No sambaqui, bem pertinho do mar,
Viviam pessoas que sabiam criar.
Esculpindo pedras, com muito cuidado,
Nasciam zoólitos, um tesouro sagrado.

Peixes, tartarugas, aves no ar,
Em cada pedrinha, um jeito de contar.
Histórias de povos que ali construíram,
Seus sonhos, seus mitos, o que eles sentiram.

Com pedras duras, mãos a trabalhar,
Faziam magia, sem parar de esculpir,
Criavam animais que podiam guiar,
O espírito, no céu, para longe partir.

Esses zoólitos, o que vão dizer?
Sobre o amor pela terra e pelo viver?
Quem sabe eles guardam segredos de um mundo,
Que hoje é silêncio, mas foi tão profundo.

Então, vamos juntos imaginar,
Como era o sambaqui, junto ao mar?
Com zoólitos nas mãos, vamos descobrir,
A história que o tempo quis nos transmitir.

PROPOSTAS EDUCATIVAS

OFICINA

ZOÓLITOS - CULTURA MATERIAL

Habilidades da BNCC:

- (EF04CI01): Identificar e descrever as características de diferentes ambientes e os modos de vida dos organismos que habitam esses ambientes.
- (EF05CI01): Descrever as características dos seres vivos de diferentes grupos (animais, plantas, fungos, bactérias) e suas interações com o ambiente.
- (EF04GE07): Identificar os diferentes tipos de vegetação, suas características e distribuição no território brasileiro, associando-os às condições naturais, especialmente ao clima.
- (EF05GE03): Identificar e comparar diferentes formas de utilização do território brasileiro ao longo do tempo e seus impactos sobre os povos indígenas e sobre o meio ambiente.
- (EF04AR02): Experimentar e explorar diferentes formas, materiais, suportes, meios, procedimentos e instrumentos, individualmente e em grupo, na construção de produções artísticas.
- (EF05AR02): Explorar formas e materiais artísticos de diferentes épocas e culturas, refletindo sobre suas funções e significados.

OS ZOÓLITOS SÃO ESCULTURAS EM PEDRA, GERALMENTE REPRESENTANDO ANIMAIS, QUE FORAM PRODUZIDAS POR POVOS SAMBAQUEIROS. A PRODUÇÃO DESSES ARTEFATOS REQUERIA HABILIDADE TÉCNICA E TEMPO!

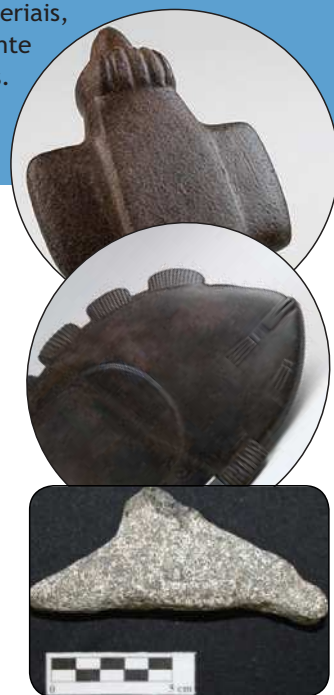
Acredita-se que os zoólitos possam ter sido utilizados em contextos rituais, funerários ou como objetos de status. O fato de terem sido encontrados em sítios arqueológicos associados a sepultamentos e em meio a outros artefatos simbólicos sugere que tinham um papel importante nas práticas culturais dos sambaqueiros. Os animais representados nos zoólitos geralmente fazem parte do ecossistema costeiro, indicando uma profunda relação entre os sambaqueiros e o ambiente natural ao seu redor. Isso reflete a conexão espiritual e material que essas sociedades mantinham com a fauna local.

VAMOS ENTENDER MELHOR SOBRE OS ZOÓLITOS?

COMO OS POVOS ANTIGOS USAVAM A NATUREZA PARA CRIAR SUAS FERRAMENTAS E ARTEFATOS?

POR QUE É IMPORTANTE PROTEGER OS ECOSISTEMAS ONDE ESSES ANIMAIS VIVEM HOJE?

COMO A CIÊNCIA PODE NOS AJUDAR A ENTENDER AS CULTURAS ANTIGAS?



Zoólito em forma de ave. Santa Catarina.

Museu Nacional - RJ

Zoólito em forma de peixe. Rio Grande do

Sul. Museu Nacional - RJ

Zoólito inédito encontrado na Reserva

Técnica do MHS. Possível representação de

cetáceo, Laguna, SC, s/d.

OFICINA ZOÓLITOS

CULTURA MATERIAL



COMO ERAM CONFECCIONADOS?

OS ZOÓLITOS PODERIAM DEMORAR DE 16H A 200H PARA SEREM CONFECCIONADOS. EXIGIA TÉCNICA E MUITA HABILIDADE!



TÉCNICA DE ESCULPIR

PARA ESCULPIR, OS SAMBAQUIEIROS UTILIZAVAM FERRAMENTAS FEITAS DE PEDRAS MAIS DURAS E AFIADAS, COMO LASCAS DE QUARTZO, E POSSIVELMENTE OSSOS. ESSAS FERRAMENTAS SERVIAM PARA DESGASTAR A SUPERFÍCIE DA PEDRA E MOLDÁ-LA AO FORMATO DESEJADO.



MATÉRIA-PRIMA

OS SAMBAQUIEIROS USAVAM PEDRAS DE ALTA DUREZA, COMO QUARTZO E GRANITO, QUE ERAM ENCONTRADAS NA NATUREZA LOCAL. ESSAS PEDRAS ERAM ESCOLHIDAS POR SUA RESISTÊNCIA E CAPACIDADE DE SEREM ESCULPIDAS EM FORMAS DETALHADAS.



SELEÇÃO CRITERIOSA

A ESCOLHA DA PEDRA ERA IMPORTANTE, POIS ELA PRECISAVA TER O TAMANHO E A TEXTURA ADEQUADOS PARA O FORMATO QUE SERIA ESCULPIDO, ALÉM DE RESISTIR AO PROCESSO DE POLIMENTO E DETALHAMENTO.



TÉCNICA DE ABRASÃO

A TÉCNICA DE ABRASÃO, QUE CONSISTE EM DESGASTAR A PEDRA ESFREGANDO-A COM OUTRA PEDRA OU FERRAMENTA, ERA USADA PARA CRIAR AS FORMAS BÁSICAS DOS ANIMAIS. ESSE PROCESSO EXIGIA PACIÊNCIA, POIS A ESCULTURA ERA REALIZADA DE FORMA GRADUAL, REMOVENDO PEQUENAS PORÇÕES DA SUPERFÍCIE.



POLIMENTO

APÓS ESCULPIR A FORMA GERAL DO ZOÓLITO, O PRÓXIMO PASSO ERA O POLIMENTO. O POLIMENTO TORNAVA A SUPERFÍCIE DO ARTEFATO LISA E BRILHANTE, VALORIZANDO AS FORMAS ESCULPIDAS E POSSIVELMENTE AUMENTANDO A DURABILIDADE DO OBJETO. AREIA E ÁGUA ERAM UTILIZADAS NO PROCESSO DE POLIMENTO, AJUDANDO A SUAVIZAR OS DETALHES.

AS REPRESENTAÇÕES DE ANIMAIS, COMO PÁSSAROS, PEIXES, CAPIVARAS E OUTRAS CRIATURAS, EXIGIAM A CRIAÇÃO DE DETALHES ANATÔMICOS, COMO OLHOS, BOCAS E MEMBROS. ESSES DETALHES ERAM TRABALHADOS COM DELICADEZA, PROVAVELMENTE USANDO FERRAMENTAS DE PONTAS FINAS. ESSES OBJETOS TINHAM UMA FUNÇÃO SIMBÓLICA OU RITUALÍSTICA, INDO ALÉM DE UMA SIMPLES REPRESENTAÇÃO VISUAL.

OFICINA ZOÓLITOS

CULTURA MATERIAL

OBJETIVOS DA OFICINA:

Explorar a cultura material dos sambaquis, em particular os zoólitos, para promover a compreensão das crenças e práticas dessas antigas sociedades indígenas; Desenvolver a habilidade de análise e interpretação de artefatos arqueológicos; Estimular a criatividade e a aprendizagem ativa por meio da recriação de artefatos históricos.

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Argila ou massinha de modelar; Ferramentas simples para esculpir (como palitos, espátulas, etc.); Imagens ou modelos de zoólitos originais para referência.

ETAPAS DA OFICINA:

1- Contextualizar o que são zoólitos, mostre imagens e discuta o que se sabe sobre sua função e significado, como representações de animais, crenças e possíveis rituais das comunidades sambaquieiras. Relacione a cultura material dos sambaquis com outras formas de expressão simbólica, como objetos funerários ou artefatos rituais encontrados em sítios arqueológicos.

2- Distribuir imagens ou apresentar réplicas de zoólitos. Pergunte aos estudantes: **“Por que você acha que os antigos habitantes esculpam esses animais?”**. **“O que isso pode nos dizer sobre suas crenças e relações com o ambiente?”**

3- Mãos à massa! Chegou a hora de fazer a modelagem das réplicas dos zoólitos. Incentivar a criatividade e a reflexão durante o processo: **“Que animal você vai representar e por quê?”**. **“Como você pode conectar esse animal às práticas culturais da época?”**

4- Apresentação e socialização das peças confeccionadas. Após a modelagem, cada grupo deverá apresentar sua criação para a turma, explicando o animal que escolheram, o design do artefato e suas interpretações sobre a função desse zoólito na sociedade sambaquieira. Levantar perguntas sobre as conexões entre artefatos e o meio ambiente, como: **“Quais animais foram esculpidos e qual poderia ser o significado de sua escolha para os sambaquieiros?”**

OS ZOÓLITOS ENCONTRADOS NOS SAMBAQUIS COSTUMAM REPRESENTAR UMA VARIEDADE DE ANIMAIS QUE FAZIAM PARTE DO ECOSISTEMA COSTEIRO E FLUVIAL, EVIDENCIANDO A RELAÇÃO ENTRE AS COMUNIDADES SAMBAQUIEIRAS E SEU MEIO AMBIENTE.

OFICINA ZOÓLITOS

CULTURA MATERIAL

“QUAIS DESSES ANIMAIS VOCÊS CONHECEM?” E
“ONDE ESSES ANIMAIS VIVEM?”

ANIMAIS REPRESENTADOS NOS ZOÓLITOS

G
A TARTARUGA É UM DOS ANIMAIS MAIS ICÔNICOS ENTRE OS ZOÓLITOS. ELA PODIA TER UMA FORTE CARGA SIMBÓLICA LIGADA À LONGEVIDADE, AO CICLO DA VIDA E AO AMBIENTE COSTEIRO, ONDE ESSES ANIMAIS ERAM COMUNS. TARTARUGAS SÃO VISTAS EM VÁRIAS CULTURAS INDÍGENAS COMO SERES DE GRANDE PODER ESPIRITUAL.



G
ALGUMAS ESCULTURAS DE ZOÓLITOS RETRATAM AVES, PRINCIPALMENTE AQUELAS QUE HABITAM AS REGIÕES LITORÂNEAS, COMO GARÇAS E OUTRAS ESPÉCIES QUE VIVEM EM ÁREAS ALAGADAS. ESSES PÁSSAROS TINHAM RELEVÂNCIA ECOLÓGICA E SIMBÓLICA PARA AS COMUNIDADES.



G
A CAPIVARA, UM ROEDOR DE GRANDE PORTE COMUM EM REGIÕES ALAGADAS E FLORESTAS, TAMBÉM APARECE REPRESENTADA NOS ZOÓLITOS. SUA PRESENÇA SUGERE A IMPORTÂNCIA DAS INTERAÇÕES ENTRE HUMANOS E A FAUNA TERRESTRE, ALÉM DE INDICAR POSSÍVEIS CRENÇAS ESPIRITUAIS ASSOCIADAS A ESSES ANIMAIS.



G
O JACARÉ, COMO UM DOS MAIORES PREDADORES DE ÁREAS ÚMIDAS E LITORÂNEAS, TAMBÉM É RETRATADO EM ZOÓLITOS. SUA FIGURA PODERIA ESTAR LIGADA A MITOS E SIMBOLISMOS ASSOCIADOS À FORÇA E AO PODER.



G
AS LONTRAS, TAMBÉM PRESENTES EM ECOSISTEMAS AQUÁTICOS, SÃO REPRESENTADAS EM ALGUNS ZOÓLITOS. ELAS PODERIAM SIMBOLIZAR A AGILIDADE, O CONTROLE DOS RECURSOS HÍDRICOS OU ALGUM OUTRO ASPECTO RELEVANTE PARA A COSMOLOGIA SAMBAQUEIRA.



G
EMBORA EM MENOR NÚMERO, TAMBÉM FORAM ENCONTRADOS ZOÓLITOS REPRESENTANDO OUTROS MAMÍFEROS E RÉPTEIS, COMO PEQUENOS ROEDORES E LAGARTOS, REFLETINDO A DIVERSIDADE DE ESPÉCIES COM AS QUAIS OS SAMBAQUEIROS CONVIVIAM.



RELACIONE OS ANIMAIS REPRESENTADOS NOS ZOÓLITOS AOS ECOSISTEMAS COSTEIROS E EXPLIQUE QUE OS SAMBAQUEIROS VIVIAM PRÓXIMOS AO MAR, RIOS E MANGUES, ONDE ESSES ANIMAIS ERAM COMUNS.

G
PEIXES ERAM FREQUENTEMENTE ESCULPIDOS, POSSIVELMENTE DEVIDO À IMPORTÂNCIA DESSES ANIMAIS NA DIETA E NA CULTURA DOS POVOS SAMBAQUEIROS. O PEIXE REPRESENTAVA UM RECURSO VITAL E TINHA UM PAPEL CENTRAL NA ECONOMIA DE SUBSISTÊNCIA.

BAGRES (DA FAMÍLIA ARIIDAE) – PEIXES DE ÁGUA SALOIRA E SALGADA, COMUNS EM MANGUEZAIS E ESTUÁRIOS.



TAINHAS (MUGILIDAE) – UMA ESPÉCIE COSTEIRA ENCONTRADA EM GRANDE ABUNDÂNCIA, ESPECIALMENTE EM ÁREAS DE ÁGUAS RASAS.



PARGOS (LUTJANIDAE) – PEIXES COMUNS EM AMBIENTES RECIFAIS E COSTEIROS.



ANCHOVAS (ENGRaulIDAE) – PEIXES PEQUENOS, ABUNDANTES E FACILMENTE CAPTURADOS EM GRANDES CARDUMES.



CORVINAS (SCIAENIDAE) – SÃO PEIXES ENCONTRADOS EM ÁGUAS COSTEIRAS.



ESSES ANIMAIS ERAM ESCULPIDOS NÃO APENAS POR SUA IMPORTÂNCIA PRÁTICA, MAS PROVAVELMENTE TAMBÉM POR SEU VALOR SIMBÓLICO E ESPIRITUAL. MUITOS ZOÓLITOS TÊM UMA FUNÇÃO RITUALÍSTICA OU FUNERÁRIA, E A ESCOLHA DO ANIMAL REPRESENTADO PODE REFLETIR CRENÇAS, MITOS OU A RELAÇÃO ESPECIAL DOS POVOS SAMBAQUEIROS COM O AMBIENTE NATURAL. ESSAS ESCULTURAS REVELAM COMO OS SAMBAQUEIROS UTILIZAVAM A ARTE PARA EXPRESSAR SUA VISÃO DE MUNDO E SUA CONEXÃO COM A FAUNA LOCAL.

IMAGENS DE ZOÓLITOS



PROPOSTAS EDUCATIVAS

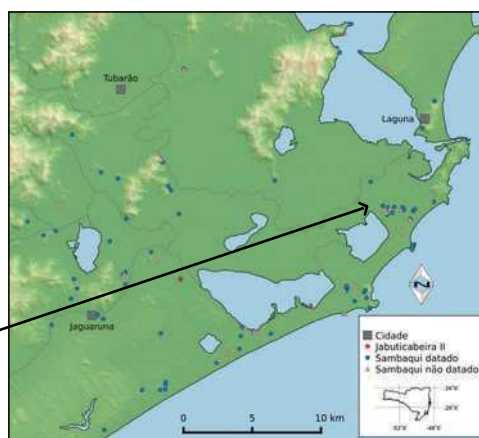
TRABALHANDO COM MAPAS

- EF04HI01: Compreender a ocupação do território brasileiro por diferentes grupos sociais, relacionando com as primeiras formas de organização.
- EF04CI01: Identificar a relação entre o ser humano e o meio ambiente em diferentes tempos históricos.
- EF05GE05: Compreender a relação entre o ser humano e o meio ambiente em diferentes contextos históricos.

Atividades que utilizam mapas para explorar os sambaquis de Laguna são excelentes para desenvolver habilidades como leitura de mapas, localização espacial, e compreensão das relações entre o ambiente e a culturas dos sambaquis.



Fonte: Wikipedia. 2024.



Fonte: Assunção & De Blassis, 2007

SUGESTÕES:

Distribua mapas simplificados de Laguna para os (as) estudantes e destaque onde estão localizados os sambaquis conhecidos.

Discuta com os (as) estudantes a importância da localização costeira e como o ambiente influenciou a construção dos sambaquis (proximidade de lagoas, mar, recursos marinhos, etc.).

CRIAÇÃO DE UM MAPA TEMÁTICO:

Os (as) estudantes com a sua ajuda, podem criar um pequeno mapa temático da região, destacando não apenas os sambaquis, mas também elementos que mostram a relação do homem com o ambiente, como áreas de pesca, coleta de mariscos e locais de enterramento.



Fonte: Os sítios da Ponta da Galheta e seu entorno (A. Kneip, 2014)

PROPOSTAS EDUCATIVAS

SAMBAQUIS E A MATEMÁTICA

- (EF04MA19): Resolver problemas que envolvem a medida de grandezas utilizando unidades convencionais de comprimento, área, massa, tempo e capacidade.
- (EF05MA19): Resolver e elaborar problemas que envolvam a comparação de medidas de comprimento, área e volume.

ATIVIDADE 1

MEDIDAS E COMPARAÇÕES: TAMANHO DOS SAMBAQUIS

PROBLEMA: "O SAMBAQUI A TEM 50 METROS DE COMPRIMENTO E 10 METROS DE LARGURA, E O SAMBAQUI B TEM 30 METROS DE COMPRIMENTO E 20 METROS DE LARGURA. QUAL É A ÁREA DE CADA SAMBAQUI?"

OS ESTUDANTES PODEM CALCULAR A ÁREA DOS SAMBAQUIS, COMPARANDO OS TAMANHOS E DISCUTINDO AS FORMAS GEOMÉTRICAS ENVOLVIDAS.

EM SEGUIDA, PODEM CALCULAR QUANTOS METROS QUADRADOS ESSES SAMBAQUIS OCUPAM E PENSAR EM COMO OS POVOS ANTIGOS ESCOLHERIAM ESSES LOCAIS PARA SE ESTABELECEM.

EF04MA07): Resolver problemas que envolvam as operações de adição e subtração com números naturais.

(EF05MA07): Resolver e elaborar problemas que envolvam as quatro operações com números naturais.

ATIVIDADE 3

GRÁFICOS E TABELAS: DISTRIBUIÇÃO DOS SAMBAQUIS

PROBLEMA: "ABAIXO ESTÃO DADOS SOBRE A QUANTIDADE DE MATERIAIS ENCONTRADOS EM TRÊS SAMBAQUIS DIFERENTES:

SAMBAQUI A (10.000 CONCHAS, 500 OSSOS, 300 ZOÓLITOS),

SAMBAQUI B (12.000 CONCHAS, 400 OSSOS, 200 ZOÓLITOS)

E SAMBAQUI C (8.000 CONCHAS, 600 OSSOS, 400 ZOÓLITOS).

FAÇA UM GRÁFICO DE BARRAS REPRESENTANDO ESSES DADOS."

OS ALUNOS PODEM ORGANIZAR OS DADOS SOBRE O CONTEÚDO DOS SAMBAQUIS EM TABELAS E GRÁFICOS DE BARRAS, COMPARANDO AS INFORMAÇÕES E TIRANDO CONCLUSÕES SOBRE AS DIFERENÇAS ENTRE OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS.

(EF05MA08): Reconhecer e descrever regularidades em sequências numéricas.

ATIVIDADE 2

NÚMEROS E OPERAÇÕES: QUANTIDADE DE CONCHAS

PROBLEMA: "OS SAMBAQUEIROS ACUMULAVAM MILHARES DE CONCHAS EM SEUS SAMBAQUIS. SE EM UM SAMBAQUI HÁ 4.000 CONCHAS E CADA PESSOA CARREGA 100 CONCHAS POR VEZ, QUANTAS VIAGENS ESSA PESSOA PRECISOU FAZER PARA LEVAR TODAS AS CONCHAS ATÉ O SAMBAQUI?"

UTILIZAR PROBLEMAS ENVOLVENDO MULTIPLICAÇÃO E DIVISÃO PARA CALCULAR A QUANTIDADE DE OBJETOS ACUMULADOS NOS SAMBAQUIS, COMO CONCHAS, OSSOS OU PEDRAS.

AMPLIAÇÃO: EXPLORAR GRANDES NÚMEROS, DISCUTINDO COMO OS SAMBAQUIS CRESCERAM AO LONGO DE CENTENAS DE ANOS, E FAZENDO ESTIMATIVAS MATEMÁTICAS DO NÚMERO TOTAL DE MATERIAIS ACUMULADOS AO LONGO DO TEMPO.

(EF05MA08): Reconhecer e descrever regularidades em sequências numéricas.

ATIVIDADE 4

SEQUÊNCIAS NUMÉRICAS: CRESCIMENTO DOS SAMBAQUIS

PROBLEMA: "UM SAMBAQUI CRESCE 50 CENTÍMETROS DE ALTURA A CADA 10 ANOS. SE ELE COMEÇOU COM 1 METRO DE ALTURA, QUAL SERÁ A ALTURA DO SAMBAQUI APÓS 50 ANOS?"

UTILIZAR SEQUÊNCIAS NUMÉRICAS PARA ILUSTRAR O CRESCIMENTO GRADUAL DOS SAMBAQUIS, RELACIONANDO O TEMPO E O ACÚMULO DE MATERIAIS.

PROPOSTAS EDUCATIVAS

SAMBAQUIS E TECNOLOGIA

JOGO DO SAMBAQUI

SAMBAQUIS: UMA HISTÓRIA ANTES DO BRASIL



SAMBAQUIS - UMA
HISTÓRIA ANTES DO BRASIL
(Low-Poly) É UM JOGO
DESENVOLVIDO INTEIRAMENTE
POR ARQUEÓLOGOS E PERMITE

AO JOGADOR VIVENCIAR O

COTIDIANO DE UM GRUPO INDÍGENA CERCA DE 3.000 ANOS ANTES DO
PRESENTE EM SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS HOJE DENOMINADOS SAMBAQUIS.

PARA REALIZAR O FUNERAL DA ANCIÃ DE SEU GRUPO, EXPLORE A
PAISAGEM MILENAR BRASILEIRA, CONVERSE COM AS PESSOAS E REÚNA OS
RECURSOS NECESSÁRIOS.

Crédito: ARISE - MAE - USP.



Com o Qr code acima, você
pode baixar o jogo nas versões
PC e Android

ARQUEOLOGIA R.A.

ARQUEOLOGIA R.A. - GRUPOS PRÉ-COLONIAIS DE SANTA CATARINA



UM APP QUE PERMITE AO
USUÁRIO VISUALIZAR ARTEFATOS
ARQUEOLÓGICOS DOS ANTIGOS POVOS
HABITANTES DE SANTA CATARINA
EM REALIDADE AUMENTADA.

ALÉM DA VISUALIZAÇÃO,

É POSSÍVEL OBTER INFORMAÇÕES, NA TELA, SOBRE CADA OBJETO.

DESENVOLVIDO INTEIRAMENTE POR ARQUEÓLOGOS, O APP FOI
PENSADO PARA SER UTILIZADO POR PROFESSORES, EDUCADORES E
ALUNOS DO BRASIL TODO.

Crédito: ARISE - MAE - USP.



Com o Qr code ao lado, você pode
baixar os marcadores e o
APP. Os(as) estudantes
amam essa
ferramenta!



Crédito: Joice Costa. 2022.

REFERÊNCIAS

- Arise, Arqueologia Interativa e Simulações Eletrônicas, São Paulo, 2024. Museu de Arqueologia e Etnologia USP. Disponível em: <http://www.arise.mae.usp.br/sambaquis/> Acesso em: 11, set, 2024.
- BERREDO, Ana Luiza, GASPAR, Maria Dulce, RAMOS Renato Rodriguez Cabral, e BIANCHINI, Gina Faraco. 2020. "Ritual funerário No Sambaqui De Amourins (Guapimirim RJ): Atividades De preparação Do Terreno Para Receber O Corpo". Revista De Arqueologia 33, 78-97. <https://doi.org/10.24885/sab.v33i1.691>.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC/Consed/Undime, 2017.
- COSTA, Joice de Souza Avelina Costa. Mistério dos Sambaquis: Um Conto de Aventura, ed I, Laguna, Revista Sambaquis de Laguna. 12 set, 2024.
- COSTA, Joice de Souza Avelina Costa. Quiz online: Sambaquis. Wordwall. Disponível em: wordwall.net/pt/resource/77764246. 10 set, 2024.
- DEBLASSIS, P.; Kneip, A.; Scheel-Ybert, R.; Giannini P. e Gaspar, M.D. 2007. Sambaquis e paisagem. Arqueologia Suramericana 3p. 29-61.
- DOMINGUES, Joelza Ester. Canal Ensinar História. Pré-História do Brasil: Parte 4 - Sambaquis. YouTube, 11 de set, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wWzkrvYehA> Acesso em: 10 de set de 2024.
- ENEDINA, Salete. Sambaquis, Patrimônio Arqueológico. Laguna/SC, 2023.
- IPHAN. A trajetória arqueológica de Pe. João Alfredo Rohr em Santa Catarina / Liliane Janine Nizzola, Margareth de Lourdes Souza, Roberta Porto Marques, orgs ; Andreas Kneip ... [et.al], textos. Dados eletrônicos (1 arquivo pdf) -- Florianópolis, SC : IPHAN, 2021. 224 p.
- KLOKLER, Daniela. Consumo ritual, consumo no ritual: Festins funerários e sambaquis. 2012.
- LAGUNA. Mapa: A região da laguna de Santa Marta e seus sambaquis, no litoral sul catarinense. Jun, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-A-regiao-da-laguna-de-Santa-Marta-e-seus-sambaquis-no-litoral-sul-catarinense_fig1_326075716. Acesso em 11 set, 2024.
- LAMOTTA, V. M.; SCHIFFER, M. B. Behavioral Archaeology: Toward a New Synthesis. IN: HODDER, I. Archaeological Theory Today. Cambridge: Polity Press, 2001.
- LIMA, Aline. Sambaquis do Farol de Santa Marta I. Laguna/SC, 2023.
- SANTA CATARINA: mapa escolar. Prefeitura de Laguna. 28 ago, 2023. 1 mapa color. Disponível em: https://ia.wikipedia.org/wiki/Laguna_%28Santa_Catarina%29#/media/File:SantaCatarina_Municip_Laguna.svg. Acesso em: 11 set, 2024.
- MARQUE, Museu de Arqueologia e Etnologia da UFSC. Florianópolis, 2024. Disponível em: <https://museu.ufsc.br/marque-virtual/sambaquis/> Acesso em: 9, set, 2024.
- MAE, Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR. Curitiba, 2024. Exposição virtual entre conchas. Disponível em: <https://mae.ufpr.br/entreconchas/> Acesso em: 08, set, 2024.
- MORIN, Edgar. O homem e a morte. 2. ed. Mem Martins: Europa-America, 1970. 326p.
- MUSEU Arqueológico de Sambaqui de Joinville. Joinville. Visita Virtual guiada. 2024. Disponível em: <https://sambaquijoinville.sitevr.com.br/>. Acesso em: 6 set, 2024.
- OKUMURA, M. Diversidade morfológica craniana, microevolução e ocupação pré-histórica da costa brasileira. Pesquisas (Antropologia), v. 66, 2008.
- RANKEL, Milena Carolina. Título: Dinâmica social, Aquarela e nanquim. Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR. Exposição virtual entre conchas. Disponível em: <https://mae.ufpr.br/entreconchas/dinamicas.php> Acesso em: 08, set, 2024.
- ROHR, Pe. João Alfredo. Pré-História da Laguna. IN: CABRAL, Osvaldo Rodrigues. Santo Antônio dos Anjos da Laguna: seus valores históricos e humanos. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1976.
- SILVA, Sergio F. S. M. Terminologias e classificações usadas para descrever sepultamentos humanos: exemplos e sugestões. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, n. 15-16, pp. 113-138, 2005/2006
- WERNECK, Martha. Título: Sambaquis. Ilustrações publicadas na revista Aventuras na História - edição 66, Editora Abril, São Paulo. Matéria: Castelo de areia, conchas e mortos - sobre os sambaquis, estruturas montanhosas feitas de conchas, restos de peixe e ossadas construídos há 8.000 anos pelos primeiros povos no litoral brasileiro. Jan, 2019. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/acervo/sambaquis-castelos-areia-conchas-mortos-478429.phtml>. Acesso em: 07, set, 2024.



Bônus: Jogo de tabuleiro, revista e demais materiais para baixar e usar!

"Os sambaquis nos conectam a um passado distante, revelando histórias de vida, cultura e resiliência dos povos que moldaram nossas origens. Que possamos preservar esses tesouros arqueológicos e continuar aprendendo com a riqueza de nossa história, valorizando o legado que os sambaquis nos deixam sobre o respeito ao meio ambiente e à diversidade cultural." Com carinho, Joice de Souza Avelina Costa.

SAMBAQUIS DE LAGUNA

PATRIMÔNIO

ARQUEOLÓGICO

OS SAMBAQUIS DE LAGUNA SÃO UM TESOURO ARQUEOLÓGICO QUE GUARDAM SEGREDOS DO PASSADO E AJUDAM A ENTENDER A FORMAÇÃO CULTURAL DA REGIÃO E DO BRASIL.

Em 2024 foi iniciado na UFSC o projeto de Extensão “Vozes decoloniais na escola: saberes interculturais para a transformação social”, coordenado pela profa. Adriana Angelita da Conceição (MEN/CED/UFSC). A revista educativa “Ensino de História e Interdisciplinaridade: como abordar os Sambaquis nos Anos Iniciais?” reúne textos e propostas pedagógicas que integraram e resultaram das oficinas de extensão conduzidas pela autora, profa. Joice de Souza Avelina Costa mestranda do PROFHISTORIA-UFSC. O referido projeto integra o Programa de Extensão da Educação Superior na Pós-Graduação - PROEXT-PG - CAPES/SESU e conta com financiamento do edital n. 03/2024/PROPG/PROEX/PROEXT-PG 2024 - UFSC.



EEB ELIZABETH
ULYSSÉA ARANTES
5º ANO



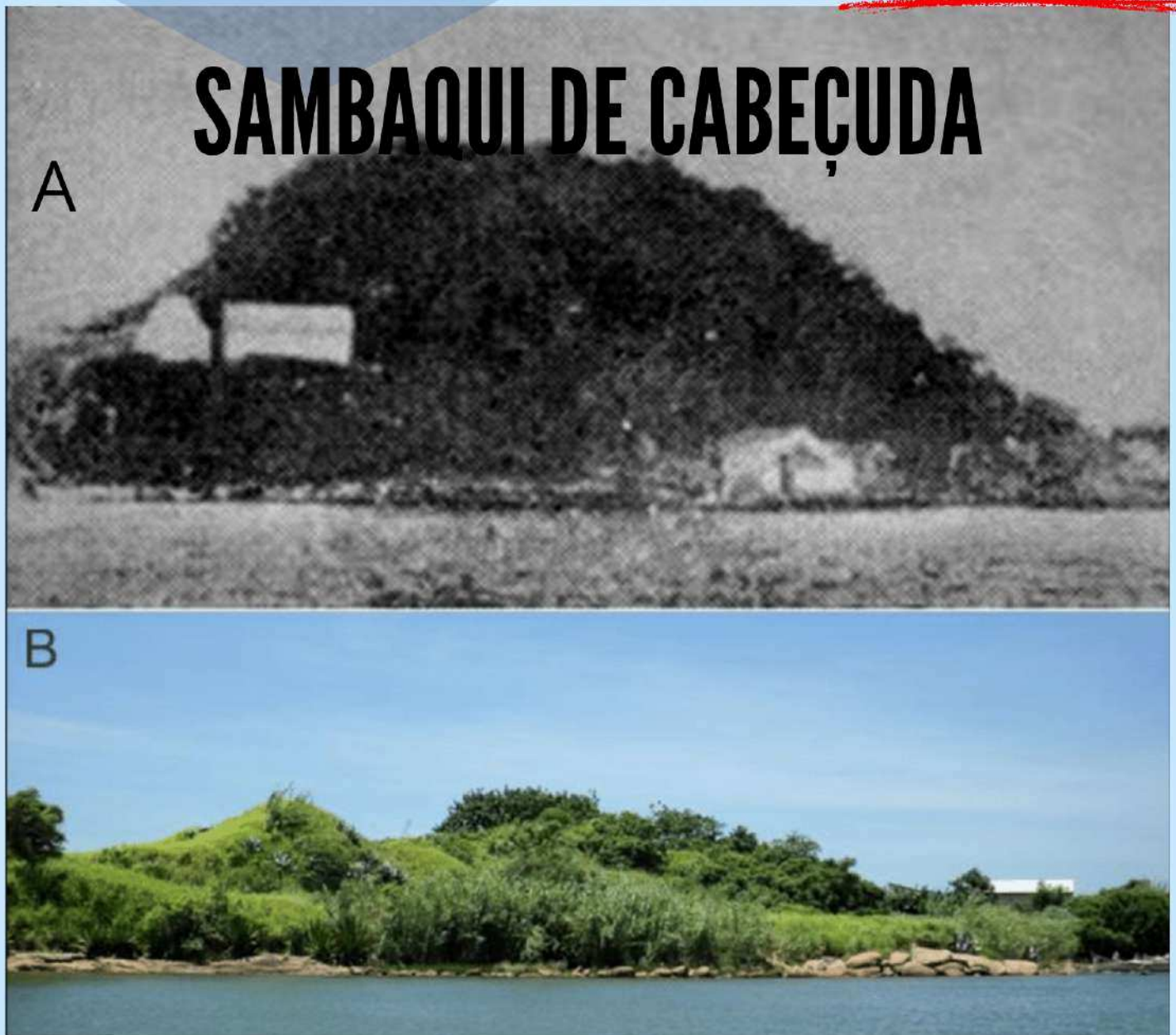
NAS CAMADAS DO TEMPO

NESTA EDIÇÃO

NOSSA VISITA

CURIOSIDADES

DIVERSÃO



-Sambaqui de Cabeçuda em 1928 (A) (FRÓES DE ABREU, 1928) e em 2012 (B) (foto de Rita Scheel-Ybert), fotografado a partir do mesmo ângulo aproximadamente (face oeste do sítio).

NAS CAMADAS DO TEMPO

EDITORIAL

Palavras dos editores

Esta revista foi planejada para compartilhar o que aprendemos sobre a história dos Sambaquis e contar um pouco sobre a cidade onde vivemos, Laguna.

Os Sambaquis são montes formados por conchas, restos de alimentos, ossos e outros vestígios deixados pelos povos antigos que viveram há milhares de anos, geralmente encontrados próximos a rios, lagos e praias.

Esses povos utilizavam os recursos que tinham na época para sobreviver e, por isso, encontramos nas pedras as chamadas oficinas líticas, locais onde eles fabricavam suas ferramentas de pedra, osso e madeira.



O Sambaqui de Cabeçuda, por exemplo, é um patrimônio histórico da nossa cidade, que precisa ser protegido e preservado para que as futuras gerações também possam conhecer essa parte tão importante da nossa história.

Esperamos que essa revista ajude você a aprender mais sobre o lugar onde vivemos, de uma forma divertida e interessante, além de despertar o interesse por cuidar do nosso patrimônio. Laguna é uma cidade tranquila, rica em tradições e costumes, que atrai visitantes de diversos lugares justamente por sua história e beleza.



VOCÊ SABIA?

Os sambaquis foram formados há milhares de anos perto de rios, lagoas e praias.

EEB Elizabeth Ulysséa Arantes

02

O SAMBAQUI DE CABEÇUDA

Poema de Luiz Guilherme

03

PROTAGONISMO EM SALA DE AULA

caça palavras

04

SAMBAQUI DE CABEÇUDA

Saiba tudo sobre o sambaqui de Cabeçuda

06

DO SATÉLITE AO PAPEL

Mapeamento do Sambaqui de Cabeçuda

07

DO NASCIMENTO À ETERNIDADE

Os Rituais dos Primeiros Habitantes

08

QUANDO A PEDRA VIRA BICHO

Saiba o que são zoólitos

09

O PEQUENO GRANDE ARTISTA

Conheça nossos desenhistas

10

A ARTE E A CIÊNCIA DA PEDRA LASCADA NA PRÉ-HISTÓRIA

História das ferramentas

11

QUIZ

Teste seus conhecimentos

12

CURIOSIDADES

Os sambaquis vão te surpreender!

13

JOGOS E DIVERSÃO

Divirta-se com nossos jogos

18

EXPLORADORES DO PASSADO

História em Quadrinhos

O Sambaqui da Cabeçuda

Por Luiz Guilherme Brígido Ferreira

O Sambaqui da Cabeçuda
tem história pra contar.

Com rimas e poesias,
iremos te ensinar.

Na construção de uma ponte,
encontraram várias ossadas,
perto de um lençol freático,
onde ninguém imaginava.

- Parem a construção!
Primeiro a preservação.

Retiraram com cuidado,
para não destruir as ossadas
e poderem estudar,
com calma e atenção,
pois a obra tinha que continuar.

Ali na Cabeçuda,
bem nesse lugar,
viviam povos antigos,
com histórias pra contar.

É importante preservar,
nossa ancestralidade conservar,
para que, com a tecnologia,
novas coisas possamos desvendar.



“Apaixonado por curiosidades e movido por um espírito investigativo incansável, Luiz Guilherme transforma cada descoberta em uma jornada fascinante.”

Leia a matéria que inspirou o poema!



Esqueleto que pode ter mais de 5 mil anos foi encontrado em Laguna (Foto: Reprodução/RBS TV)





Protagonismo em sala de aula

“Esta edição traz um caça-palavras especial, criado pelas alunas Valentina e Lívia durante as aulas de História. A atividade foi desenvolvida com criatividade e atenção aos detalhes, destacando o protagonismo das estudantes na construção do conhecimento.”

CAÇA HISTÓRIA

As palavras deste caça palavras estão escondidas na horizontal, vertical e diagonal, sem palavras ao contrário.

```

A N T I Z A Y D U R C H K M A R D A T W H L
I A E E O A R Q U E O L O G I A A S M R O I
A C V N O U H L D E N F T N M D G R S O D R
O G O H L T S A R F C L O A U E R E A I S R
I E R W I E C S K A H M E R R L I I M O I A
R S T S T S I Q W E A R T I I W C N B E U P
A I T O O H T T A D S E H E O I U B A U E R
V H T O S L E O E A T P A P R T L N Q C O K
E W D U I O E S R L E E O A E S T S U E T D
S A M B A Q U I E I R O S S R D U A I H O I
T H P A C I E N C I A A M A P E R I S I O T
I I R E E T S I N A U D L E R I A A S T Y S
G S E D E N T A R I S M O H A E U L S S A A
I I I I L P S S N H A H L R V D N H L D T S
O P A B O E I E E E G M A T E R I A S E E A
S S E P U L T A M E N T O S L S S N T C S T
  
```

AGRICULTURA	HISTORIADORES	PEDRAS	SEDENTARISMO
ARQUEOLOGIA	MATERIAS	RITUAIS	SEPULTAMENTOS
CIENCIA	NOMADES	SAMBAQUIEIROS	VESTIGIOS
CONCHAS	PECUARIA	SAMBAQUIS	ZOOLITOS

Essa foi a primeira vez que utilizaram a internet para desenvolver esse tipo de atividade, o que tornou a experiência ainda mais especial.

🗣️ *"Achamos muito divertido fazer o caça-palavras! Nunca tínhamos feito um usando a internet."* — Valentina e Lívia

A iniciativa das alunas mostra como o uso de recursos digitais pode enriquecer o aprendizado em História, tornando-o mais interativo e envolvente.

Parabéns, Valentina e Lívia, pela criatividade e dedicação!



Explorando Passado Caça-Palavras Arqueológico

Durante as aulas de História, as alunas Valentina e Lívia demonstraram grande interesse pelo tema dos sítios arqueológicos. Como parte das atividades, elas criaram um caça-palavras utilizando a ferramenta online do site Geniol.



Acesse o site usado pelas alunas

SAMBAQUI DE CABEÇUDA

O Sambaqui de Cabeçuda, escavado na década de 1950 por Luiz de Castro Faria, pesquisador do Museu Nacional (CASTRO FARIA, 1952, 1959, 1999), se reveste de enorme importância no cenário da arqueologia brasileira, por ter sido o primeiro sambaqui de grandes dimensões sistematicamente estudado e pela relevância dos materiais nele coletados. Até 1928, o sambaqui ainda apresentava grandes dimensões, apesar de já ter uma caieira instalada sobre ele (FRÓES DE ABREU, 1928; CASTRO FARIA, 1959). Seu tamanho original foi estimado em 22 m de altura por 400 m de diâmetro, com volume em torno de 53.000 m³ (ROHR, 1962; MENDONÇA DE SOUZA, 1995). Estimativas sobre a escala atual do sítio sugerem menos de um quarto da área original preservada (Figura 1).

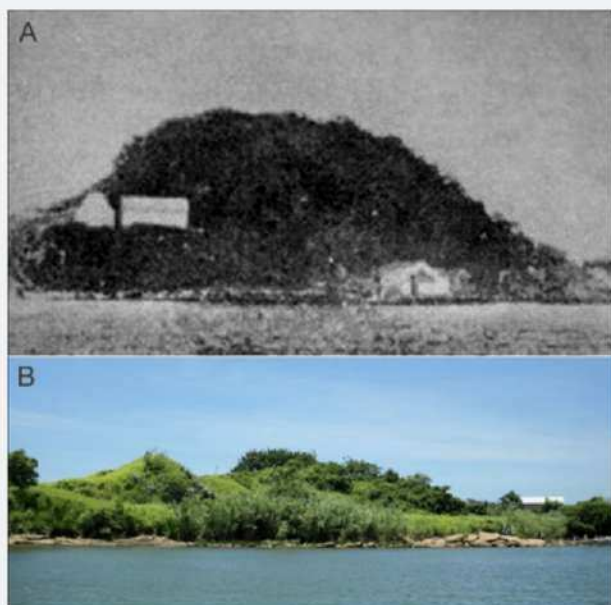


Figura 1 – Sambaqui de Cabeçuda em 1928 (A) (FRÓES DE ABREU, 1928) e em 2012 (B) (foto de Rita Scheel-Ybert), fotografado a partir do mesmo ângulo aproximadamente (face oeste do sítio).

Já no início da década de 1950, uma porção considerável do Sambaqui de Cabeçuda havia sido destruída, embora sua parte central permanecesse relativamente intacta (CASTRO FARIA, 1959). Um dos fatores mais significativos dessa destruição foi a exploração de conchas para a fabricação de cal. Uma caieira (forno para produção de cal) foi instalada diretamente sobre o sítio arqueológico e, junto a pelo menos outras duas nas proximidades, funcionou continuamente até a década de 1960, processando as conchas extraídas do local.

Outros impactos relevantes ocorreram com a construção da ferrovia Teresa Cristina (1882) e da rodovia BR-101 (1934), que cortaram uma das laterais do sambaqui e utilizaram parte de seu material como aterro. Com o passar do tempo, a instalação de moradias também comprometeu o pacote arqueológico. Mais recentemente, durante as obras de duplicação da BR-101, um dos pilares de uma ponte foi construído sobre área arqueológica.

Como consequência, uma campanha de salvamento arqueológico foi realizada em setembro de 2012 pelo GRUPEP-UNISUL, na parte norte do sítio (FARIAS & DEBLASIS, 2014).

Referências

FARIAS, D. S. E.; DEBLASIS, P. Programa de salvamento arqueológico e educação patrimonial na área de duplicação da BR-101 trecho Ponte de Cabeçuda, Laguna/SC– Relatório final. Tubarão: GRUPEP/UNISUL, 2014. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/709> Acesso em: 29 maio

CARACTERIZAÇÃO DO SÍTIO NO CONTEXTO REGIONAL

O Sambaqui de Cabeçuda se situa entre as lagoas de Santo Antônio dos Anjos e Imaruí, na localidade de Cabeçuda, município de Laguna, litoral sul de Santa Catarina, localizando-se pelas coordenadas UTM 712601-6852170 (KNEIP, 2004). Ele se assenta parcialmente sobre uma paleoduna, de sedimento areno-argiloso marrom avermelhado, e sobre o embasamento rochoso. O sítio consiste atualmente em uma construção formada por duas elevações monticulares, ambas com aproximadamente 11 m de altura. Sua porção norte encontra-se quase que totalmente destruída, assim como grande parte de sua área leste e sudoeste, 173 Mudanças e permanências no Sambaqui de Cabeçuda (Laguna, SC)... | Rita Scheel-Ybert et al o que se deve não só às atividades da antiga caieira e à construção do corredor viário como ao impacto da aglomeração urbana instalada sobre ele.

A cobertura vegetal original era formada pela Mata Atlântica, que ocupa o flanco das serras do leste catarinense, e a Restinga, ecossistema característico da cobertura arenosa costeira do Quaternário (KLEIN, 1978). A restinga, tipo de vegetação intimamente associada à ocupação sambaquiana, se caracteriza por um mosaico de habitats distribuídos de acordo com uma zonation que vai da beira da praia em direção ao interior (ARAÚJO & HENRIQUES, 1984; SCHEEL-YBERT, 2014). Toda a planície costeira está atualmente bastante antropizada e alterada. O Sambaqui de Cabeçuda integra uma área de intensa ocupação pré-histórica que vem sendo bastante estudada ao longo dos últimos anos. DeBlasis et al (2007) propuseram um modelo de ocupação para a área a sul do sambaqui de Cabeçuda, denominada “Paleolaguna de Santa Marta”, que descreve comunidades de pescadores construtores de sambaquis, sedentárias e bem articuladas socialmente, perfeitamente adaptadas a uma paisagem ao mesmo tempo estável e cambiante.



Sambaqui de Cabeçuda com localização dos loci (L) e das intervenções realizadas (AE = área de escavação; P = perfil; p = perfilite; s = sondagem); SA = área abrangida pelo salvamento arqueológico realizado em 2012 (FARIAS & DEBLASIS, 2014); OL = oficina lítica (RODRIGUES-CARVALHO et al., 2011). A linha tracejada laranja indica os limites aparentes aproximados do sítio. Escala = 20 m (adaptado a partir de imagem do Google Earth de 26/10/2011).

Do satélite ao papel

Mapeando o sambaqui de Cabeçuda

Nesta atividade, exploramos a cartografia como uma ferramenta para compreender o espaço onde vivemos. A partir da leitura de imagens de satélite, localizamos o sambaqui de Cabeçuda, em Laguna, e traçamos juntos o caminho que percorremos até ele.

Estudamos os elementos de um mapa, como a orientação, os pontos de referência e a representação do espaço. Com base nessa observação, o aluno Yuri Pietro produziu um desenho representando o trajeto feito pela turma, identificando ruas, vegetação, a ponte Anita Garibaldi e a margem da lagoa.

Esse trabalho mostra como a cartografia vai além de mapas prontos: ela nos ajuda a enxergar o território com mais atenção e a registrar nossas vivências nele. Ao transformar o caminho em desenho, Yuri Pietro também transformou o conhecimento em memória e expressão.



Yuri em visita ao sambaqui de Cabeçuda, observando o território representado depois no desenho.

Imagem de satélite da região do sambaqui de Cabeçuda, utilizada como base para o estudo do território.



Ilustração: Yuri Pietro – 5º ano

Do Nascimento à Eternidade:

OS RITUAIS DOS PRIMEIROS HABITANTES



TEXTO PRODUZIDO POR ANA RUTH DOS SANTOS GORDO



O RITUAL DOS SAMBAQUIEIROS

Os sambaquieiros realizavam um ritual impressionante, embora, para nós, um pouco estranho. Os sambaquis funcionavam também como cemitérios. Era ali que os sambaquieiros enterravam seus entes queridos. Alguns corpos eram colocados na posição fetal, o que simbolizava a ideia de um ciclo: da barriga da mãe até a morte (embora nem todos fossem enterrados assim).

Ao lado dos corpos, às vezes eram colocados pedaços de madeira, zoolitos (objetos esculpidos em pedra) ou colares feitos de conchas.



Sepultamento escavado no sambaqui Cabeçuda-01 em Laguna, Santa Catarina. Foto: Alexandro Demathé. Acerto GRUPEP-Arqueologia

🔍 QUER SABER MAIS?

Acesse a página do Museu Nacional e conheça mais sobre os sambaquis e a arqueologia brasileira!

<https://www.museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/arqueologia/arqueologia-brasileira/sambaquis.html>

📱 Aponte a câmera do seu celular para o QR Code e descubra!



Ana Ruth, autora do texto sobre os rituais dos sambaquieiros, é uma aluna estudiosa, curiosa e dedicada.

Extrovertida e sempre atenta, participa com entusiasmo das rodas de conversa, contribuindo com ideias criativas e observações inteligentes.

Seu interesse pelos saberes antigos revela um olhar sensível para a história e a cultura do nosso povo.

Quando a pedra vira bicho



**ZOÓLITOS: ESCULTURAS
MILENARES FEITAS POR
MÃOS MUITO ANTIGAS**

Zoólitos: esculturas antigas feitas em forma de animal

Zoólitos são pedras esculpidas em forma de animais. A palavra “zoólito” significa “animal em pedra” (zoo = animal / lito = pedra). Esses objetos foram feitos há muito tempo por povos que viveram antes mesmo dos indígenas.

Uma das utilidades dos zoólitos era representar animais sagrados. Eles eram feitos com pedras que podiam ser esculpidas com mais facilidade. Muitas vezes, tinham origem cultural, espiritual ou contavam histórias importantes para esses povos.

✍️ TEXTO DE ALICE — 5º ANO



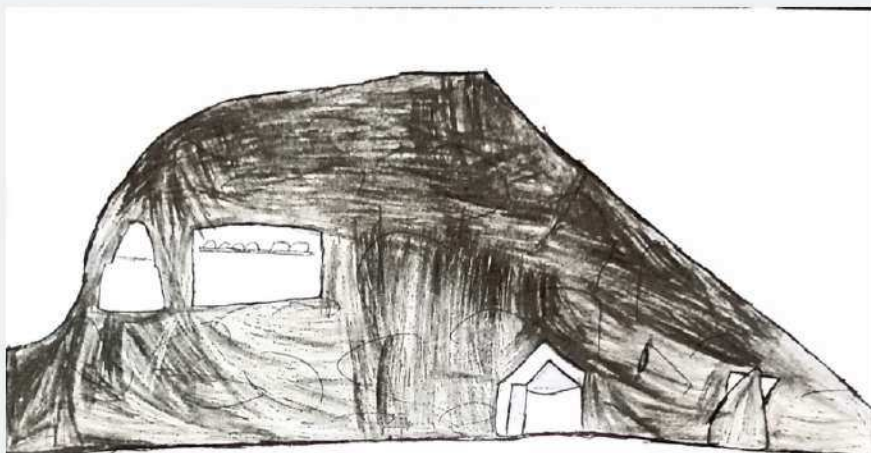
Coleção de zoólitos encontrados em sambaquis, no Museu do Homem do Sambaqui, em Florianópolis.

Sinais de Produção Especializada

Os zoólitos — esculturas em pedra que representam animais — revelam um trabalho artesanal muito refinado. A complexidade dessas peças indica que não eram feitas por qualquer pessoa, mas por artesãos habilidosos que provavelmente atuavam em centros especializados de produção. Além disso, a descoberta de zoólitos em diferentes regiões, como Santa Catarina e até no Uruguai, sugere que havia trocas culturais entre povos que viviam a grandes distâncias. Isso mostra que esses grupos mantinham contato, compartilhando saberes, técnicas e objetos simbólicos.

Fonte: Museu Nacional (UFRJ), super.abril.com.br/hid0141.blogspot.com

O PEQUENO grande artista



Autor Davi: Sambaqui da Cabeçuda em Laguna SC.



Davi é uma criança autista que une talento artístico e raciocínio lógico com naturalidade. Neste desenho, ele retrata o Sambaqui de Cabeçuda, em Laguna (SC), com traços firmes e cheios de intenção. Sua paixão por matemática e seu interesse por jogos como GTA 4 revelam um menino observador, criativo e com grande capacidade de concentração. Com sensibilidade e atenção aos detalhes, Davi nos convida a enxergar a história sob uma nova perspectiva.



Autor Luiz Otávio: Povos nômades.

Luiz Otávio é uma criança autista apaixonada por tecnologia e com um olhar sensível para o mundo. Neste desenho, ele retrata com criatividade uma cena pré-histórica, repleta de personagens, movimento e expressão. Seu traço firme e detalhado revela sua imaginação fértil e sua dedicação à arte. Com seletividade alimentar, Luiz opta por alimentos saudáveis e demonstra, em tudo o que faz, curiosidade, inteligência e cuidado.

A ARTE E A CIÊNCIA

da pedra lascada na Pré-história

A história das ferramentas de pedra começa milhões de anos atrás, com os primeiros hominídeos que descobriram a utilidade de golpear uma pedra contra outra para criar gumes afiados. Essa técnica, conhecida como lascamento, transformou simples rochas em instrumentos versáteis. Os seixos lascados, como os encontrados em Olduvai Gorge, na África, são alguns dos exemplos mais antigos. Eles eram usados para quebrar ossos, cortar carne e trabalhar madeira, abrindo um leque de possibilidades para a subsistência.

Com o tempo, as técnicas se aprimoraram. Desenvolveram-se ferramentas mais especializadas, como os bifaces (machados de mão), característicos do Paleolítico Inferior. Esses instrumentos simetricamente trabalhados eram multifuncionais, usados para cortar, raspar e cavar. A precisão na sua confecção demonstra um avanço significativo no raciocínio e nas habilidades manuais dos nossos antepassados.



Representação de ferramentas feitas de pedra lascada.

À medida que as sociedades antigas evoluíam, também evoluíam as ferramentas de pedra. No Paleolítico Superior, a variedade se expandiu drasticamente. Surgiram as lâminas, peças longas e finas com gumes extremamente afiados, que podiam ser encaixadas em cabos para criar lanças e flechas. Também eram comuns os raspadores, ideais para preparar peles de animais, e os buris, usados para gravar em ossos e chifres.

A escolha da pedra também era crucial. Sílex, quartzito e obsidiana eram materiais preferidos devido à sua capacidade de produzir lascas afiadas e resistentes. A busca por esses materiais e o conhecimento de suas propriedades geológicas demonstram uma compreensão sofisticada do ambiente..

O domínio da tecnologia lítica não apenas melhorou a capacidade de sobrevivência dos hominídeos, mas também impulsionou o desenvolvimento cognitivo e social. A transmissão do conhecimento de como produzir essas ferramentas de geração em geração foi fundamental para a cultura e a inovação. Elas são a prova tangível da inteligência e da adaptabilidade dos nossos ancestrais, pavimentando o caminho para todas as outras invenções que viriam.



Exemplo de artefato ósseo encontrado no Sambaqui de Cabeçuda, campanha 2012 (limpeza do Perfil 1B, Seção 4-6m) (foto Lilian Cardoso).



Quiz: Descobrimos os Segredos dos Sambaquis

Produzido por Ana Ruth, aluna pesquisadora da turma 🧠🌟

wordwall.net/pt/resource/93457259



Jogue também online!

Acesse pelo QR Code ➡



1. Quais ferramentas foram utilizadas pelos povos da pré-história?

- ◆ Lâminas de machado, pá, mão de pião, quebra-coquinhos.

2. Qual a importância do Sambaqui da Cabeçuda?

- ◆ É um dos sítios arqueológicos mais importantes do Brasil.

3. Quais materiais são encontrados nos sambaquis?

- ◆ Além de conchas, são encontrados ossos de animais, artefatos e sepultamentos humanos.

4. Como era a vida dos povos sambaquieiros?

- ◆ Eles viviam da caça, pesca e coleta de alimentos.

5. O que a palavra “sambaqui” quer dizer?

- ◆ São amontoados de conchas de moluscos, formados ao longo de milhares de anos.

6. Podemos destruir o sambaqui para pegar conchas?

- ◆ ✗ Não! Eles são antigos e precisam ser preservados.



CURIOSIDADES



QUE VÃO TE SURPREENDER!

1. Por que montes de conchas viraram coisa de arqueólogo?

Os sambaquis podem parecer só um monte de conchas jogadas, mas na verdade são verdadeiros tesouros arqueológicos! Eles guardam restos de comida, objetos e até esqueletos humanos que ajudam os cientistas a entender como viviam os primeiros povos do Brasil. Cada camada de conchas conta uma parte da história.

3. Não era só comida... era cultura!

É verdade que os sambaquis guardam restos de alimentos como peixes, moluscos e frutos do mar, mas eles também têm muito mais. Ferramentas de pedra, restos de fogueiras, enfeites e até instrumentos musicais mostram que esses povos tinham uma vida rica em saberes e expressões culturais.

2. Já pensou em um cemitério feito de conchas?

Muitos sambaquis funcionavam como cemitérios. Quando alguém morria, era enterrado ali com objetos especiais, como colares feitos de dentes, machadinhas de pedra ou esculturas em ossos. Isso mostra que os sambaquianos tinham rituais e acreditavam que a morte fazia parte de algo maior.

5. Têm sambaquis mais velhos que as pirâmides!

Alguns sambaquis brasileiros têm mais de 5.000 anos! Isso quer dizer que eles são mais antigos que as pirâmides do Egito. Esses montes de conchas duraram tanto tempo porque foram feitos aos poucos, com muito cuidado, e acabaram sendo protegidos pelo tempo e pela natureza.

4. Morar perto de montes de conchas?

Sim!

Os povos sambaquianos viviam perto dos sambaquis porque ali havia tudo o que precisavam: comida, água, madeira e um bom lugar para construir suas casas. Eles pescavam, caçavam, colhiam frutas e faziam fogueiras em grupo. Era uma vida simples, mas muito conectada com a natureza.

6. São um verdadeiro laboratório do passado!

Para os arqueólogos, os sambaquis são como um livro aberto. Eles escavam cuidadosamente cada parte para descobrir o que os antigos comiam, como se organizavam, como tratavam os mortos e até como faziam arte. Cada descoberta traz uma peça a mais para montar o quebra-cabeça da nossa história.

7. Arte até nos ossos!

Em muitos sambaquis, foram encontradas esculturas feitas em ossos ou pedras, representando animais, pessoas e até figuras misteriosas. Isso mostra que aqueles povos tinham um senso de beleza e criatividade, e talvez até usassem a arte para contar histórias ou se comunicar com os espíritos.

ACHE OS 8 ERROS ESCONDIDOS

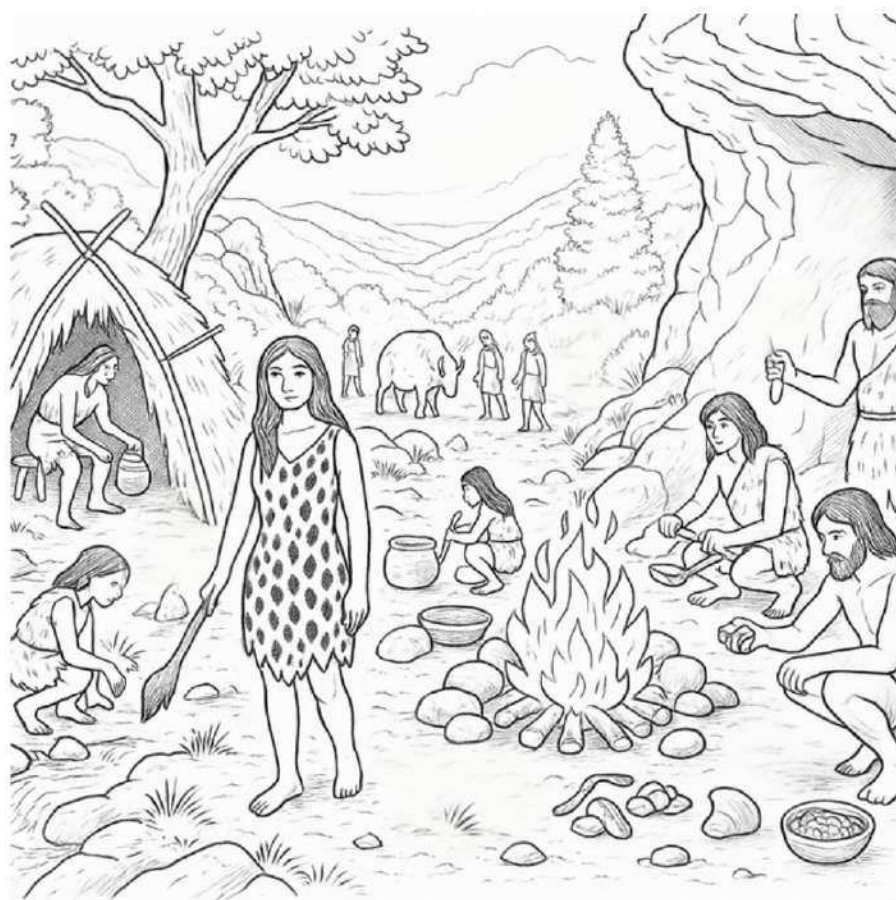
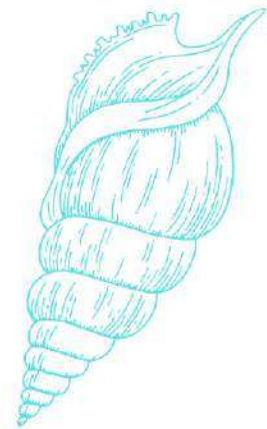
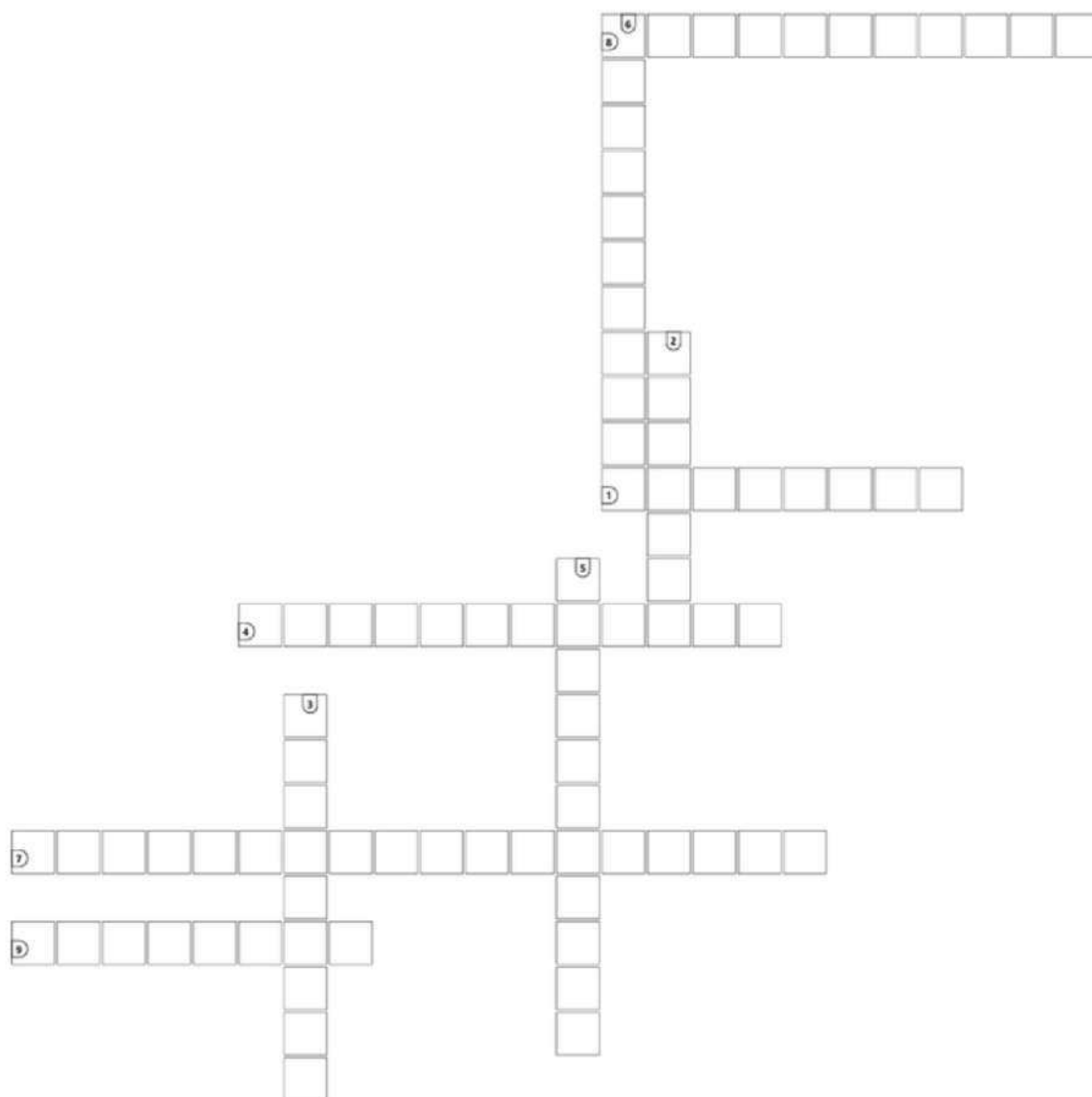


Imagem elaborada com auxílio da inteligência artificial ChatGPT (OpenAI), editada no aplicativo Brush.

SABERES DOS POVOS ANTIGOS



- 1.Acúmulo de terras, conchas e restos utilizados por povos antigos.
- 2.Deslocamento constante de um lugar para outro em busca de recursos.
- 3.Ato de fixar-se e viver por um longo período em um mesmo lugar.
- 4.Ciência que estuda vestígios de sociedades do passado.
- 5.Profissionais que buscam e analisam objetos antigos para entender a história.
- 6.Local onde se investigam os vestígios deixados por civilizações antigas.
- 7.Atividade que permitiu o cultivo e a colheita de plantas.
- 8.Prática de domesticar e cuidar de animais para alimentação ou trabalho.



DESAFIO DOS SAMBAQUIS: VERDADEIRO OU FALSO?

Você conhece mesmo os sambaquis? 🤔

Essas incríveis construções feitas há milhares de anos ainda guardam muitos mistérios! Leia cada afirmação com atenção e marque (V) para verdadeiro ou (F) para falso. Depois, desafie seus colegas no jogo online e descubra quem manda bem na história! 🔥



✏️ As frases foram criadas pelos alunos Luana e Lucas, que são irmãos gêmeos! Mesmo com jeitinhos diferentes de aprender, os dois toparam o desafio de pensar juntos nessas perguntas.

- 1) () O SAMBAQUI É UMA ATIVIDADE DE PECUÁRIA.
- 2) () NO MAR DO SAMBAQUI HÁ PRÁTICA DE AGRICULTURA.
- 3) () OS SAMBAQUIS SÃO SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS.
- 4) () PERTO DO SAMBAQUI HÁ CASAS CONSTRUÍDAS.
- 5) () EXISTEM MORADORES QUE VIVEM PRÓXIMOS AOS SAMBAQUIS.

🎮 Bora jogar?

Teste seus conhecimentos sobre o Sambaqui de Cabeçuda!

Agora que você já aprendeu um pouco mais sobre os sambaquis, que tal testar o que sabe em um jogo online superdivertido? No jogo, você vai encontrar todas as perguntas da página de Verdadeiro ou Falso — e muitas outras curiosidades sobre o Sambaqui de Cabeçuda, esse lugar cheio de histórias do nosso passado!

wordwall.net/pt/resource/93619468

📄 Acesse pelo QR Code ao lado e comece a jogar!
Chame seus colegas, jogue em dupla, em grupo ou sozinho. O importante é se divertir aprendendo!

👉 Quem será o maior conhecedor de sambaquis da escola? Descubra agora mesmo!



Sambaquis de Laguna: o passado que a gente pinta

Você sabia que, há milhares de anos, povos antigos viviam perto do mar e deixaram pistas incríveis sobre como era a vida naquele tempo?

Essas pistas estão escondidas nos sambaquis, montes de conchas, ossos, utensílios e outros materiais que contam histórias do nosso passado!

Agora é a sua vez de explorar como um pequeno arqueólogo: pegue seus lápis de cor e descubra os segredos dos sambaquis enquanto pinta!

Neste desenho, duas crianças estão explorando um sambaqui como verdadeiros arqueólogos! Elas usam pincéis e ferramentas para descobrir conchas e objetos escondidos. Que tal imaginar o que elas vão encontrar e dar cor a essa aventura?



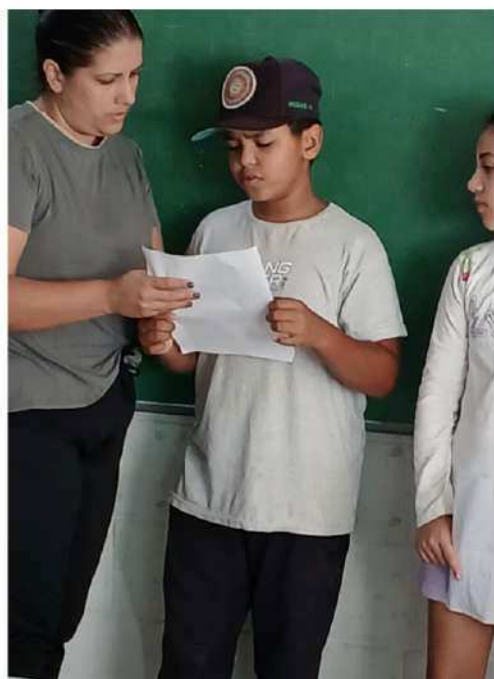
Imagens elaboradas com auxílio da inteligência artificial ChatGPT (OpenAI)



Este é um desenho de um sambaqui, um monte feito de conchas, ossos e objetos deixados por povos que viveram há muito tempo. Eles costumavam morar perto do mar e deixar essas pistas que hoje ajudam os arqueólogos a entender o passado.

VENÂNCIO:

ALEGRIA EM MOVIMENTO



Venâncio é pura energia — corre, pula, joga bola e faz da Educação Física o seu palco favorito! Vive com um sorriso no rosto e um brilho no olhar, como quem carrega mil ideias dançando na cabeça. Na hora de fazer a revista, ele até tentou, mas sua mente inquieta logo saiu voando... talvez atrás de uma bola, talvez atrás de um "namoro", que a professora vive lembrando: “Ei, criança não namora!”

Mesmo sem escrever ou desenhar, Venâncio marcou presença com seu jeito único de estar no mundo. Ele é daqueles que não precisam de papel para deixar sua marca. Nesta revista, ele é parte da história — com suas risadas, suas corridas e o coração do tamanho do recreio.

Poema para Venâncio

Venâncio é vento, é raio de sol,
passa correndo, dá riso e lençol.
No campo, na quadra, vive a brincar,
mas quando é pra escutar... já vai passear!

Adora pular, correr, se jogar,
E quando a professora vem avisar:
“Criança não namora!” — ele finge não
escutar!

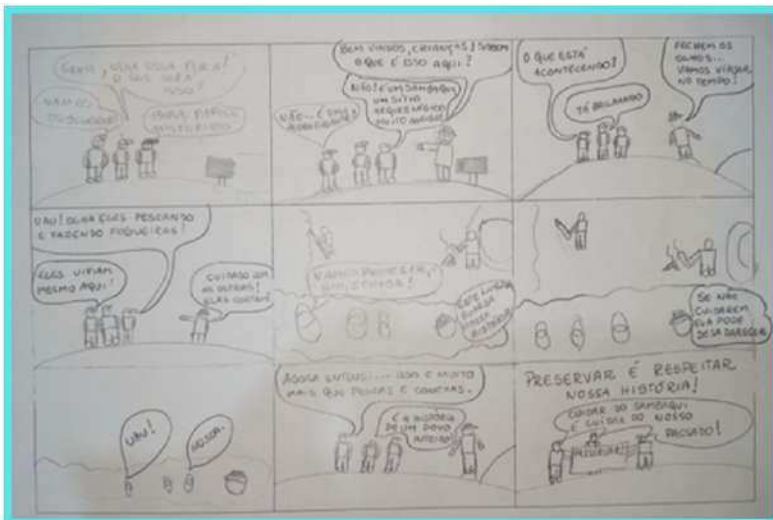
Tem dias que fala com os olhos no chão,
outros, explode em pura agitação.
Não fez um desenho, nem texto rimado,
Mas, a revista também é dele.
Porque ser da turma é mais do que fazer,
é estar junto, é viver, é pertencer.

E o Venâncio, com seu jeito de furacão,
tem lugar garantido no nosso coração.



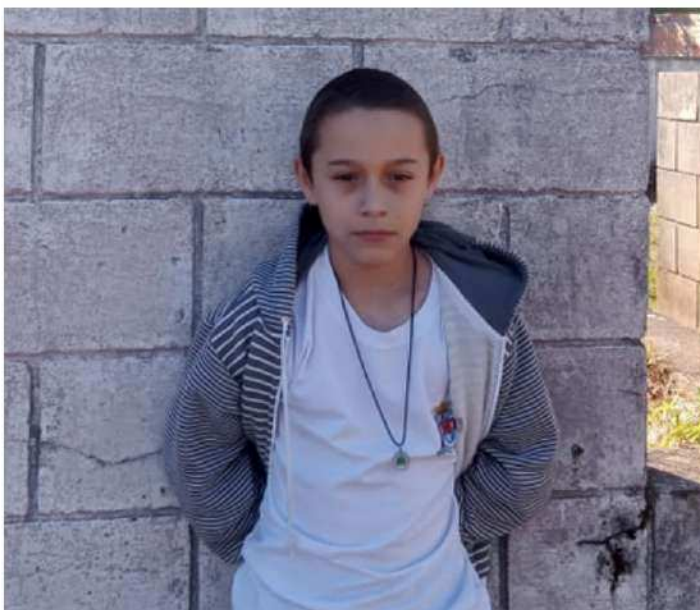
EXPLORADORES do PASSADO EM AÇÃO!

Sobre a criação da história em quadrinhos



A história "O Segredo do Sambaqui da Cabeçada" foi entregue pronta aos alunos Luiz Otávio e Cristian, que tiveram a missão de dar vida à narrativa por meio dos desenhos. Com sensibilidade, criatividade e atenção aos detalhes, eles criaram os quadrinhos que retratam essa aventura educativa de forma única e expressiva.

Posteriormente, os desenhos foram recriados em uma versão digital colorida com o apoio do ChatGPT, ferramenta de inteligência artificial da OpenAI. A tecnologia foi utilizada para respeitar o estilo original dos alunos, destacando ainda mais a beleza do trabalho feito por eles. Essa integração entre arte, educação e tecnologia mostra como a criatividade dos estudantes pode ser potencializada com novas ferramentas, sem perder sua essência.



Cristian é um aluno que vem se destacando por sua criatividade e imaginação ao produzir histórias e enredos originais. Embora ainda enfrente desafios com a leitura em letra cursiva e apresente uma caligrafia por vezes difícil de entender, ele tem mostrado avanços significativos e muita dedicação em sua trajetória. Tímido, mas sempre atento, Cristian se esforça para participar dos debates e das atividades em grupo, contribuindo com ideias inteligentes e sensíveis. Sua produção em quadrinhos é um reflexo de seu talento e da vontade de aprender cada vez mais.

Parabéns Cristian, você arrasou na produção da História em Quadrinhos.





**Versão digital desenvolvida com apoio do ChatGPT,
inspirada nos desenhos de Luiz Otávio e Cristian.**

RESPOSTA DO CAÇA HISTÓRIA

CAÇA HISTÓRIA

As palavras deste caça palavras estão escondidas na horizontal, vertical e diagonal, sem palavrão contrário.



AGRICULTURA
ARQUEOLOGIA
CIENCIA
CONCHAS

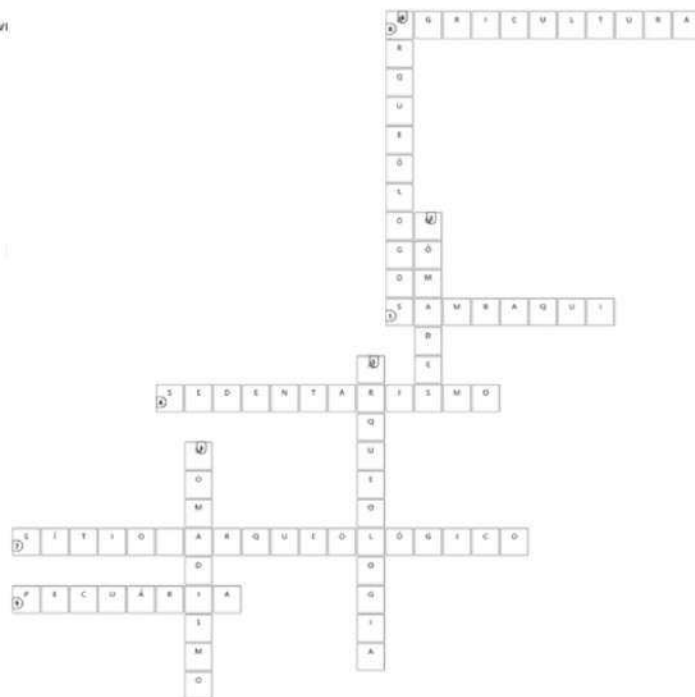
HISTORIADORES
MATERIAS
NOMADES
PECUARIA

PEDRAS
RITUAIS
SAMBAQUIEIROS
SAMBAQUIS

SEDENTARISMO
SEPULTAMENTOS
VESTIGIOS
ZOOLOTOS

jogue mais caça palavras em geniol.com.br/caca-palavras

RESPOSTA DA CRUZADINHA



RESPOSTA DOS 8 ERROS



RESPOSTA DO VERDADEIRO OU FALSO

- 1) FALSO – O SAMBAQUI NÃO É UMA PECUÁRIA; É UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO FORMADO POR RESTOS DE CONCHAS, OSSOS E ARTEFATOS ANTIGOS.
- 2) FALSO – NO MAR NÃO SE PRATICA AGRICULTURA; ESSA ATIVIDADE ACONTECE EM TERRA FIRME.
- 3) VERDADEIRO – OS SAMBAQUIS SÃO SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS IMPORTANTES PARA ESTUDAR POVOS ANTIGOS.
- 4) VERDADEIRO – EM ALGUNS LUGARES, HÁ CASAS PRÓXIMAS AOS SAMBAQUIS.
- 5) VERDADEIRO – EXISTEM MORADORES QUE VIVEM PERTO DESSES SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS.

HI NO DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA ELIZABETH ULYSSÉA ARANTES

Autoras/ letra: Juliana Fagundes de Carvalho Luz e
Geovana Pereira

Compromisso com a **educação**,
Incluindo o **cidadão**,
Aprendendo para o **mundo** e para a **vida**,
Com o exemplo da **Betinha** tão querida.



Construindo nossa **nação**, Com a paz no coração,
Parceria no **ensinar** e no **aprender**,
Ser **solidário** e com todos **conviver**.

Compromisso com a **educação**,
Incluindo o **cidadão**,
Aprendendo para o **mundo** e para a **vida**,
Com o exemplo da **Betinha** tão querida.

Construindo nossa **nação**,
Com a **paz** no coração,
Parceria no **ensinar** e no **aprender**,
Ser **solidário** e com todos **conviver**.

Escola de Educação Básica Elizabeth U. Arantes

5º ano

1ª EDIÇÃO

2025



Experiências Pedagógicas - Curso de Formação Continuada -

Sambaquis nos Anos Iniciais

E.E.B. Prof.^a Iracy Virgínia Rodrigues

Prof.^a: Yane Cardoso Mokos

Turma: 5º ano

Componentes Curriculares: História, Ensino Religioso e Língua Portuguesa

Tema: Os Povos das Conchas

Relato das experiências desenvolvidas

Em setembro de 2024 realizei uma formação com a professora Joice, recordo-me certinho do clima, era um dia chuvoso, voltei tão aquecida e inspirada, porque ela é assim, (deixa a gente inquieta e cheia de ideias). Quero aqui falar todo meu afeto e admiração pelo encontro potente que ela nos proporcionou. Eu sabia do grande compromisso ético que tinha ao voltar para a sala de aula com as crianças e ressignificar seu território mediante uma imersão no modo de vida dos Povos dos Sambaquis.

Foi então, no mês de agosto/2024, com o grupo de 4º ano (matutino e vespertino) que iniciamos um estudo sobre os Sambaquis. A sensibilização do espaço é algo muito importante para mim, todas as crianças deitadas em colchonetes, num ambiente aconchegante a luz de velas, num formato de relaxamento escutaram o conto: O mistério dos Sambaquis: Um conto de aventura. E assim foi o primeiro contato das crianças com o tema. Num outro momento, diante de várias imagens ampliadas com cenas do cotidiano dos povos do Sambaquis, começaram a surgir os questionamentos: “Como eles enfrentavam o frio?”, “Eles eram indígenas?” “Como chegaram aqui?”, muitas hipóteses iam sendo levantadas e eu mais uma vez sentia vontade de conhecer e buscar respostas com a turma. Voltamos ao conto e resolvemos confeccionar os personagens, pois o processo de ensinar e de aprender se torna mais significativo ao costurar esses laços afetivos.

Os bonecos foram iniciados, no entanto, não foram finalizados naquele ano. Senti a necessidade de fazer um movimento de retorno ao tempo, porque parece um tanto abstrato, imaginar como era a vida ali, em nossa comunidade em torno de 6000 mil anos, e assim, retornamos juntos no tempo. Utilizamos imagens no data show dos slides que foram utilizados no curso e mergulhamos neste contexto. Foi com a confecção dos zoólitos com argila, que questões importantes foram levantadas? “Devia ser difícil esculpir em pedras?”, “Que ferramentas eles usavam?” “O que cada animal significava?”. Em Ensino Religioso íamos conhecendo os rituais funerários, por meio de leitura de imagens, com muita imaginação, roda de conversas, pesquisa e respeito.

No primeiro encontro deste ano com a professora Joice, levei para a casa o livro de Urda Alice Klueger e mais apaixonada ficava pela história dos “Povos das Conchas”, comecei a encontrar algumas respostas, que me lançavam a mais perguntas. Neste ano de 2025, dei continuidade ao trabalho com as mesmas turmas, agora eles estão 5º ano, decidi então, ler com as crianças o livro da senhora Urda dividindo-o em partes, e ao lerem tinham a missão de apontarem o que era relevante e assim deixávamos registrados em áudios, que posteriormente foram escritos em itens. Foi muito lindo, confesso que em alguns pontos a discussão ia tão longe, que o tempo voava e de fato, estávamos nos aprofundando e cada vez mais perto dos Povos dos Sambaquis. Nos chamou a atenção as camadas de riqueza histórica presentes no Sambaquis, foi então, que cada criança a sua maneira ilustrou como imaginava a vida destes povos, e por fim fizemos a capa do sambaqui, colando areia, pó de carvão, e pedrinhas num trabalho coletivo. Estudamos um lindo poema presente na revista: “Guardião de Pedras: Vozes dos Zoólitos e Sambaquis” e assim, retornamos aos personagens (Cauê, Jaciara e ancião) e conseguimos finalizá-los. Cada criança está levando uma “Sacola Viajante” para casa, com o conto, poemas, imagens e informações (plastificadas) em uma pastinha e está compartilhando com seus familiares partes da história que vivenciaram em sala, como multiplicadores desta história, de sua história, que sente o desejo e o anseio de visitar estes territórios, o seu próprio território.

Cada encontro me lançava a começar uma nova sequência de trabalho, que me levava a mais questionamentos, que me proporciona a novas descobertas e assim a Joice, com toda sua leveza e sabedoria ia nos inspirando a “ressignificar” essa linda história e assim trazê-la viva em nossos corações.

Ao olhar as fotos, os registros, relembrar o caminho trilhado em sala com as crianças, sinto-me mais segura ao tornar visível esta história, a nossa história e isto me dá um sentimento muito grande de pertencimento a esta Comunidade.

Quando a equipe de professores foi visitar os Sambaquis e Farol de Santa Marta, era também um dia chuvoso e eu novamente senti tanta emoção, porque era o fechamento de um ciclo, compartilhar, rir e conviver um dia com as colegas de

trabalho foi muito revigorante, até a parada para o lanche em volta do fogão a lenha foi uma nostalgia, um presente.

Os povos dos Sambaquis faziam parte de minhas aulas, mas, de forma muito tímida, essa experiência durante os encontros, com as colegas, com a literatura e com as crianças, tirou-me do raso, levando-me a um desejo de mergulhar mais fundo e conhecer mais sobre esses povos. Esta formação reacendeu um desejo profundo de estudar e assim resistir a qualquer tipo de dominação, superar a miopia, romper o silêncio. Ensinou-me a manter vivo o respeito e admiração por nossos antepassados, pelos povos originários. Espero estar sempre ao lado da professora Joice, pois seu conhecimento e amor pela educação me invade de esperança e de inquietude.

Registro das Vivências - Povos dos Sambaquis



Momento de escuta do Conto, a luz de vela, com fundo musical, turma de 4º ano 2024.



Confecção dos personagens do Conto, 4º ano 2024.



Confecção dos personagens do Conto, turma 4º ano 2024.



Confecção dos zoólitos com argila, turma 4º ano 2024.



Exposição em sala dos zoólitos em argila, turma 4º ano 2024.



Leitura compartilhada do livro “Povos das Conchas” de Urda Alice Klueger, com registro em áudios, 5º ano 2025.



Aluna do 5º ano/2025 compartilhando o conto dos Sambaquis, poema e seus conhecimentos com sua família sobre os Povos das Conchas.



Sacola Viajante, parte da sala de aula e visita as famílias dos alunos, com poesia, contos, imagens e personagens e informações sobre os Povos das Conchas, 5º ano 2025.



Leitura, partilha e estudo e declamação do poema: Vozes dos Zoólitos, 5º ano 2025.



Releituras de imagens, 4 ano 2024, Povos do Sambaquis.



**Experiências Pedagógicas - Curso de Formação Continuada -
Sambaquis nos Anos Iniciais**

Unidade Escolar	EEB ELIZABETH ULLYSSÉA ARANTES
Professor/a responsável	KELLY REGINA DA SILVA ALFONSO
Turma envolvida na atividade	5º ANO
Componente/s Curricular/es envolvido/s na atividade	PORTUGUÊS, HISTÓRIA, GEOGRAFIA E ENSINO RELIGIOSO.
Tema da atividade desenvolvida	Sambaqui de Cabeçuda: vestígios do passado e valorização do patrimônio arqueológico local.
Breve relato das experiências desenvolvidas	Durante a formação sobre os sambaquis, desenvolvemos com a turma do 5º ano um projeto interdisciplinar voltado ao estudo do Sambaqui de Cabeçuda. A proposta culminou na produção de uma revista escolar que reuniu textos, poemas, mapas, jogos, desenhos e curiosidades produzidos pelos alunos. Exploramos a origem dos sambaquis, sua importância histórica e científica, os rituais dos povos antigos, os artefatos encontrados e a relação desses vestígios com o território local. As atividades envolveram pesquisa, produção escrita e artística, uso de tecnologias digitais, visita ao sítio arqueológico, oficina de Zoólitos e rodas de conversa sobre preservação do patrimônio. Além de colocar os estudantes em contato, pela primeira vez, com o uso de tecnologia digital para a produção de textos de diversos gêneros, incluindo jogos digitais.

Momentos significativos das vivências	A visita ao Sambaqui de Cabeçuda, onde os alunos puderam observar o local e compreender sua dimensão e contexto; A criação de um poema autoral inspirado na matéria lida sobre o sambaqui, produzido oralmente por um estudante que ainda não estava alfabetizado, mas demonstrou grande facilidade em organizar suas ideias. O professor atuou como escriba, registrando o poema diante da turma. O momento foi marcante, pois os colegas ficaram admirados com a criatividade e a fluidez do colega, reforçando o valor da oralidade como forma legítima de expressão; A produção de desenhos e mapas a partir da observação de imagens de satélite; O desenvolvimento de jogos educativos como caça-palavras, cruzadinhas e quiz, criados pelas próprias crianças; A elaboração de uma história em quadrinhos com apoio da inteligência artificial, respeitando o traço original dos alunos; A valorização do protagonismo de alunos com diferentes perfis, inclusive autistas, que contribuíram com textos, ilustrações e ideias; Os momentos de pesquisa, nos quais os alunos foram orientados a utilizar os tablets da escola para buscar informações sobre os sambaquis. Trabalharam em grupos e discutiram a importância de saber onde e como pesquisar, reconhecendo sites confiáveis, compreendendo os riscos de informações falsas e valorizando o pensamento crítico diante do que leem na internet.
Desafios e dificuldades	Um dos principais desafios foi trabalhar a diversidade de níveis de leitura e escrita na turma, conciliando a proposta da revista com os tempos e modos de aprendizagem dos alunos. Além disso, organizar os conteúdos em formato editorial exigiu planejamento e

	adaptações, especialmente para integrar as tecnologias digitais sem perder o foco pedagógico. Houve também limitações de tempo para concluir todas as etapas da produção.
Contribuição da formação para sua prática profissional	A formação ampliou minha compreensão sobre o potencial dos sambaquis como eixo integrador de saberes e como recurso para o ensino interdisciplinar. Reforçou a importância de valorizar a história local e desenvolver projetos significativos que despertem a curiosidade e o protagonismo dos estudantes. A experiência também fortaleceu o uso de metodologias ativas e de ferramentas digitais no processo de ensino-aprendizagem.

Anexo - Registros fotográficos com legenda



Produção de mapa a partir da observação de imagem de satélite.



Pesquisa usando os tablets da Escola.

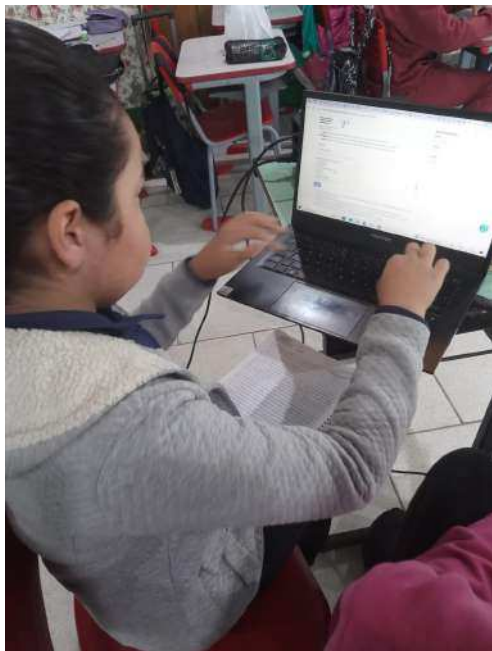


Aluno com TEA reproduz a placa do Sambaqui da Cabeçada enquanto trabalha em dupla na construção de um mapa com base em imagem de satélite.



Alunos em proposta de produção de texto a partir das pesquisas.





Alunas na produção do caça palavras



Alunos em oficina de Zoólitos



Alunos em saída de campo ao sambaqui de Cabeçuda



Experiências Pedagógicas - Curso de Formação Continuada - Sambaquis nos Anos Iniciais

Unidade Escolar	EEB. COMANDANTE MOREIRA
Professor/a responsável	ÂNGELA C. F. ANTONIO
Turma envolvida na atividade	4º E 5º ANO
Componente/s Curricular/es envolvido/s na atividade	HISTÓRIA/ GEOGRAFIA E CIÊNCIAS.
Tema da atividade desenvolvida	PROJETO INTERDISCIPLINAR: Viagem no Tempo e no Espaço: Descobrindo o Brasil e a Regional da Amurel do Sul de Santa Catarina.
Breve relato das experiências desenvolvidas	O projeto interdisciplinar visa engajar as crianças e mostrar como as diferentes áreas do conhecimento se conectam. Assim, proposto nesse primeiro momento com estudos de caso sobre a região do Farol de Santa Marta, sendo possível analisar exemplos específicos de interação entre o ser humano e o meio ambiente em diferentes regiões e épocas (ex: desmatamento da Amazônia, desenvolvimento da agricultura no Cerrado, urbanização do Sudeste, Sambaquis na região do Farol.). O estudo foi contemplado com a riqueza que temos a nossa volta e sua história, pois além de vídeos, fotos e teorias foi possível criar e realizar práticas em sala de aula onde as crianças eram os principais protagonistas. Diante deste estudo, pode-se levar conhecimento sobre a região que eles moram, compartilhar as histórias que existem ali tão perto sobre o passado da região e que ainda reflete de alguma forma até hoje. Além disso, pode-se realizar trabalhos com a produção de maquetes, caixas com a representação de sítios arqueológicos, simulações, artefatos, ossadas e realização de cenários históricos com a participação de todos os alunos.
Momentos significativos das vivências	A participação, e o engajamento dos alunos foi gratificante, desde a coleta de material até a produção. E poder ouvir que eles nunca haviam feito algo tão legal, não tem valor.
Desafios e dificuldades	É desafiador tudo que se propõe, mas em que questão de a turma ter alunos que ainda não estão alfabetizados isso dificulta o andamento dos trabalhos, já que na maioria das

	vezes e preciso não só medir, mas parar para dar suporte individual, mas é um desafio constante que faz parte do processo.
Contribuição da formação para sua prática profissional	As contribuições foram muito favoráveis para a prática profissional, especialmente ao enriquecer o ensino de história, geografia e ciências, e ao promover uma visão mais contextualizada sobre o conteúdo.

Anexo - Registros fotográficos com legenda



A simulação de um sítio arqueológico.



A produção da maquete do Sambaqui e as análises de artefatos encontrados.



Finalizando as maquetes para a simulação do estudo sobre o sítio arqueológico.



Simulação de estudo com a descoberta de uma ossada humana.



Observação da construção do sítio arqueológico e a preparação para dar início aos estudos de caso sobre o sambaqui.



Produção da maquete do Sambaqui.



Maquete concluída do Sítio Arqueológico Sambaqui Cabo de Santa Marta I.



**Experiências Pedagógicas - Curso de Formação Continuada -
Sambaquis nos Anos Iniciais**

Unidade Escolar	E.E.B.V. JURANDIR PEREIRA DOS SANTOS.
Professor/a responsável	PROFESSORA: ROSANE VALÉRIO FIDELIX
Turma envolvida na atividade	SÉRIE: 5º ANO
Componente/s Curricular/es envolvido/s na atividade	HISTÓRIA, GEOGRAFIA E LÍNGUA PORTUGUESA
Tema da atividade desenvolvida	ENTREVISTA REALIZADA COM O SENHOR NEVERALDO SOBRE O SAMBAQUI DA CARNIÇA.
Breve relato das experiências desenvolvidas	Na E.E.B.V. Jurandir Pereira dos Santos, a professora Rosane Valério Fidelix desenvolveu com a turma do 5º ano uma atividade investigativa sobre o sambaqui da Carniça, localizado na comunidade de Campo Verde. Os alunos elaboraram perguntas e realizaram uma entrevista com o senhor Neveraldo, morador local e conhecedor da história do sítio arqueológico. A partir do relato, construíram cartazes com as informações coletadas, produziram maquetes do sambaqui e modelaram zoólitos em argila, promovendo o conhecimento sobre os povos pré-coloniais e fortalecendo vínculos com a memória e o patrimônio cultural da região.
Momentos significativos das vivências	Saída de estudos ao Sambaqui Carniça I, com entrevista do morador local.
Desafios e dificuldades	
Contribuição da formação para sua prática profissional	Valorização da história local

Anexo - Registros fotográficos com legenda

ELABORANDO AS PERGUNTAS PARA ENTREVISTAR O MORADOR DE CAMPO VERDE.

ENTREVISTA REALIZADA COM O SENHOR NEVERALDO SOBRE O SAMBAQUI DA CARNIÇA.



CONHECENDO O SAMBAQUI E APRENDENDO MAIS SOBRE A HISTÓRIA DOS POVOS PRÉ COLONIAIS.





CONFECCÃO DE CARTAZES COM AS INFORMAÇÕES DA ENTREVISTA.





PRODUÇÃO DE ZOÓLITOS COM ARGILA E MAQUETE DO SAMBAQUI.





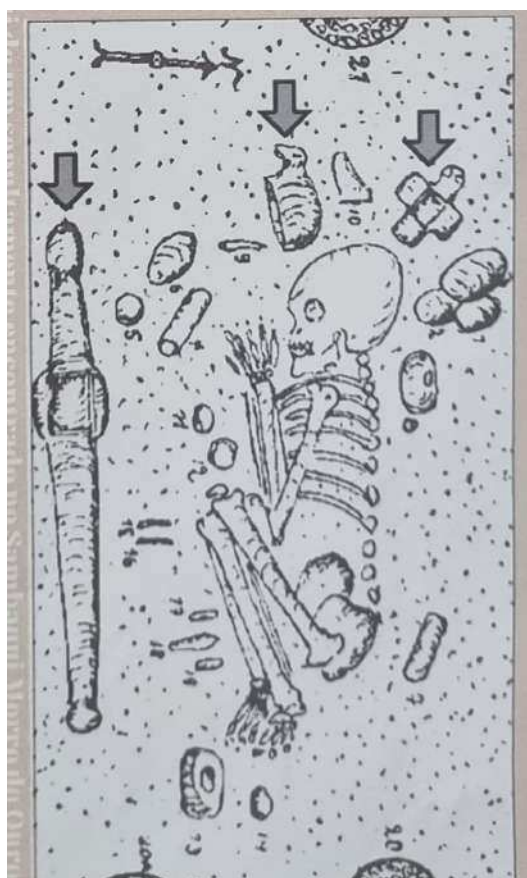
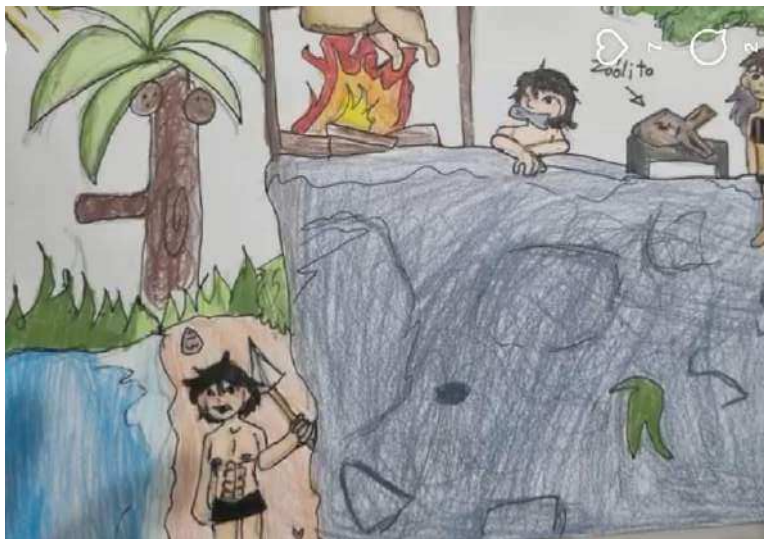
Experiências Pedagógicas - Curso de Formação Continuada - Sambaquis nos Anos Iniciais

Unidade Escolar	Escola de Educação Básica Custódio Floriano de Córdova
Professor/a responsável	Janaina Rodrigues da Silva
Turma envolvida na atividade	4º e 5º ano
Componente/s Curricular/es envolvido/s na atividade	História e ensino religioso
Tema da atividade desenvolvida	“Os Sambaquis de Laguna”
Breve relato das experiências desenvolvidas	No primeiro momento iniciei, relatando para os alunos o que iríamos aprender e a partir desse momento eles tornaram-se investigadores de seu lugar de morada, pois ficaram muito surpresos em saber que perto de suas casas, havia tanta história para mostrar e contar. Todos investigaram, trouxeram relatos, buscaram informações e tornaram nossas aulas muito mais atraentes, divertidas e construtivas.
Momentos significativos das vivências	Os desenhos e a confecção dos zoólitos tiveram muito significado para eles – mostraram a história contada e vivida em seu local de morada. E a maquete que contribuiu para a finalização do nosso processo de desenvolvimento e aprendizagem.
Desafios e dificuldades	Nossa dificuldade foi não ter conseguido fazer a visita (por condições climáticas), mas mesmo assim alguns pais levaram seus filhos até o sambaqui e as falas e descrições dos alunos foram muito especiais. Não tivemos desafios.
Contribuição da formação para sua prática profissional	Hoje pude conhecer um pouco mais da história do local de onde eu nasci e vivo. E me sinto orgulhosa de poder transmitir isso em sala de aula de forma leve e construtiva e melhor ainda, o retorno dos alunos e das

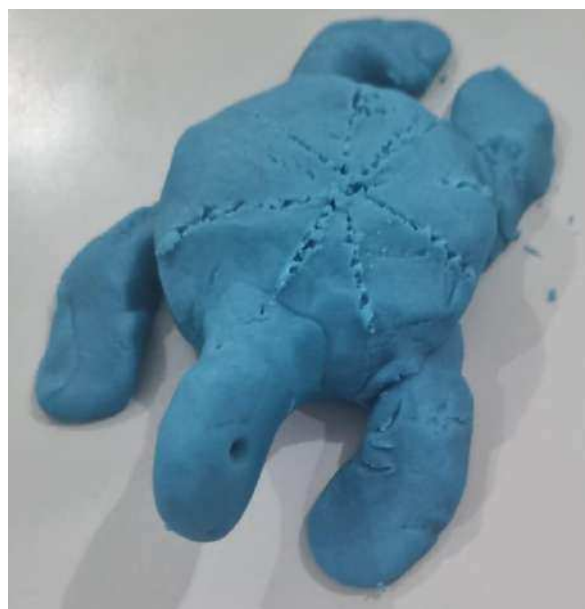
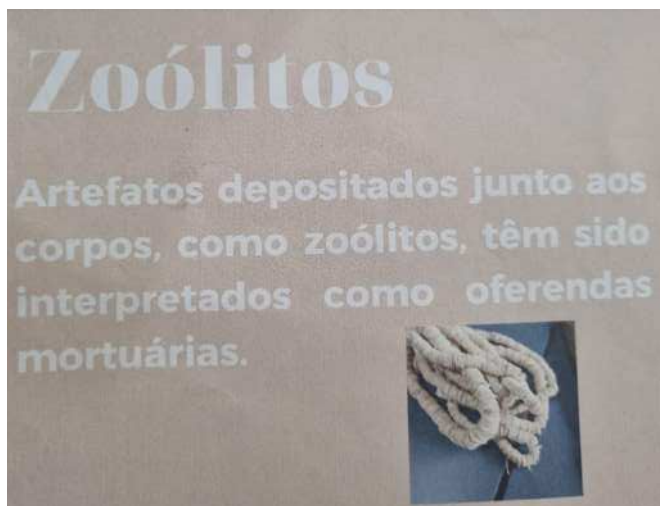
famílias foi muito positivo e gratificante.

Anexo - Registros fotográficos

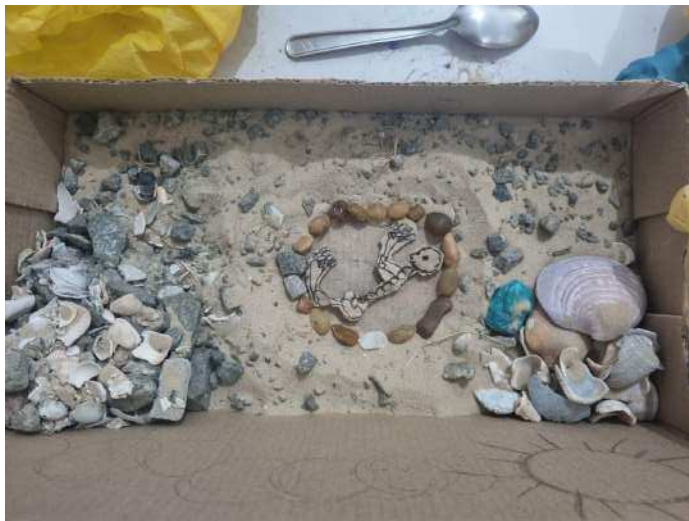
Desenhos conhecendo a história de como os Sambaqueiros viviam.



Zoólitos - construção de artefatos interpretados como oferendas mortuárias.



Maquete Sítio Arqueológico – Representar o local onde foram encontrados vestígios de atividades do passado





Experiências Pedagógicas - Curso de Formação Continuada - Sambaquis nos Anos Iniciais

Unidade Escolar	E.E.B José de Souza Guimarães
Professor/a responsável	Jurandir M. Marques Junior, Elias M. da Silva, Rodrigo V. da Rosa.
Turma envolvida na atividade	3º, 4º e 5º ano
Componente/s Curricular/es envolvido/s na atividade	História e Geografia
Tema da atividade desenvolvida	Os Povos Originários e a Importância da Valorização da Nossa História
Breve relato das experiências desenvolvidas	Como parte do estudo sobre os povos originários do Brasil, realizamos uma visita pedagógica a uma aldeia indígena com os alunos. A atividade teve como objetivo proporcionar um contato mais direto com a cultura, os saberes e os modos de vida dos povos originários, promovendo o respeito, a valorização e a quebra de estereótipos.
Momentos significativos das vivências	Durante a visita e os estudos, os alunos puderam conhecer a organização da aldeia, aprender sobre as tradições, os rituais, os instrumentos musicais, o artesanato e as histórias contadas pelos próprios moradores. Foi um momento rico de escuta e troca, no qual as crianças fizeram perguntas, participaram de atividades práticas e ampliaram seu olhar sobre a diversidade cultural do nosso país.
Desafios e dificuldades	
Contribuição da formação para sua prática profissional	A visita à aldeia não foi apenas um aprendizado para os alunos, mas também uma experiência transformadora para nós, educadores. O contato direto com os povos originários ampliou nossa

compreensão sobre a riqueza das culturas indígenas e nos fez refletir sobre a importância de promover uma educação mais inclusiva.

Essa vivência fortaleceu nosso compromisso em abordar os conteúdos de forma crítica e sensível, valorizando as vozes dos próprios povos originários e desconstruindo visões estereotipadas. Além disso, possibilitou uma aproximação mais humanizada entre escola e comunidade, ressaltando a importância de práticas pedagógicas que ultrapassem os muros da sala de aula.

A experiência contribuiu significativamente para o nosso crescimento profissional, ao nos lembrar da potência do ensino vivencial e do papel fundamental da escuta e do respeito às diversas formas de conhecimento. Saímos da aldeia com o coração cheio e a mente mais aberta, inspirados a seguir aprendendo e ensinando com mais sensibilidade, empatia e propósito.

Anexo - Registros fotográficos com legenda



Oficina de pintura com os alunos na aldeia Tekoa Marangatu



Trilha para a cachoeira
ano



Cachoeira em Tekoa Marangatu após a trilha - 4º/5º



Cachoeira em Tekoa Marangatu após a trilh



Visita a EIEB Tekoa Marangatu - 3º, 4º e 5º ano



Oficina de artesanato



Casa de reza Tekoa Marangatu



Visitação na Aldeia Tekoa Marangatu